

# Itaytera

Número 41

Ano 1997

---

---

*" Num país em que se levasse a sério a Constituição, os discursos de Alencar Araripe, os dados que fazia desfilar perante a Câmara, o tom maciço com que argumentava, como manejando blocos de granito, levariam qualquer Presidente da República a um processo de responsabilidade".*

*(Costa Porto, ex-Deputado Federal e ex-Ministro da Agricultura, em depoimento sobre seu colega, Deputado Antônio de Alencar Araripe.)*

---

---



# ITAYTERA

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI  
Fundado a 18 de outubro de 1953

PRIMEIRO PRESIDENTE  
Dr. Irineu Nogueira Pinheiro

Registrado no Cartório do Registro de Títulos e Documentos, Crato-CE, no Livro A - 1, fls. 417 - sob o número 6, em 30 de setembro de 1954, publicado no Diário Oficial, em 20.10.54.

Reconhecido de UTILIDADE PÚBLICA pela Lei Municipal n.º 453, de 22 de setembro de 58. Reconhecido de UTILIDADE PÚBLICA pela Lei Estadual 10.125, de 27.10.77, publicado no Diário Oficial do mesmo dia, Governo Adauto Bezerra. CGC n.º 05357359/0001/86.

## CADEIRAS DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

### Seção de Letras

01. PATRONO: Pe. Dr. José Antônio Maria Ibiapina  
Ocupante: João Lindemberg de Aquino
02. PATRONO: Bruno de Menezes,  
Ocupante: Dr. Raimundo de Oliveira Borges
03. PATRONO: José Alves de Figueiredo.  
Ocupante: Pe. Neri Feitosa
04. PATRONO: Alexandre Arraes de Alencar.  
Ocupante: Vaga
05. PATRONO: Monsenhor Pedro Esmeraldo da Silva.  
Ocupante: Vaga
06. PATRONO: Dr. Irineu Nogueira Pinheiro  
Ocupante: Emerson Monteiro Lacerda
07. PATRONO: Antônio Barbosa de Freitas

Ocupante: Vaga

08. PATRONO: Álvaro Bomilcar da Cunha  
Ocupante: Dr. José Newton Alves de Sousa
09. PATRONO: Dom Francisco de Assis Pires  
Ocupante: Monsenhor Francisco de Holanda Montenegro
10. PATRONO: Pe. Emídio Leite Cabral.  
Ocupante: José Huberto Tavares de Oliveira
11. PATRONO: Raimundo Gomes de Matos  
Ocupante: Vaga
12. PATRONO: Leandro Bezerra Monteiro  
Ocupante: Dr. Antônio Araújo Ribeiro
13. PATRONO: Dr. Otacílio Macêdo  
Ocupante: Vaga
14. PATRONO: Manoel Rodrigues Monteiro  
Ocupante: F. S. Nascimento
15. PATRONO: Leandro Chaves de Melo Ratisbona.  
Ocupante: Vaga
16. PATRONO: Pe. Francisco Pita  
Ocupante: Aécio Feitosa
17. PATRONO: João Brígido dos Santos  
Ocupante: Dr. Emídio Macêdo Lemos
18. PATRONO: Dr. Raimundo de Monte Arraes.  
Ocupante: Vaga
19. PATRONO: Dr. José Alves de Figueiredo Filho  
Ocupante: Dr. Wellington Alves de Sousa
20. PATRONO: Senador José Martiniano de Alencar  
Ocupante: Vaga
21. PATRONO: Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira  
Ocupante: Pe. Antônio Vieira

### Seção de Ciências

1. PATRONO: Barreto Sampaio  
Ocupante: Dr. Napoleão Tavares Neves



## EDITORIAL

Graças à clarividência, à boa vontade, ao espírito cívico e, sobretudo, o amor à região do Cariri, onde nasceu e de onde se projetou para o mundo - isso se referindo ao Mestre ANTÔNIO MARTINS FILHO, circula ITAYTERA, no seu número 41.

Quando o ano de 97 estava para se findar, e nossas angústias e preocupações já entravam pelo desengano de ver paralisada a série de números de Itaytera, que já completava 40 números sucessivos, eis que chega o alento, com a confiança e a jovialidade do eterno Reitor, e nos assegura ajuda providencial para a edição da presente edição.

ITAYTERA, assim, mostra que é como a FÊNIX lendária. Renasce das próprias cinzas, para, exuberante de vida e rica de colaborações levar a cultura do Cariri pelo País inteiro.

Tratando-se de revista de circulação somente uma vez por ano, muitos dos trabalhos aqui enfocados são de biografias. ITAYTERA é o registro de vidas humanas valiosas, dos seus feitos, de sua atuação na região ou fora dela. Mantém em suas páginas a universalidade, priorizando o regional. É documento vivo para esta e para todas as gerações. Pode ser criticada, pelo seu estilo, apresentação, distribuição das matérias. Sobretudo pelas matérias de cunho nitidamente regional.

Mas ela cumpre um programa de tudo registrar, de tudo documentar, de tudo guardar, para que nada se perca, na futura concatenação da história regional, de onde passou a constituir-se legítima fonte de informações, há muitos anos.

Ficamos satisfeitos com isso e agradecemos ao nosso grande Patrono, grande Amigo e grande conterrâneo, o Prof. Antônio Martins Filho, pela possibilidade desta edição, que contou, ainda, com outras ajudas, participações e incentivos, menores, é certo, mas todos de boa vontade e decisão. ITAYTERA é assim. Ela já não nos pertence mais. Pertence à memória histórica do Cariri e a ela, definitivamente, está incorporada, desde o seu nascedouro. Assim o número de 1997. E outros o serão no futuro.

A Direção



## GRATIDÃO A MARTINS FILHO



Não poderia o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, na presente edição, de prestar uma homenagem ao Professor Dr. Antônio Martins Filho, o nosso confrerrâneo, criador de Universidades, de exuberante mocidade espiritual nos seus 93 anos, a completar-se em 22 de dezembro de 1997.

É uma justa homenagem a quem tanto tem apoiado o Instituto e a revista ITAYTERA. Sua destemida atuação em favor de ambos tem sido notável.

Os nossos agradecimentos, nesta singela homenagem.

---





## EMPOSSADA NOVA DIRETORIA DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Foi na noite de 22 de novembro de 1996, antes da solenidade de posse do Dr. Wellington Alves de Sousa na Cadeira 19, do ICC, cadeira que tem como Patrono J. de Figueiredo Filho e como último ocupante, Mozart Soriano Aderaldo, que ocorreu a solenidade de posse da nova Diretoria do Instituto Cultural do Cariri, para o biênio 1997-1998.

A nova Diretoria ficou assim constituída:

Presidente - Dr. Raimundo de Oliveira Borges.

Vice Presidente - Dr. Manoel Patrício de Aquino.

Secretário Geral - Dr. Emerson Monteiro Lacerda.

Secretário - Jornalista Francisco Huberto Esmeraldo Cabral.

Tesoureiro - Carlos Alberto Bezerra de Brito.

Comissão de Ciências, Letras e Artes:

Dr. Napoleão Tavares Neves, Dr. Francisco William Bezerra, Maria Divani Esmeraldo Cabral.

Comissão de Sindicâncias e Finanças:

Dr. José Peixoto de Alencar Cortêz, Dr. Ronaldo Cordeiro Lima, Jornalista Eloi Teles de Moraes.

Comissão da Revista Itaytera:

Jornalista J. Lindemberg de Aquino, Jornalista Jurandir Temóteo de Sousa, Edésio Batista.

Seguiu-se a posse do Dr. Wellington, tudo terminando com um coquetel. A solenidade teve lugar no colégio Pequeno Príncipe.



## O PROFESSOR ANTÔNIO MARTINS FILHO

O idealismo construtor do professor Antônio Martins Filho no terreno específico das nossas letras vem de longe.

Seria, como continua a ser no ápice dos seus bem vividos 93 anos, um dínamo propulsor da cultura intelectual cearense.

Criou Revistas, Jornais, instalou gráficas, exerceu, vitoriosamente, a advocacia, pontificou como Mestre, mediante concurso, na Faculdade de Direito do Ceará, fundou a Universidade Federal, que dirigiu como reitor durante 12 anos de fecundas realizações.

Vem de longe, na verdade, essa quase obsessão do professor Martins Filho pelo nosso desenvolvimento cultural.

Já em 1922 - ano do centenário da nossa Independência Política - fundava ele em Crato a ACADEMIA DOS INFANTES, agremiando em seu redor, entre outros, os jovens Santino Gomes, Oceano Carleial e Pedro Felício Cavalcante, todos na faixa etária de 18 a 20 anos. Foi, enquanto existiu o sodalício, o seu Presidente e animador. Seu Patrono foi o poeta Augusto dos Anjos sobre o qual, 65 anos depois, publicou um excelente estudo - "Reflexões sobre Augusto dos Anjos".

A Academia dos Infantes foi como que a semente do Instituto Cultural do Cariri, aqui fundado e atuante, há 44 anos. Uma espécie de Padaria Espiritual do Crato, como foi a de Fortaleza criada por outro Antônio, o romancista Antônio Sales, autor de AVES DE ARRIBAÇÃO e fundador com Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras.

O professor Martins representou ainda o Ceará no Conselho Federal de Educação, foi Reitor como se disse, e continua ser por honraria da Universidade Federal do Ceará, a ela comparecendo todos os dias, fundou as Faculdades de Ensino Superior do Crato, e a Universidade Regional do Cariri (URCA), dirigiu os destinos da Funeduc e da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e foi alvo no Ceará, no Brasil e além-mar das mais expressivas manifestações de apreço por parte de instituições sócio-culturais da mais alta relevância.

O Programa Editorial Alagadiço Novo, da Casa José de Alencar, sob sua supervisão, já deu a lume cerca de 129

obras, inclusive a de minha autoria - "Memória Histórica da Comarca do Crato" - que suponho ter sido a última, recentemente publicada.

Foi e continua a ser um sonhador que sabe converter os sonhos em realidade.

Ele mesmo o disse, nesta síntese lapidar:

"Sonhar é fácil.  
Difícil é transformar  
o sonho em realidade.  
- Este, o desafio que sempre  
enfrentei, ao longo da vida."

E louvado seja Deus - quanto mais idoso, mais robusta se lhe torna a lucidez.

Um filho de quem o Crato com razão se orgulha.

Raimundo de Oliveira Borges  
22/11/97

## CENTENÁRIO DO DR. ANTÔNIO DE ALENCAR ARARIPE

Cometeria o Instituto Cultural do Cariri uma falta gravíssima se deixasse de registrar, nas páginas de ITAYTERA, a decorrência, a 15 de novembro de 1997, do centenário de nascimento do Dr. Antônio de Alencar Araripe. Foi dos cearenses mais ilustres deste século e grande amigo e incentivador de nossa instituição.

Vão, adiante, o registro das comemorações havidas e o discurso do nosso Presidente, Dr. Raimundo de Oliveira Borges, na sessão solene promovida pela Câmara Municipal do Crato, ao eminente homem público, falecido aos 3 de maio de 1989, do qual o Cariri inteiro guarda imperecíveis recordações.

### DR. LEÃO SAMPAIO

Igualmente segue uma homenagem ao Centenário do Dr. Leão Sampaio, grande figura humana do Cariri. ITAYTERA também o homenageia, publicando em suas páginas o discurso do Dr. Napoleão Tavares Neves e o artigo do Diretor da nossa revista, J. Lindemberg de Aquino. O último, foi publicado em diversos jornais, inclusive em Brasília.

A História é feita assim. De memória dos fatos e de publicação dos mesmos, sobretudo voltando-se para as futuras gerações. Entendemos assim.

### CÂMARA DO CRATO FESTEJOU CENTENÁRIO DE ALENCAR ARARIPE

Coube à Câmara Municipal do Crato, em sintonia com o Poder Executivo, o Poder Judiciário e a Diocese do Crato,

fazer o ponto alto das celebrações do centenário de nascimento do Dr. Antônio de Alencar Araripe, no mesmo dia do evento, em 15 e novembro de 1997.

Primeiramente houve concelebração solene na Catedral, para o acontecimento. A Diocese deve muito ao saudoso parlamentar, que muito a ajudou em diversas de suas iniciativas.

Depois, sessão solene na Câmara, antecedida do hasteamento de Bandeiras do Ceará, do Crato e do Brasil, ao som do Hino Nacional, em frente à sede do legislativo.

Na sessão solene, presidida pelo vereador Cláudio Esmeraldo, Presidente da Casa, tomaram assento à Mesa: Pe. Teodósio Nunes, representando o sr. Bispo Diocesano; os drs. José Caminha de Alencar Araripe (irmão) e Jósio de Alencar Araripe (filho) em nome da família do homenageado; o Dr. Martins. Juiz de Direito da Comarca, o Dr. Samuel de Alencar Araripe, sobrinho do homenageado; o Dr. Raimundo de Oliveira Borges e o Dr. Ronald de Figueiredo Albuquerque, representando a Universidade do Cariri. E o Prefeito Raimundo Coelho Bezerra.

## ORADORES

Foram oradores José Caminha de Alencar Araripe, Dr. Raimundo de Oliveira Borges, Presidente do Instituto Cultural do Cariri, que pronunciou magistral oração sobre o Dr. Araripe; o Dr. Jósio de Alencar Araripe, referindo-se a diversas facetas da vida do seu Pai, e, por fim, o Prefeito Raimundo Bezerra, em nome do município. Todas as orações se caracterizaram pela beleza e profundidade com que analisaram a vida do grande cearense.

## ANEXO

A Câmara inaugurou, a seguir, no edifício Cícero Araripe, bem próximo de sua sede, um seu anexo, onde passaram a funcionar o Gabinete da Presidência, salas das comissões, contabilidade, etc, em 6 distintas salas, tendo havido coquetel. Tudo agora na Câmara está informatizado, graças ao empenho da atual Mesa Diretora, tendo à frente Cláudio Gonçalves Esmeraldo.

## OUTRAS HOMENAGENS

Na mesma Câmara, 3 dias antes, o vereador Maurício Almeida Filho pronunciara discurso de grande beleza, recordando a vida, a obra e a personalidade de Alencar Araripe. No Rotary Club do Crato a homenagem se fez pela palavra do Dr. José Peixoto de Alencar Cortêz. No Rotary Club do Crato - Centro a homenagem ficou por conta da palavra de J. Lindemberg de Aquino.

O Instituto Cultural do Cariri se fez presente a todas essas homenagens como grande beneficiário do Dr. Araripe, que nunca negou a sua assistência à instituição e à revista ITAYTERA. O Crato, pois, celebrou condignamente a passagem desse centenário, que foi um marco para a história contemporânea da cidade.

## ANTÔNIO DE ALENCAR ARARIPE

Aqui estamos reunidos os filhos, os amigos e os representantes dos poderes públicos do Crato, prestando merecida e significativa homenagem a um dos vultos mais eminentes da terra durante dilatados anos - O DR. ANTÔNIO DE ALENCAR ARARIPE, na oportunidade em que, vivo fosse, estaria completando 100 anos de fecunda existência.

Nascido em outras plagas, radicou-se, não obstante, de tal maneira, ou de corpo e alma, nesta região, notadamente em Crato, que não seria exagero dizer que talvez a amasse mais do que muitos dos que tiveram o privilégio de aqui abrir pela primeira vez os olhos.

Doou-se, na verdade, inteiramente, à terra acolhedora, com o indormido contributo de suas energias físicas e intelectuais, para vê-la projetar-se no contexto sócio-político-cultural cearense à altura de suas heróicas e gloriosas tradições.

Creio que não seria despiciendo, como intróito, traçar de relance, a este ensejo, a trajetória ascensional do homenageado desde a terra do berço a esta nunca assaz louvada e querida PRINCESA DO CARIRI.

Nasceu o Dr. Antônio de Alencar Araripe na fazenda Remédio, no município de Pereiro, aos 15 de novembro de 1897.

Não viu nem sentiu, entretanto, decorrer ali a descuidada e risonha fase da infância.

O seu prestimoso pai - Otaviano Cícero de Alencar Araripe - como Promotor de Justiça e Advogado não tinha residência fixa, mudava constantemente de domicílio conduzindo para os novos *habitats* a família que ia constituindo numerosa.

A este respeito, valho-me do testemunho de um dos seus ilustres filhos, o consagrado escritor e jornalista de pulso J. C. de Alencar Araripe, que diz no seu excelente livro - SALTOS NO TEMPO:



"Meu pai, Otaviano Cícero de Alencar Araripe parece que tinha alma de cigano. Talvez por força de atividades que desenvolveu, como Promotor de Justiça e Advogado. Hoje estava aqui, amanhã acolá."

De fato, residiu em Tauá, em Jardim, onde o Doutor José Caminha de Alencar Araripe veio ao mundo, em Várzea Alegre, Cedro, Crato e Araripe.

Em Tauá, onde também iniciei minha carreira como Promotor de Justiça em 1941, funções que ainda exerci em outras comarcas do Estado, fui também uma espécie de cigano até chegar, providencialmente, ao Crato, aqui permanecendo até hoje, já lá se vão 55 anos; em Tauá, repito, Antônio de Alencar Araripe foi aluno do grande sociólogo Joaquim Pimenta, então jovem acadêmico de Direito, filho da capital dos Inhamuns, que ali passava as férias dando aulas para conseguir recursos - pobre que era - necessários ao prosseguimento do seu curso em Fortaleza.

Araripe deve ter tido, certamente, nessa fase de sua formação, decisiva influência do impertérrito defensor da causa operária no Brasil, do "precursor da campanha da arregimentação do operariado nacional", como disse o ex-aluno em artigo publicado no O POVO de 12 de março de 1963, quando do falecimento do sociólogo. Influência que fez do futuro Deputado o defensor intransigente da problemática região nordestina.

Vocacionado para as lides da inteligência, no foro, na imprensa e no Parlamento, Antônio de Alencar Araripe, ainda moço, fundou em Lavras da Mangabeira um colégio, do qual foi aluno o festejado poeta e grande educador Filgueiras Lima, filho da cidade plantada à beira do "doce Rio Salgado", na terna expressão de um filho da terra.

Advogado provisionado, não se conformou em permanecer na classe em plano secundário. Seguiu para Fortaleza e no velho Liceu da Praça dos Voluntários concluiu o curso de preparatórios, matriculou-se na Faculdade de Direito do Ceará e em 1927 conquistou o diploma de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, que honrou até os seus últimos dias.

No Cariri do seu tempo nenhum Advogado dos militantes na região sulcearense e adjacências teve atuação mais abrangente e mais brilhante.

Como político veio de etapa em etapa galgando os degraus dos mais altos postos, só acessíveis aos que possuem, como ele possuía, talento, dedicação às causas que postulam, preocupação menos com os interesses próprios do que com os da coletividade que representam.

Prefeito do Crato por mais de uma vez, além de introduzir na administração municipal medidas válidas de desenvolvimento, adotou, sobretudo, normas salutares de preservação e de respeito aos bens patrimoniais e da riqueza da municipalidade.

O provector Senador Fernandes Távora, no prefácio com que apresentou o livro "Doze Anos de Parlamento", com 503 páginas, em que Araripe faz uma espécie de prestação de contas dos seus mandatos, dele diz a certa altura:

"Político da melhor cepa, sua dedicação à causa pública marcou-se com um colorido essencialmente regional, constituindo quase uma obsessão seu devotamento aos problemas nordestinos, especialmente os cearenses."

Granjeou no Congresso, graças à sua pertinácia frente aos problemas do Nordeste, a alcunha, ou o honroso título de "deputado das secas".

E não se limitou à campanha da construção dos grandes reservatórios, como o Orós.

A pequena e média açudagem constituiu, por seu turno, objeto de sua absorvente preocupação. Citemo-la de relance: Açude Várzea-do-Boi (Tauá), Poço de Pedras, Quixabinha (Mauriti), Latão (não concluído), em Nova Olinda, Campos Sales, Umarí, Crato, Poço da Volta (Jati), São Vicente (Várzea Alegre) e Atalho (Brejo Santo).

Dedicou-se com o mesmo ardor ao sistema de barragens nas vales do Carás, do Riacho dos Porcos, do Cariús, do Machado e do Rio Salgado.

Eu estou convicto de que, fosse Antônio Araripe Deputado hoje a transposição das águas do Rio São Francisco para o semi-árido não estaria marchando a banho-maria (refiro-me aos estudos mal iniciados) porque na Câmara a sua voz se elevaria espicaçando a inércia ou a má vontade dos governos de fementidas promessas.

O Presidente Fernando Henrique Cardoso, em entrevista a um jornal quando de sua última visita ao Ceará disse, numa conversa para boi dormir, que o problema d'água do São Francisco não era mais de irrigação, mas para "matar a sede" (sic).

Ora, o conjunto de médios e pequenos açudes que já temos dá para matar a sede, mesmo que seja a carros-pipa nas épocas de escassez, o que nós, nordestinos, precisamos é de água para irrigação, para o incremento da lavoura e para nos matar a fome. Ao invés de grandes reservatórios apenas, uns dos outros distanciados, açudes aos mil, em todos os municípios, como Antônio Araripe sugeria, e não só sugeria como demonstrava em substancioso estudo que deu a lume em alentado opúsculo.

De que servem, na verdade, Orós, Banabuiú, e outros, somente eles, para Antonina do Norte, Farias Brito e outros áridos municípios do centro-sul, municípios que, aos primeiros meses de verão de invernos ruins, como o deste ano, já estão se abastecendo do precioso líquido a léguas de distância?

Araripe viu tudo isto com olhos e alma de homem dos sertões e não como pensam os "sábios de gabinete" a ar condicionado e piso macio de tapetes caros.

Estendeu ainda a sua percuciente e benfazeja visão a outros setores válidos da comunidade. O Instituto Cultural do Cariri, de que foi um dos fundadores e benfeitor, mantém-se em prédio que cedeu sem ônus para a instituição.

Enquanto isto, a direção do sodalício dirigiu-se há cerca de dois anos ao governador do Estado solicitando ajuda financeira para a construção da sede própria, em terreno já

doado pela Prefeitura Municipal, à Praça Filemon Teles, instruindo a súplica com a necessária documentação (planta, orçamento, laudo técnico), recebendo em resposta a informação de que tudo havia sido encaminhado à Secretaria de Cultura, para os devidos fins. Acontece, porém, que até esta parte a solicitação permanece encalhada nos canais enferrujados da burocracia. O fulcro do pedido é o decreto sancionado pelo governador no encontro da Serra do Araripe, aqui em Crato, a chamada lei de incentivo à cultura mediante proventos do ICM.

O Instituto Cultural do Cariri honra a memória do Dr. Antônio de Alencar Araripe, dando-lhe o nome à sua rica biblioteca e ostentando-lhe o retrato na galeria dos ex-presidentes e benfeitores.

A sua morte consternou o Ceará.

Toda a imprensa registrou com pesar o infausto acontecimento, noticiando em resumo tudo o que ele conseguiu no Congresso em bem do Ceará e do Nordeste, desde a Assembléia Nacional Constituinte de 1946.

Trineto de Bárbara Pereira de Alencar, a heroína da Revolução de 1817, irrompida em Crato, e bisneto de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, mártir da Revolução do Equador de 1824, assassinado barbaramente em Santa Rosa, região Jaguaribana e ali sepultado.

A esta altura, vem a pêlo referir, o movimento que aqui se esboça no sentido de serem trasladados para esta cidade os restos mortais de Tristão, filho sem dúvida dos mais eminentes do Crato. A idéia é tanto mais justa e inadiável quanto é certo que o local onde jazem as cinzas do herói ficará submerso pelas águas do Castanhão.

É sem dúvida uma reivindicação pela qual, fosse Antônio Araripe vivo, estaria se batendo arduamente.

Casado com Ana da Franca Alencar (Donita), da família do Coronel Nelson da Franca Alencar, figura respeitável e de grande prestígio do Crato antigo, deixou cinco filhos: Jósio, Rivanda, Edda, Jales e Moema, uma descendência

que, pelos seus méritos na advocacia, na magistratura e demais atividades socioculturais, revela a origem meritória de onde veio.

As Revoluções emancipacionistas no Ceará, disse-o renomado historiador, foram obra de uma família, a família Alencar.

O Crato, de formação cívica inabalável, continua fiel às suas gloriosas tradições, reverenciando e conservando no escrínio de suas melhores lembranças as figuras imortais de cuja Árvore Genealógica Antônio de Alencar Araripe descende: Bárbara de Alencar, Martiniano de Alencar, Tristão de Alencar, tronco seivoso que, partindo dos sertões de Pernambuco, radicou-se profundamente nos ubertosos rincões do Cariri cearense. E se esgalhou dando frutos opimos pelo país inteiro, do Império à República, até chegar à direção suprema da Nação com o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco.

Homenageando, pois, Antônio de Alencar Araripe nesta oportunidade, o Crato homenageia ao mesmo tempo toda a estirpe dos valorosos forjadores da nossa História.

Raimundo de Oliveira Borges  
Crato, 15.11.97

(Discurso pronunciado pelo Dr. Raimundo de Oliveira Borges, Presidente do Instituto Cultural do Cariri, na sessão solene comemorativa dos 100 anos de nascimento do ex-deputado federal Antônio de Alencar Araripe).

# CENTENÁRIO DO DR. LEÃO SAMPAIO

LEÃO SAMPAIO

A BREVE HISTÓRIA DE UMA GRANDE VIDA!

## 1 - O Berço

Leão Sampaio nasceu em Barbalha, Ceará, no dia 06 de fevereiro de 1897, na rua da Matriz, quase à sombra do oitão da tradicional Matriz de Santo Antônio.

Era filho de José de Sá Barreto Sampaio, "Zuca Sampaio", próspero comerciante em Barbalha e de sua esposa, Dona Maria Costa Sampaio, ambos de tradicionais famílias da "Terra dos Canaviais" de tantas e tão nobres tradições no Vale do Cariri.

A casa onde nasceu fica no topo da colina que um dia viu Barbalha nascer, quando Francisco Magalhães Barreto Sá mandou erigir uma capelinha em louvor a Santo Antônio, em março de 1778. A partir daquela capelinha Barbalha nasceu e vem crescendo emoldurada por seus esplêndidos canaviais que atapetam de verde o ubertoso Vale do Salamanca servido de fontes perenes que trazem água cristalina brotada do sopé da majestosa Chapada do Araripe.

O lar onde Leão Sampaio nasceu era dos mais ajustados, dignos e respeitados da sua comunidade, onde pontificava um casal que sempre viveu para a família, para o trabalho e para a fé! Sua genitora era um anjo de bondade que as gerações sucessivas da família Sampaio consagraram na sua memória como "Mãe Yayá". Seu genitor era um verdadeiro "Varão de Plutarco" de todo o Sul do Ceará, homem reto, inflexível na defesa do bem e da fé, probo como mais não podia ser, honesto até os limites da honestidade, um verdadeiro sacerdote leigo que levou a prática da reli-

gião católica às raias da quase perfeição na rotina do dia a dia do seu ajustado mundo familiar.

Foi neste sadio ambiente familiar que nasceu Leão Sampaio, como segundo filho de uma família de nove irmãos.

## 2 - Os Estudos

Inicialmente, Leão Sampaio estudou aqui em Barbalha, com sua tia, Dona Ana Filotéia Costa, "Dona Filozinha", como era mais conhecida e com o Sr. José Pio Rodrigues. Depois foi para Quixadá, para o Colégio Beneditino da Serra do Estêvão e em seguida foi para o colégio Anchieta, em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro que, pelas dificuldades, mais parecia o fim do mundo!

Em 1915, fez vestibular de Medicina na Faculdade de Medicina da Bahia, a pioneira do ensino médico no Brasil. Já no 4º ano médico transferiu-se para a Faculdade Nacional de Medicina, do Rio de Janeiro, onde concluiu o curso médico em 1922; já médico, especializou-se em Oftalmologia. Por isso, era excelente clínico geral e também excelente Oftalmologista. Quando fez o vestibular de Medicina, passaram apenas três alunos: Agostinho, Djalma e Leão Sampaio! Por isso, a Faculdade de Medicina da Bahia teve que fazer novo vestibular para completar a sua turma. Para estudar na Bahia ele ia a cavalo tomar o trem em Juazeiro da Bahia! Vejam que dificuldades enfrentava!

## 3 - O Médico

Seria possível a alguém qualificar Leão Sampaio como médico? Creio que não! O Padre Antônio Vieira, pena de ouro do Ceará, confessa publicamente a sua grande dificuldade em dizer com palavras o que Leão Sampaio era como médico! Eu, pessoalmente, jamais consegui satisfazer-me quando escrevo sobre Leão Sampaio! Tentei várias vezes e sempre rasguei o que escrevi, achando que minhas

palavras eram sempre muito pequenas para a grandeza da personalidade do perfilado.

Por isso, apelei para o Padre Murilo de Sá Barreto, seu afilhado e parente, para que escrevesse a sua biografia e estou a esperá-la.

Como médico, Leão Sampaio foi inimitável! Um seu cliente me disse recentemente: "Tudo o que se disser dele como médico, será pouco"!

E eu concordo plenamente com este conceito.

Quem o visse na azáfama do seu consultório, pensaria como eu pensei certa vez: eis um novo Francisco de Assis, na paciência, no amor ao próximo, na capacidade de servir! Antes dele, não sei notícia de outro igual, nem Miguel Couto! Depois dele, com certeza, não virá outro! Com suas qualidades, nunca! Como disse o Padre Murilo de Sá Barreto ante a sua urna mortuária: "Este homem é semente, e semente do bem"!

Durante o seu tempo de clínica em Barbalha, Leão Sampaio fez de tudo: parto com manobras, cirurgias de glaucoma e catarata, amputação de coxa, cirurgia de hérnia estrangulada, cirurgia de amígdalas, já que não havia Hospital no Cariri! Foi um polivalente seguro e consciente, chegando a operar de glaucoma sua própria genitora, tal era a sua segurança!

Sim, como médico foi um polivalente, não há dúvidas! E como tinha aguçado faro clínico! E como era seguro na sua diagnose e na sua terapêutica! E como era serviçal, disponível! Ia a chamados nos sítios e nos sertões, a carro ou a cavalo, chegando muitas vezes a pés nos casebres da zona rural! E como era humilde no seu grande saber clínico! E como era ético na sua Medicina!

Não recusava "parada" fosse para onde fosse, arrosando rios cheios ou seca inclemente, cortando os sertões infestados de cangaceiros por paragens ínvias! O que lhe interessava era socorrer o doente, fosse qual fosse a situação! E no final da trabalhadeira, quando lhe pediam a conta,



sempre a mesma infalível resposta que todo o Nordeste aprendeu a escutar: "Dê o que quiser, se puder e quando quiser. Dinheiro não importa!" Esta resposta era, como que, um chavão infalível e repetitivo, quase um carimbo com a inconfundível marca de Leão Sampaio, certamente um verdadeiro sopro de Deus que jamais será repetido por igual!

Certa vez, para atender a um cidadão engasgado, em Lavras da Mangabeira, lá chegou com o Rio Salgado em cheia, nos braços de populares, mas chegou! E do lado de cá do valente rio ficou a esperá-lo de volta o seu motorista preferido: José Nunes de Oliveira, no seu velho Ford de nome "meu bem" escrito no vidro traseiro! Tempos heróicos aqueles!

Em outra ocasião, em casa de um cliente, tomou café "adoçado" com hidrossulfito de sódio, "branquite", de alvejar rapadura, para não causar alvoroço e dificuldades à dona da casa. E vejam que "branquite" tem odor e sabores horríveis! Nos sertões de Pernambuco ofereceram-lhe, certa vez, "água de coco"; era aguardente, "pinga" da boa! E ele sorveu o gole de "água de coco" com lágrimas nos olhos! E nada reclamou!

Assim era a vida do médico Leão Sampaio: daria uma enciclopédia de coisas interessantes, quase folclóricas, que ele não contava a ninguém, mas que todo o Cariri sabia e glosava pelos tempos afora.

Bem disse o Padre Vieira no seu telegrama de pêsames à família de Leão Sampaio: "Não choremos o morto; oremos ao Santo!" Na verdade, como médico, Leão Sampaio tinha aura de santidade! Tanto isto é verdade que muita gente, não podendo aviar a sua receita, fazia dela um chá e ficava bom! O seu colega médico, Dr. Quintílio de Alencar Teixeira, viu alguém fazer isto e citou o fato em candente crônica por ocasião dos 90 anos de Leão Sampaio, publicada no jornal "O POVO", de Fortaleza.

No seu velório, em Barbalha, um popular desconhecido e anônimo chorava convulsivamente. Ninguém sabia quem era o amigo anônimo, um homem do povo. O repórter Antônio Vicelmo conseguiu desvendar o mistério. Era o agri-

cultor Miguel Couto das Neves que viajou 10 Km para agradecer o que Leão Sampaio lhe fizera aos 18 anos de idade: amputara-lhe um braço estraçalhado pela explosão de uma bomba, fizera-lhe todos os curativos em visitas domiciliares e nada cobrara! O pagamento que mais gostava, por seus serviços médicos, era aquele de que certa vez nos falara Rui Barbosa: "A doçura do bem distribuído sem a mínima idéia de remuneração!"

• Era assim Leão Sampaio: "Um santo mais do que um médico", na feliz expressão do Padre Antônio Vieira que, quando candidato a Deputado Federal, não votou em si mesmo, para votar em Leão Sampaio que, certa vez, salvara a sua genitora.

E durante o tempo de Leão Sampaio como médico ainda não havia nem antibióticos, nem sulfas! Os tratamentos clínicos eram prolongados e muitos levavam até anos! Havia doentes que chegavam a comprar casas em Barbalha! E Dr. Leão os visitava a domicílio, a pés, muitas vezes alta noite, com um lampião na mão, porque ainda não havia energia elétrica na cidade! E ele, muitas vezes, era o médico e o enfermeiro, fazendo curativos, tirando temperatura, aplicando injeções! Só posteriormente, foi que o enfermeiro prático, Valter Teixeira de Macêdo, passou a acompanhá-lo nas visitas domiciliares.

A sua rotina era esta: ia para o consultório às 8 horas, após o café, e lá já fervilhava de gente, almoçava no consultório, às 14 horas e lá continuava atendendo até depois de meia noite! O jantar era também quase sempre no consultório. Quando terminavam as consultas, ia ele fazer visitas domiciliares aos clientes operados, mudando curativos oculares. Muitas vezes, adormecia nas cadeiras na hora das visitas! Certa vez, colocou o termômetro em um paciente e adormeceu sentado na cadeira, tal era o seu estado de exaustão física! Quando terminava tais visitas era que ia para casa, já pela madrugada. Praticamente não via os filhos que sempre estavam dormindo quando ele podia chegar em casa! Pelo visto, durante seu tempo de médico em Barbalha, a sua vida domiciliar e familiar foi prejudicada pelo consultório.

Aliás, foi este estado de coisas que mais fez com que sua esposa e sua família quisessem vê-lo Deputado Federal, com mais condições de, pelo menos, dormir bem. E assim foi. Só nas férias parlamentares é que voltava ao consultório e com força total com toda a clientela deixando para ser por ele atendida em poucos dias. No final de sua atividade médica, deixou ele uma clínica médica e a cirurgia oftalmológica, ficando somente com a refractometria, isto é, prescrição de óculos, ainda naquele método antigo de caixas de lentes, experimentando lente por lente. Era um trabalho cansativo que ainda presenciei em Barbalha, mas mesmo assim, nunca o vi impaciente, ou vexado, ou zangado, ou mal humorado! Ao vê-lo naquela mansidão e bonomia, eu pensava comigo mesmo: "Este homem é um grande poeta, mesmo sem fazer versos; Poeta pela sensibilidade, pelo espírito desarmado, pela quase ingenuidade!" Mas parecia uma criança grande! Para mim, que o admirava desde criança, através da narrativa dos meus pais e familiares, foi um grande privilégio conhecê-lo, quase uma graça! Até a minha vocação médica veio através da grande admiração que tive pelos dois irmãos Sampaio: Leão e Pio Sampaio, dois apóstolos da Medicina, cujos nomes foram postos em homenagem aos Papas Leão XIII e Pio X, Príncipes da Igreja Católica Apostólica Romana que teve em Zuca Sampaio um verdadeiro sacerdote leigo, conhecedor da sua doutrina, praticante das suas normas como bem poucos padres o foram.

E não se diga que a sua Medicina era charlatanesca. Muito pelo contrário: era de cunho científico e muito bem orientada por admirável propedêutica médica! Foi médico do Padre Cícero, apesar do saque de Barbalha em 1914.

E, apesar do seu temperamento manso, era decidido ao agir como médico. Nas hérnias estranguladas, se não houvesse ainda necrose de alça, ele fazia anestesia local com sinalgan e desfazia o anel estrangulador, com tempo de o paciente ir deitado para Recife ou Fortaleza onde já havia hospitais. Até pareceu ousado demais, mas não era. Era seguro demais, isto sim! Tinha consciência do que estava fazendo! E Deus parecia seu parente próximo, porque o ajudava muito!

Com os colegas, ele era ético até mais não poder ser. Não criticava diagnóstico de ninguém, mesmo errado. Não falava dos colegas menos experimentados a ninguém. Era a

própria ética personificada! Homem raro este Leão Sampaio! Médico raro este grande apóstolo da Medicina sertaneja! Cidadão de escoli este filho do venerando Zuca Sampaio! Bem diz o Padre Murilo de Sá Barreto: "Leão Sampaio é uma figura transuniversal!" Concordo com este conceito em gênero, número e grau! Ao longo da minha vida nunca vi médico igual! Na Faculdade de Medicina nunca vi ninguém parecido com ele na profissão médica nem na bondade! Nem o grande Francisco Montenegro, do Recife, humilde e simples.

Prá mim, como médico, Leão Sampaio foi ímpar, sem similar! Foi o pico mais elevado da paisagem médica do Nordeste brasileiro, sem sombra de dúvidas!

#### 4 - O Casamento

Tendo se formado em 1922, Leão Sampaio começou a clinicar em Barbalha, sua terra natal, em 1922. Graças às suas inigualáveis qualidades médicas e humanas, em pouco tempo granjeou invejável conceito profissional que se derramava extra fronteiras do município e até do Estado, projetando-se pelos sertões dos estados vizinhos. Em pouco tempo, Barbalha transformara-se em centro médico regional para onde fluía gente de todo o interior do Nordeste. Leão Sampaio, com a sua simpatia e a sua afabilidade, era centro e a causa de todo este inusitado movimento. E apesar do seu grande sucesso, não cobrava honorários por seus serviços médicos!

Um belo dia, sua irmã Alacoque Sampaio, chegou de férias, do colégio da Imaculada Conceição, de Fortaleza, trazendo uma colega para passar férias em Barbalha. Era a jovem Odorina Castelo Branco, filha única do educador Prof. Odorico Castelo Branco, conceituado intelectual da capital cearense e inspirado poeta.

Em pouco tempo, apesar as suas ocupações, Leão estava enamorado da jovem Odorina e passou a arranjar tempo para tomar parte nos passeios que sua irmã Alacoque promovia para proporcionar lazer à sua colega em Barbalha. Freqüentava também as festinhas familiares promovidas por

seus irmãos mais jovens nas quais sempre havia “concertos” com a jovem Odorina ao violino e sua irmã Alacoque ao piano. Afinal, apesar da sua já grande fama de médico, Leão Sampaio tinha só 28 anos de idade e a jovem Odorina apenas 17 anos, sendo 11 anos e seis meses mais moça do que o seu príncipe encantado e também seu primeiro amor.

Odorina era órfã de pai e mãe e vivia como interna no colégio onde estudava, em Fortaleza, inclusive nas férias. Naquele tempo, a música era praticada por todas as famílias bem nascidas e a família Sampaio não fugia à regra. Assim, Leão Sampaio integrava-se sempre que possível aos “concertos” dos seus irmãos tocando flauta. Sentia-se que a música aproximava cada vez mais os dois jovens namorados. O lazer dos jovens da respeitável mansão da rua Major Sampaio, em Barbalha, era um lazer sadio, salutar, saudável: “concertos” improvisados, passeios às fontes do Caldas e da Santa Rita! “Zuca Sampaio” o incorruptível, não admitia lazer que não fosse sadio, sem nenhuma permissividade. E o lazer dos seus filhos era, portanto, um lazer sadio sempre sob o olhar de Deus.

Tempos depois, Leão Sampaio foi ao Rio em viagem de estudos e passando por Fortaleza, pediu Odorina em casamento ao seu tutor Milton Costa Freire, ficando já o casamento marcado para o dia 8 de setembro de 1926.

Efetivamente, o casamento foi realizado na data marcada e o jovem par passou 15 dias em Fortaleza em lua de mel, regressando depois para Barbalha de trem até Missão Velha e a cavalo de lá para Barbalha. A bagagem do novo casal barbalhense chegou de carro de boi!

Dr. Leão Sampaio e Dona Odorina foram recebidos em Barbalha em meio a muitas festas, inclusive acompanhados pela filarmônica local, passando a residir na rua Boulevard, hoje avenida coronel João Coelho, esquina com a rua Sete de Setembro.

Leão Sampaio formou-se em Medicina aos 24 anos de idade, casou-se aos 29 anos, tendo Dona Odorina 18. (Aos 37 anos de idade já era Deputado Federal!). A partir daí foi uma nova vida, com o nascimento de 13 filhos.

## 5 - O Político

Leão Sampaio não fez Medicina para entrar na política, como muitos. Pelo contrário, a política o foi buscar no seu consultório médico pelo tipo de Medicina humanitária que ele fazia sem nenhum outro objetivo que não fosse fazer o bem pelo bem, sobretudo aos mais humildes e os mais necessitados. Assim, pode-se dizer que a política não o roubou da Medicina, mas esta o dividiu com a política e tanto numa como noutra ele foi muito digno, honesto e inatacável. Foi modelar e foi exemplo em ambas as atividades!

Leão Sampaio entrou na política com as mãos limpas e saiu dela com as mãos limpas, de cabeça erguida, vitoriosamente. Saiu do Parlamento Nacional quando bem quis e porque quis, transferindo o cargo de Deputado Federal ao seu filho, Dr. José Mauro Castelo Branco Sampaio, médico também hipocrático e para quem o serviço ao povo humilde nunca o cansou, igualmente.

Leão Sampaio clinicava em Barbalha quando, em 1934 os seus amigos o lançaram candidato a Deputado Federal com alguma resistência da sua parte, por não querer abandonar sua clientela, a sua terra e também por não dispor de dinheiro para gastar na campanha política. Era famoso, mas era pobre.

Os amigos mandaram confeccionar as chapas eleitorais com o seu nome, arrecadaram fundos e eis que Leão Sampaio com apenas 13 anos de clínica em Barbalha e com 37 anos de idade, era Deputado Federal Constituinte, no Rio de Janeiro, Capital Federal!

Durante os trabalhos da Constituinte revelou-se muito assíduo ao seu trabalho, sem alardes, sem oratória bombástica, mas muito eficiente, carreando vultuosas verbas para todo o Cariri, sobretudo Barbalha e Juazeiro, pilastras basilares da sua eleição.

Era Deputado sóbrio, honesto, muito conceituado, benquisto no Congresso Nacional, sem demagogia, mas muito

reto e eficiente, desfrutando de invejável credibilidade em todas as áreas, com trânsito livre em todos os partidos!

O golpe de Estado de 1937, dado por Getúlio Vargas instaurando o Estado Novo, dissolveu o Congresso Nacional e o trouxe novamente para Barbalha onde ele deu continuidade ao seu sacerdócio médico, sem pose, com a mesma simplicidade e proficiência de sempre. Voltou a ser somente médico.

Em 1945, as Forças Armadas botaram o ditador para baixo e as eleições foram marcadas para 2 de dezembro de 1945. Novamente os amigos de Leão Sampaio o lançaram candidato a Deputado Federal pela União Democrática Nacional – U.D.N., que congregava em seu bojo as oposições ao getulismo.

Novamente os amigos de todas as siglas partidárias tudo fizeram para elegê-lo e eis que ele volta novamente ao parlamento nacional com votos de eleitores de todos os partidos políticos, já que naquela época não havia a vinculação partidária do voto. Admirável!

E, coisa interessante e única: P.S.D. e a U.D.N., no interior, eram como gato e rato, ou como azeite e água, mas, quando se tratava de Leão Sampaio tudo isto se dissipava, as barreiras eram desfeitas, as fronteiras partidárias abertas e o voto era de Leão Sampaio, o nome suprapartidário! Por exemplo, o meu avô materno, Manoel Tavares Rosendo, "Coronel Né Rosendo", de Porteiras, era fiel cacique do velho P.S.D., mas votava religiosamente em Dr. Leão Sampaio para Deputado Federal enquanto fez política! Isto é apenas um exemplo, entre muitos outros casos semelhantes em todo o Ceará. Incrível! Era a força da bondade! E assim, de 1945 até 1974, Leão Sampaio ficou no Parlamento Nacional com exemplar postura política, sempre personificando a ética, a decência, a moral e a probidade! Nunca deixou de ser pobre, porque nunca usufruiu as benesses do poder! Jamais aceitou comissão de quem quer que fosse pelas verbas conseguidas, sempre teve muito espírito público e nunca empregou ninguém da sua família em sinecuras. Todas as obras

que deixou nos seus 30 anos de Parlamento foram construídas sem publicidade de qualquer natureza e inauguradas sem placas com o seu nome! Quem quiser constatar isto é só ir aos grandes colégios Santo Antônio e Nossa Senhora de Fátima, de Barbalha, entre outros.

Mas, a maneira de Leão Sampaio propagar a sua candidatura era também muito original: ele visitava os amigos, mas não pedia voto; os sobrinhos e amigos que o acompanhavam, na hora da despedida da visita é que diziam que ele era candidato, enquanto ele ia saindo encabulado e vermelho, como que, com acanhamento daquele “despropósito”!

Por outro lado, por uma questão de ética, Leão Sampaio não votava nele mesmo; permutava o seu voto com o seu colega, Dr. Joaquim Fernandes Teles, do Crato, um votando no outro, já que eram amigos, do mesmo partido, ambos médicos hipocráticos e representantes do Cariri! Raro! Talvez único!

Durante os seus anos de Deputado Federal, Leão Sampaio conseguiu grandes melhoramentos para as comunas que representava, citarei apenas as obras de maior vulto por ele conseguidas:

- ❖ Hospital-Maternidade São Lucas, de Juazeiro do Norte, com verbas entregues ao seu amigo e colega, Dr. Mário Malzoni.
- ❖ Hospital-Maternidade São Vicente de Paulo, de Barbalha, até a altura do teto, com verbas entregues ao seu colega e amigo, Dr. Antônio Lyrio Callou.
- ❖ Posto de Endemias Rurais, de Juazeiro do Norte, entregue ao seu colega e amigo, Dr. Possidônio da Silva Bem.
- ❖ Posto de Endemias Rurais, de Barbalha, entregue ao seu colega e amigo, Dr. Antônio Lyrio Callou.
- ❖ Posto de Endemias Rurais de Jardim, confiado ao seu colega e amigo, Dr. Romão Soares Sampaio.



- ❖ Colégio Santo Antônio, de Barbalha.
- ❖ Colégio Nossa Senhora de Fátima, de Barbalha.
- ❖ Escolas da Liga Barbalhense contra o Analfabetismo.
- ❖ Hotel Bom Jesus, do Caldas.
- ❖ Urbanização do Balneário do Caldas, a primitiva.
- ❖ Obras do Centro de Melhoramentos de Barbalha, tudo com verbas entregues ao seu irmão, Antônio Costa Sampaio, maior líder que Barbalha já teve.
- ❖ Campo de Semente de Barbalha.
- ❖ Ramal ferroviário de Barbalha.
- ❖ Serviço de abastecimento de Água de Porteiras.
- ❖ Açude "O Cearense", de Parnamirim, Pernambuco.
- ❖ Verbas para a Sociedade de Proteção à Maternidade e à Infância, de Barbalha.
- ❖ Posto de Puericultura da L.B.A. de Barbalha, hoje agregado ao Hospital São Vicente, de Barbalha.
- ❖ Milhares de bolsas de estudos para estudante pobres.

Não consultei nenhuma fonte para rememorar tais obras, obviamente incompletas. Apenas busquei as gavetas da memória e enumerei tão-somente as de maior vulto e que me vieram à mente assim no curto espaço de tempo disponível para este apressado esboço biográfico, menos de uma semana. A vida de Leão Sampaio merece uma suculenta biografia que espero seja escrita por um dos seus netos ou por um amigo, como o Padre Murilo de Sá Barreto a quem já dei a sugestão. Seria o fruto de uma acurada pesquisa que não tive tempo de fazer. Fiz este modesto trabalho em apenas três dias!

Para concluir, devo dizer que Leão Sampaio foi um político totalmente diferente da grande maioria dos políticos interioranos. Nunca teve prestígio na área estadual, porque nunca fez política à base de mudança de soldado ou delegado de polícia ou transferência de professoras. Nunca perseguiu quem quer que fosse, mesmo quando o seu mano, General Manoel Expedito Sampaio, foi Comandante da Polícia do Ceará no Governo Paulo Sarasate. Sua área de atu-

ação para conseguir benefícios foi sempre no plano federal, conseguindo verbas em verdadeira romaria pelos gabinetes ministeriais, sobretudo nos setores de saúde e educação.

A mais contundente acusação que ouvi lhe fazerem como político equívale a um elogio: "Dr. Leão é ruim para arranjar empregos, porque não gosta de pedir".

Dr. Leão Sampaio nunca foi político de palanques ou comícios, porque sempre preferiu as visitas aos amigos e clientes. Trabalhava na surdina. Em rápidas pinceladas, foi assim o político Leão Sampaio que eu conheci, totalmente avesso às picuinhas da política municipal ou estadual, um político da área federal, praticante da Política com P maiúsculo! Assinou as Constituições de 35 e 46 e só não assinou as de 37, 67 e 69 porque foram autoritárias!

## 6 - O Elogio de Raquel de Queiroz

Na década de 40, Dr. Leão sentia dificuldade para fazer sua campanha política por falta de recursos financeiros. O seu parente e amigo Pedro Cruz Sampaio o ajudava muito, capitaneando os demais amigos, mas, mesmo assim a reeleição era duvidosa. Edmundo Sá, Sinhô Sampaio e Marchet Callou tudo faziam por sua eleição.

Foi aí que entrou a consagrada escritora Raquel de Queiroz com magnífica crônica na famosa ÚLTIMA PÁGINA da revista "O Cruzeiro", dos Diários e Rádios Associados, com tiragem nacional. A revista de Assis Chateaubriand era muito lida por todos e custava apenas um cruzeiro. Aquela esplêndida crônica elogiosa, dimensionando a sua invulgar grandeza humana, valeu-lhe muitos votos e Dr. Leão, mais uma vez, foi para o Parlamento Nacional que ficou mais digno com a sua simpática presença. A palavra de Raquel de Queiroz, sua amiga e admiradora, ex-colega de internato de Dona Odorina e sua confidente, equívaleu a uma consagração nacional da sua bondade! E o médico pobre do interior era eleito ao lado dos ricos, dos famosos, dos ban-

queiros, dos empresários. Verdadeiro milagre da bondade de uma grande alma!

## 7 - O Cidadão

Não sabemos de ninguém mais cívico e de mais espírito público do que Leão Sampaio. Patriota, amava o Brasil com todas as veras do coração e sobretudo amava a sua Barbalha com desmedido amor!

Ultimamente, já alquebrado pelos quase 92 anos, no Rio de Janeiro, quando lhe disseram que viria para Barbalha, um sorriso aflorou-lhe nos lábios e foi logo cuidando de trocar de roupa para viajar. Era o reencontro com suas raízes, à volta à terra natal que em dois meses lhe abriria o seu abençoado solo para recebê-lo de volta ao seio. Até para morrer Leão Sampaio foi exemplar! A humildade franciscana sempre foi o apanágio da sua existência. Não tinha vaidades. O seu grande prestígio nunca lhe subiu à cabeça e tanto tratava bem ao político eminente no Congresso Nacional como ao mendigo na sua porta, em Barbalha! Para todos tinha uma palavra de resposta e com amenidade, com delicadeza. Por tudo isto, não vacilamos em qualificá-lo como um cidadão de escol!

## 8 - A Morte

Leão Sampaio morreu como viveu: placidamente. Como católico praticante, recebeu a extrema-unção das mãos do seu afilhado, parente, admirador e amigo, além de conterrâneo Padre Francisco Murilo de Sá Barreto, o mesmo sacerdote culto e virtuoso que celebrou a festa das suas Bodas de Ouro e dos seus 90 anos, pronunciando comoventes homílias.

Leão Sampaio, como todos os da sua família, comungava freqüentemente. Era católico realmente praticante e temente a Deus. Fechou os olhos para sempre em um dos leitos da Casa de Saúde Santo Inácio, de Juazeiro do Norte,

que tem o seu filho Dr. Mauro Sampaio, como um dos sócios fundadores, ao romper da aurora do dia 24 de novembro de 1988, fechando-se com ele uma página gloriosa da Medicina e da política do Cariri e do Ceará! 91 anos e 9 meses!

“É muito bonito o homem orgulhar-se da terra onde nasceu! Mais bonito, entretanto, é a terra orgulhar-se do filho que deu ao mundo!”

## 9 - O Sepultamento

O sepultamento de Leão Sampaio aconteceu na manhã do dia 25 de novembro de 1988, às 10 horas, após missa celebrada na Igreja do Rosário, em Barbalha, aliás, templo católico construído por seu genitor, de 1907 a 1921, quando foi inaugurado. Foi um sepultamento com um comparecimento realmente ecumênico, por assim dizer. Havia gente de todas as comunas do Cariri, de todos os partidos, de todos os credos religiosos, de todas as classes sociais, de todas as raças, de todas as gerações! Na multidão que, cabisbaixa, o levou ao túmulo, havia humildes trabalhadores braçais e Secretários de Estado, mas nem por isto deixou de ser um sepultamento humilde como ele foi em vida! Não houve pompas, mas houve o soluço surdo do homem anônimo! Não houve discursos laudatórios, mas a voz do povo simples se fez ouvir numa modesta homília de saudade e gratidão!

## 10 - A Santa Missa das suas Exéquias

A Santa Missa das suas exéquias foi concelebrada na Igreja do Rosário, em Barbalha, por sete sacerdotes.

À estação do Evangelho, o Padre Murilo de Sá Barreto pronunciou certamente uma das mais tocantes homílias da sua vida, a todos comovendo.

Leão Sampaio nos deixou para sempre, mas consolamos saber ser verdade o que nos disse o grande Coelho Neto:

“Não morre quem nos outros vive!  
Não morre quem nos vivos vive!  
É na saudade dos vivos que os mortos se eternizam!”

Eis, meus amigos, a breve história de uma grande vida!  
MISSÃO CUMPRIDA!

Barbalha, 06.02.97

Napoleão Tavares Neves,

(Saudação oficial ao centenário do Dr. Leão Sampaio,  
por convite da Câmara Municipal, na sessão solene rea-  
lizada no dia 6.2.97)

## ADENDO GENEALÓGICO

Irmandade:

- 1) Mariinha, de prendas domésticas, casada, residente em Recife.
- 2) Leão, nome em homenagem ao Papa Leão XIII por quem seu genitor tinha grande admiração, sobretudo pela encíclica, "Rerum Novarum".
- 3) José, comerciante em Barbalha, a mansidão personificada, um dos esteios da "Casa Sampaio", de Barbalha.
- 4) Paulo, comerciante em Barbalha, um dos esteios da "Casa Sampaio". Inteligentíssimo, com fortes pendores para a matemática, com certeza o maior Q.I. da irmandade.
- 5) Maria Alacoque (a 1ª), falecida na infância.
- 6) Antônio, o maior líder que Barbalha já teve. Ex-Prefeito e Ex-Vereador, em dos esteios da "Casa Sampaio" e baluarte maior do Centro de Melhoramentos de Barbalha, do Lions Clube de Barbalha e da Liga Barbalhense Contra o Analfabetismo que presidiu por 55 anos, sem remuneração! Era o espírito público personificado!
- 7) Pio, médico humanitário, mais anjo do que médico! Ex-Deputado Estadual e Sub-secretário de Administração do Governo Virgílio Távora. Mais sacerdote do que médico! Homenagem do seu genitor ao Papa Pio X.
- 8) Maria Alacoque, educadora exímia, musicista de conceito, poetisa com três livros publicados, catequista de meio mundo, professora de piano de várias gerações, sepultada na Igreja do Rosário, em Barbalha, da qual foi zeladora enquanto viveu. Inupta. Um anjo de bondade, talvez a mais absoluta unanimidade de Barbalha! Compositora. Compôs todos os hinos das instituições barbalhenses, em número de 15 hinos! Autora de "Canta Barbalha", hino da cidade.
- 9) Manoel Expedito, general do Exército, ex-Comandante das Polícias Militares do Amazonas, do Ceará - Governo Paulo Sarasate, e do Pernambuco - Governo Cid Feijó Sampaio, seu primo legítimo. Foi Superintendente da SUDENE na Re-

volução de 64, por onde passou sem deixar mágoas, apesar da hora de exceção em que a presidiu com prudência e isenção de ânimo, coisas difíceis de se ter àquela época. Amigo pessoal do General Castelo Branco que o escolheu, a dedo, para a espinhosa missão substituindo o economista Celso Furtado.

#### FILHOS:

- 1) José Mauro, médico humanitário, Deputado Federal por 4 legislaturas, com eficiente trabalho por Juazeiro e pelo Cariri em geral. Constituinte de 1988. Prefeito de Juazeiro em dois períodos com destacada atuação.
- 2) Paulo Maurício, competente engenheiro, fundador da Construtora SERGEN que foi dona da IBACIP, em Barbalha. Teve destacada atuação na construção de Brasília. Ao inspecionar obras da sua construtora no interior de Pernambuco foi morto em pavoroso acidente automobilístico prematuramente, quando era empresário de sucesso com sólida situação econômico-financeira.
- 3) Odorico Carlos. Economista.
- 4) Helena Maria.
- 5) Arina Maria.
- 6) Maria Neuma.
- 7) Luiz Tarcísio, engenheiro de sucesso em São Paulo, social e economicamente bem situado na Paulicéia.
- 8) Antônio Hugo, advogado e bancário. Chefiou os escritórios do Banco do Brasil em toda a América do Sul.
- 9) Tereza do Menino Jesus.
- 10) Margarida Maria.
- 11) Francisco Fernando, engenheiro civil e empresário. Foi fundador da Fabrica de Soros, de Barbalha. Fundador da Construtora Três Ss e da Construtora SERPLAN.
- 12) Pedro Jorge, engenheiro eletrônico. Foi Diretor da EMBRATEL e Vice-Presidente da INTELSATE, multinacional com sede nos Estados Unidos onde reside. Sua atuação

foi fundamental para fundação da Rádio Salamanca, de Barbalha, vale dizer, da atual Rádio Cetama.

### 13) Myrian.

Todos estes filhos são casados com ilustre descendência, portanto, gente vitoriosa e de destaque.

## DR. LEÃO SAMPAIO

É muito difícil falar ou escrever quanto as emoções são mais intensas que as pulsações do coração e mais fortes que a dialética e o raciocínio da inteligência. Há momentos em que a gente sente mais do que pensa e pensa mais do que poderia dizer.

Já tentei diversas vezes escrever sobre Dr. Leão Sampaio, mas não conseguia conciliar as idéias com os sentimentos, nem coordenar o pensamento para traduzir a estima, veneração, respeito e gratidão a uma das pessoas mais singulares e extraordinárias que cruzou os meus caminhos, e deixou em mim as digitais infinitas da bondade e da compreensão.

Quem quer que dele se aproximasse, sairia convencido como os piemonteses ao se encontrarem com São Francisco de Assis: "Eu vi, hoje, Cristo na pessoa de um homem".

Leão Sampaio não era apenas um médico humanitário, como o foram Miguel Couto, Moura Brasil, Osvaldo Cruz, Noel Nutels, Elísio de Figueiredo, Manoel Carlos de Gouveia, Batista de Oliveira e tantos outros peregrinos da bondade, anjos da caridade, a lenir dores e a enxugar lágrimas.

Era mais sacerdote que médico. Mais santo que humano. Um mártir do dever. Um semeador de felicidade, de esperanças, de alegria, de consolações. Sacrificava os lazes e os doces enlevos do lar, com a esposa e os filhos, renunciava mesmo às gritantes necessidades de descanso e de repouso do seu organismo, para se entregar de alma e corpo à sua segunda família, tão estimada e tão carinhosamente tratada, e pela qual seria capaz de dar a própria



vida, que eram os seus doentes, vindos não apenas de todo o Ceará, mas também dos longes sertões da Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia e Piauí.

Seu nome corria naquelas regiões distantes com tantos carismas, afeição e veneração como os do Padre Cícero Romão Batista. Os dois se porfiavam em prestígio e simpatia junto aos pobres, aos humildes, aos sofredores. Ao Padre, faziam promessas. Ao Doutor, confiavam o seu destino.

Lá na Barbalha, corria, de boca em boca, que o Dr. Leão Sampaio fazia milagres. Em 1936, ainda cursava o Seminário Menor do Crato, quando minha mãe foi acometida de uma pertinaz e martirizante enfermidade que a fazia definir sensivelmente, quando se desloca para Barbalha, na esperança de um milagre.

Era um tempo em que a medicina, sobretudo no sertão, era realizada de forma empírica, e os médicos agiam mais por intuição e dedicação do que com recursos da técnica e das especializações atualmente existentes, e à falta de medicação específica e dos processos cirúrgicos, receitavam xaropes, elixires, que eram manipulados pelos farmacêuticos. Não havia, naqueles remotos tempos, nenhum antibiótico, nem mesmo os sedativos e tranqüilizantes de hoje. Mamãe sofria de terrível infecção ou tumor no cérebro, que chegou a reduzi-la ao peso de 27 quilos. Parecia mais uma múmia que gente. Semelhava-se a um cadáver recoberto de pele.

Dr. Leão Sampaio, durante dois anos seguidos, sem faltar um dia sequer, saía do seu consultório invariavelmente às 2 horas da madrugada, com um lampião na mão, para visitar e casa em casa os seus doentes, aplicando-lhes uma injeção, ou dando uma palavra de conforto, de esperança, de otimismo sempre com os lábios perfumados de um sorriso místico, que tinha o brilho das estrelas dos céus e o perfume das corolas policromáticas.

Toda a nossa família, em visitando mamãe, sabia que ela não sobreviveria àquele doloroso Calvário, porque eram evidentes os sintomas das energias físicas, orgânicas e

sentimentais, exauridas e consumidas pela impertinente enfermidade, que a desgastava a olhos vistos. Todos nós já esperávamos o final doloroso. Uma de suas irmãs, ao visitá-la, retirou-se em pranto, dizendo: "jamais verei a minha irmã".

Só um milagre poderia salvá-la. E nós passamos a confiar mais no santo milagreiro do que no médico. Contava-se no tempo que uma senhora pobre fora consultar-se com ele, recebendo, como de praxe, a receita. Não tendo dinheiro para comprar os remédios, chegando em casa, teve a intuição de fazer um cozimento com o papel da consulta, e ingerindo aquele original remédio, ficou imediatamente curada.

O fato é que, em outubro de 1938, Dr. Leão Sampaio chegou para o meu pai e disse: - "Seu Vicente, pode levar a sua esposa para casa, que ela está curada". De começo, sentimos que Dr. Leão queria apenas se libertar daquele peso, de maneira diplomática e caridosa. E na realidade, logo começou o processo de recuperação, causando surpresa a todos nós como fora possível que mamãe, sofrendo de um tumor no cérebro, pudesse ter sido curada.

Pascal disse que o coração tem razões que a própria razão desconhece. E Cristo já havia ensinado que a fé remove até as montanhas. Foi inquestionavelmente um milagre de fé, de dedicação, de amor. A irmã de mamãe, que saiu chorando de Barbalha, porque jamais poderia vê-la viva, morreu em 1958, e mamãe finou os seus dias em novembro de 1979.

Quando Dr. Leão Sampaio candidatou-se a deputado federal, houve um inusitado e estranho movimento em toda a Região Caririense como no mais longe dos sertões nortdestinos para que ele desistisse da candidatura, porque ele não podia afastar-se de Barbalha, porque ele já não se pertencia a si, era um patrimônio do povo, do Nordeste, era o que D. Fulton Sheen, arcebispo de Nova Iorque, chamava, "um santo da humanidade".

Já meu pai procedeu diferentemente. Embora fosse um apaixonado cabo eleitoral do P.S.D. e mantivesse radi-

cal oposição a U.D.N., partido pelo qual Dr. Leão Sampaio se candidatara, tanto o seu voto como dos seus eleitores eram religiosamente destinados a ele.

Candidato a deputado federal em 1966, meu pai chegou para mim e disse, com aquela sinceridade que lhe era peculiar: -"Meu filho, eu não vou votar em você e os votos que tenho são para o Dr. Leão Sampaio".

Abracei o meu pai, e debruçando a minha cabeça sobre o seu ombro, em soluços e com a voz entrecortada pela comoção, consegui a custo dizer-lhe: -"Papai, também o meu voto será do Dr. Leão Sampaio".

Fui talvez o único candidato que não votou em si mesmo. E mais uma vez, o Santo de Barbalha, fez outro milagre: multiplicou aquele meu voto em milhares de votos com os quais eu fui eleito.

Padre Antônio Vieira.  
Fortaleza, 1987.  
(Do livro, "Eu e os Outros".)

## CENTENÁRIO DO DR. LEÃO SAMPAIO

Por J. Lindemberg de Aquino

Dentre as várias datas importantes que deverão transcorrer, à farta, neste ano de 1997, uma se destaca, pela importância histórica e sentimental que representa para a região cariense: o centenário de nascimento do ilustre médico oftalmologista, deputado federal e grande figura humana que foi o Dr. Leão Sampaio. O inusitado nome de Leão é responsável por uma lenda, que por muitos anos, correu o Cariri inteiro: sua mãe, grávida, sonhou que o filho que trazia no ventre, tinha um grande destino: ia ser Papa! Talvez o primeiro, em todo o continente americano! Por "precaução", batizou logo o menino, ao nascer, de Leão... Na doce e irrequieta juventude, o menino se revelou "danado"

e cheio de peraltices... A mãe se desiludiu e anos depois estando novamente grávida, o sonho se repete. Ela se rejubilou e deu a esse novo rebento, o nome de Pio... Nenhum dos dois foi Papa, é certo, mas foram grandes homens. Leão foi médico pela Faculdade de medicina da Bahia com o curso concluído na Faculdade do Rio, revelou-se um grande clínico, que somava às suas qualidades espirituais e morais a cativante bondade de um médico-sacerdote, percorrendo, às vezes, ínvias estradas, para acudir clientes distantes, sempre com um tratamento que resultava plenamente vitorioso. A fama foi se espalhando. De sólida formação cristã, atendia aos mais pobres sem nada receber em troca, praticando a verdadeira caridade e exercendo a profissão na estrita observância do seu juramento.

Dele diria o deputado Paes de Andrade, fazendo o seu necrológio, na Câmara Federal, em Brasília: "Fez da profissão autêntico sacerdócio, conquistando a confiança e o respeito das comunidades, de vasta região do Ceará, o que lhe valeu verdadeira idolatria, sobretudo de parte dos mais pobres e sofredos, aos quais atendia com raro desprendimento, sem nada receber pelos serviços prestados. Era médico de vocação e de exemplar destinação humana. Fidalgo no trato, para com todos os que o procuravam, era sobretudo, um homem simples e desprendido, sempre atencioso e cortês, que não fazia discriminação de qualquer ordem, jamais faltando aos seus concidadãos...". Um retrato bem acabado, estas palavras, sobre o Dr. Leão Sampaio.

Nasceu Leão Sampaio em 6 de fevereiro de 1897, em Barbalha, filho de José de Sá Barreto Sampaio (Zuca Sampaio) e Maria Costa Sampaio. Foi casado com a Exma. Sra. Odorina Castelo Branco Sampaio, nascida em 25.08.1908 e falecida, depois dele, em 01.08.1992

De Leão Sampaio pode-se dizer que ocupou grande destaque na vida cearense. Convocado à vida partidária, com a vitória da Revolução de 30, veio-lhe o primeiro mandato para a Câmara dos Deputados na legislatura 33/34. Não completou esse primeiro mandato, pelo golpe de Esta-

do de Vargas. Esperaria até 46 para ser, novamente, conduzido à Câmara, com excelente votação. Nesse pleito, o Cariri mandaria mais três dignos representantes: Joaquim Fernandes Teles, Antônio de Alencar Araripe e Hildo Furtado Leite.

Se assinou, como constituinte, a Constituição de 34, fê-lo novamente como constituinte, na Constituição de 46. Nesse mandato, foi membro da Comissão de Saúde da Câmara e suplente da Comissão de Relações Exteriores. Como integrante da Comissão Parlamentar Brasileira, participou da 49ª Conferência da União Interparlamentar, em Tóquio, Japão. Integrou também, como observador, a delegação brasileira, à Conferência Interparlamentar Internacional sobre Comércio e Desenvolvimento, em Nova Deli. Permaneceu como deputado federal nas legislaturas de 33, 34, 46-51, 51-55, 55-59, 59-63, na de 67-71 e na de 71-75, quando passou o bastão de sua liderança política ao filho, também médico, Mauro Sampaio. Este, por sua vez, esteve em várias legislaturas, foi Secretário de Estado, no Ceará, da Fazenda e do Planejamento, e está exercendo, pela segunda vez, a Prefeitura de Juazeiro.

Na sua passagem pela Câmara, o Dr. Leão Sampaio foi inexecutável no seu zelo para com a região do Cariri, contemplando com verbas e dotações quase todos os Municípios do Estado, especialmente da Zona do Cariri. Foi a menina dos seus olhos o Hospital São Lucas, o primeiro de Juazeiro, para o qual destinou recursos para sua construção, aparelhamento e funcionamento. Muitas instituições de Barbalha são gratas às suas permanentes ajudas.

Na atividade parlamentar - di-lo, ainda, Paes de Andrade - foi "um incansável advogado" "era obstinado e intrépido", exerceu a atividade política com "honradez, austeridade e espírito público" e colocava, "acima de quaisquer conveniências, eventuais na militância partidária, os imperiosos interesses do povo e do Estado".

Era tamanha a sua fama de médico, que, diziam, muita gente queimava as receitas para, das cinzas, fazer chá.

Fez milhares de curas, de problemas de vista. Disso é testemunha o Dr. Raimundo Borges que, jovem, se deslocando de Caririçu, foi com ele se receitar, e salvou a visão na iminência de perdê-la para sempre.

Conheci bem o Dr. Leão Sampaio. Com ele privei e fui dos que estiveram em seu velório, quando faleceu a 24 de novembro de 88, tendo comparecido, com outras milhares de pessoas, às cerimônias consagradoras de seu féretro.

Dele guardo, no escrínio de minha saudade, a lisonjeira impressão do seu fino trato e superior amabilidade, igualmente compartilhada por seus 13 filhos, alguns dos quais, meus amigos de muito tempo. Dele trago evocações de uma imensa saudade, pela forte impressão que sempre me causava a sua personalidade. Os jornais foram pródigos, após sua morte, em elogios à sua pessoa, pois ele soube plantar as virtudes do bem, da caridade e da cidadania, sendo um raro exemplar de cidadão, de político honrado e digno e pai de família exemplar. O seu irmão, Pio, foi médico, como ele, oftalmologista incansável, paciente e bom e foi deputado estadual no Ceará, tendo falecido a 13 de dezembro de 96.

Os demais irmãos são todos conhecidos pela imensa bondade e carinho para com a pobreza, pela correção e pela formação eminentemente cristã.

No transcurso do centenário do Dr. Leão Sampaio, o Ceará se orgulha de um filho de tamanhas qualidades, formado no exemplo de uma família cristã e recatada e forjado no cadinho do exemplo doméstico - cultivando as virtudes que o tornaram conhecido em todo o Brasil. Merece a data, pois, ser condignamente comemorada.

## PROF. JOSÉ HUBERTO TAVARES DE OLIVEIRA EMPOSSADO NA CADEIRA Nº 10.

O prof. José Huberto Tavares de Oliveira, das mais gratas revelações jovens da cultura, em Crato, foi eleito para a Cadeira nº 10, do ICC, substituindo o Escritor Tomé Cabral dos Santos. O Patrono da Cadeira é o Pe. Emílio Leite Cabral. A solenidade foi em 11 de julho de 1997, no auditório da Rádio Educadora do Cariri.

A seguir, na íntegra, os dois discursos pronunciados naquela memorável noite: o de José Emerson Monteiro Lacerda, saudando o Prof. Huberto Tavares, e, logo após, o discurso do novo ocupante, sobre a vida e a obra de Tomé Cabral.

### INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI — CONVITE

O Instituto Cultural do Cariri tem a honra de convidar V. Exa. Família para a Sessão Solene de Posse do Prof. José Huberto Tavares de Oliveira, na Cadeira nº 10, da Seção de Letras deste Instituto, figurando como Patrono Pe. Emílio Cabral e último ocupante o escritor Tomé Cabral dos Santos.

ATENCIOSAMENTE,  
Dr. Raimundo de Oliveira Borges  
PRESIDENTE

DATA: 11 DE JULHO

HORA: 19:30

LOCAL: CÂMARA MUNICIPAL DO CRATO

## APRESENTAÇÃO DE JOSÉ HUBERTO TAVARES DE OLIVEIRA EM SUA POSSE DE CADEIRA JUNTO AO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Na qualidade de membro do Instituto Cultural do Cariri, ocupante de sua cadeira nº 6, que tem como patrono Dr. Irineu Pinheiro, cumpro o mister de apresentar, nesta noite, um novo titular de cadeira em nossa Instituição.

Trata-se do poeta JOSÉ HUBERTO TAVARES DE OLIVEIRA, cratense, nascido em 23 de outubro de 1945, filho de José André de Oliveira e Palmira Tavares de Oliveira, que nesta solenidade será investido na cadeira nº 10, que tem como patrono Pe. Emídio Leite Cabral, e anterior ocupante Tomé Cabral.

Huberto Tavares, também conhecido entre nós pelo apelido carinhoso de Beбето, foi convidado pelo ICC para assumir tal designação em vista de sua intensa vida cultural, bem do meu conhecimento, visto haveremos atuado juntos em dezenas de apresentações artísticas através do Jogral Passárgada, grupo de 7 Jovens que cumpriu com êxito importante função de divulgar no Cariri os principais autores modernistas brasileiros, durante os anos de 1966 e 1967, anos de efetiva movimentação artístico-cultural em Crato.

Além desse desempenho, já convivera com Huberto junto a grupo teatral que se formou no Colégio Diocesano, em 1966, liderado pelo prof. Alzir de Oliveira, para encenação da peça UM CHALÉ À BEIRA DA ESTRADA, com duas bem sucedidas apresentações, nas quais tomamos parte na qualidade de atores. Também no mesmo ano de 1966 redigimos e editamos dois números do jornal NOSSA OPINIÃO, do Grêmio Farias Brito, do mesmo Colégio Diocesano, ao lado de outros jovens amantes da letras, como José Esmeraldo Gonçalves e Pedro Antônio de Lima Santos. Esse mesmo grupo de jovens autores divulgava suas idéias no jornal O MANDACARU, mural permanente do referido colégio, animando o debate político no meio daquela geração.



Ao seu lado e de Pedro Antônio também participei, no ano de 1966, de um AUTO DE NATAL, encenado no Patronato Padre Ibiapina, em Crato.

O autor que ora recebemos em nosso Instituto dispõe de largo currículo dentro da cultura desta terra, sendo autor de muitos poemas e peças teatrais, valendo citar que também dirigiu espetáculos cênicos.

No ano de 1967, escreveu o texto SERTÃO, FAVELA E GUERRA, ano em que participou como ator do espetáculo O VASO SUSPIRADO, junto ao Grupo Baiano de Teatro que movimentou, naquele ano, as artes cênicas em nossa cidade, tendo à frente o diretor José Luís Penna, proveniente de Salvador, sob a égide da Secretaria de Cultura do Município, ocupado pelo poeta José Helder França.

Em 1968, fez parte de um grupo de jovens escritores que editaram em Crato a antologia de poemas, crônicas e contos denominada CARIRI JOVEM 68, das Edições Vanguarda, sendo este o título de um jornal mensal que circulou nesse ano, do qual participava Beбето, e que reuniu lideranças intelectuais dentre sobretudo os alunos do Colégio Dom Bosco, brilhante instituição fundada e dirigida pelo prof. José Newton Alves de Souza, em cujo edifício hoje se estabelece a Sociedade de Cultura Artística de Crato, à rua Cel. Antônio Luís.

Em 1969, Huberto atuou na peça VIDAS SECAS, dirigida pelo cratense Francisco Assis Sousa Lima, levada a efeito no teatro existente à época no prédio onde hoje funciona a Biblioteca Pública Municipal, nas imediações da Praça da Sé.

Por oportuno, vale lembrar que Huberto Tavares foi aluno do Colégio Diocesano do Crato, onde concluiu os primeiro e segundo graus, formou-se em Geografia na Faculdade de Filosofia do Crato e fez pós-graduação em Técnicas Didáticas e Geografia.

Exerceu atividades docentes como professor de Estudos Sociais no Ginásio José Bizerra de Brito, Escola de Primeiro Grau José Alves de Figueiredo, Escola Governador Aduauto Bezerra, Colégio Santa Teresa de Jesus e Centro de Estudos

Supletivos, e como professor de Educação Artística na Escola de Música Branca Bilhar, tendo dirigido junto a essa escola as peças CIRCO RATAPLÃ e A MENINA E O VENTO.

Participou da organização de algumas das edições do SALÃO DE OUTUBRO, tradicional evento independente de artes plásticas promovido por muitos anos nesta cidade.

No Teatro Rachel de Queiroz dirigiu a peça AUTO DE LIBERDADE, de sua autoria, que enfocava a história do Crato.

Foi orador da União dos Estudantes do Crato - UEC.

Vice-Presidente e Primeiro Secretário do Instituto Cultural do Cariri.

Colunista do Jornal A AÇÃO, quando assinava a coluna MOVIMENTO, a propósito de arte e cultura, em fins da década de 60 e princípios da década seguinte.

Editou poemas seus no Caderno de Poesia nº 1, do Clube Caririense de Poesia, no ano de 1972.

Ganhou concurso de monografia promovido pela Secretaria de Educação do Município, governo municipal de Humberto Macário de Brito, sob o tema CRATO EM ESTUDOS SOCIAIS.

Publicou diversos artigos e poemas nas revistas Itaytera, Letras e A Província, todas editadas em Crato.

Produziu e apresentou programas radiofônicos para o Movimento de Educação de Base - MEB, através da Rádio Educadora do Cariri, desta Diocese.

No presente, exerce as funções de Diretor do Centro de Estudos Supletivos Mons. Pedro Rocha de Oliveira.

Casado com M<sup>ª</sup> Noélia Limaverde Cabral de Oliveira é pai de 4 filhos e reside à rua Mons. Sóter, 25, em Crato.

Bebeto foi dos poucos valores da geração dos anos 60 que permaneceu nesta cidade, aplicando seu talento em prol dos que aqui vivem e trabalham, educando as novas fileiras dessa gente. Movimentou-se nas mais variadas atividades, produzindo versos sensíveis ao universo regional, enquanto desfruta do potencial salutar desta natureza prodigiosa, de clima favorável, paisagens ricas e cidades em

ritmo de interior. Dotado de espírito romântico, transmite em seus escritos a saudade, o riso e consistência dos amores fortes. Sabe como poucos vivenciar o drama dos menos favorecidos, na questão social. Assume posições firmes em defesa dos injustiçados.

Este, pois, o perfil que me coube traçar de quem me concedeu a feliz oportunidade de apresentá-lo em sua posse junto ao Instituto Cultural do Cariri, entidade imorredoura que preserva a memória de toda uma região de valores antropológicos inigualáveis e tradição histórica peculiar, para gáudio das futuras gerações, a receberem o patrimônio necessário à construção de um mundo mais justo e civilizado.

José Emerson Monteiro Lacerda

11.07.97

SR. PRESIDENTE DO INSTIUTO CULTURAL DO CARIRI  
ILUSTRES MEMBROS DESTA CASA  
MEUS SENHORES, MINHAS SENHORAS

No apagar das luzes deste milênio, o Instituto Cultural do Cariri, atuante e dinâmico, vem cumprindo a sua função disseminadora de cultura, fazendo e refazendo história, através daqueles que aqui nasceram e se dedicaram às letras e às artes. Não poderia, pois, ao assumir esta cátedra deixar de reconhecer esses valores humanos que nos antecederam criando com bases sólidas esta sociedade cultural e seu órgão comunicador maior que é a revista ITAYTERA, aliada a outras revistas, jornais e livros editados hodiernamente.

É louvável, por isso mesmo, essa persistência de nossos escritores que colocaram e colocam sua arte a serviço do homem, da região, do belo e da moral, pois com certeza, traziam e trazem na mente o refrão: "quem é da terra, da terra fala com esperança e com amor..."

Senhores:

O Instituto Cultural do Cariri, através de sua diretoria, honrou-me com o convite para vir ocupar, neste sodalício de grandes valores morais e intelectuais, a cadeira nº 10, a qual tem como patrono o Pe. Emílio Cabral, seguindo-se-lhe como ocupante o escritor Tomé Cabral Santos, a quem devo, hoje, traçar considerações sobre sua vida e sua obra. Mas antes não poderia deixar de enaltecer o Pe. Emílio Cabral que é, pelos seus dotes de intelectual, de emérito professor e abnegado sacerdote, mereceu deste Instituto ser Patrono da Cadeira nº 10.

Pe. Emílio Cabral nasceu no Sítio Riachão, município de Milagres, hoje pertencente ao município de Barro, em 09 de março de 1881. Filho de José Leite Rabelo da Cunha e Felismina Leite Álvares Cabral. Fez seus estudos no Colégio de Canindé, Seminário do Crato e Seminário da Prainha, em Fortaleza, onde se ordenou após curso brilhante e com apenas 22 anos de idade. Pe. Emílio serviu como pároco e professor nas cidades de Jucás, Crato, Assaré e Caririaçu. Em Crato fundou o Colégio São José, que funcionou no prédio do Seminário e Externato São Vicente, localizado na Praça 3 de Maio. Faleceu o Pe. Emílio, vítima de segundo ataque cerebral, em 27 de abril de 1933 aos 52 anos de idade. Foi seu biógrafo Tomé Cabral Santos, quando ocupou neste Instituto a cadeira nº 10, a qual hoje, a convite, venho modestamente defender, tendo para isso a incumbência de biografá-lo.

Aceitei o convite consciente de que outros sócios desta instituição, tivessem maiores condições intelectuais de fazer um estudo com mais profundidade da obra do aludido escritor e dicionarista. Mas, em se tratando de Tomé Cabral Santos, não poderia fugir desta responsabilidade pois convivi com ele aproximadamente duas décadas, porquanto tive a sorte de casar-me com uma de suas filhas, a Sra. Maria Noélia Limaverde Cabral de Oliveira, e, que deste enlace, nasceram: Marcus, Nadine, Melissa e Lícia. Falar, pois, sobre Tomé Cabral é para mim uma satisfação imensurável,

apesar de difícil, considerando a grandeza de seus dotes morais e intelectuais.

Tomé Cabral Santos nasceu no Sítio Riachão, município de Milagres, hoje pertencente ao município de Barro, no dia 07 de julho de 1907 e faleceu às 7;30 horas da manhã do dia 15 de junho de 1988, na sua residência à rua João Bacurau, 51 no Crato. Foram seus pais Tomé Coriolando Gomes dos Santos e Rita Cabral dos Santos. Contraiu núpcias no dia 16 de outubro de 1933, na capela de Nossa Senhora da Conceição, no distrito de Santa Fé, Crato, com Maria Salma Limaverde Cabral, de cujo enlace, nasceram 8 filhos: Neile, Márcio, Neile Ane, Paulo, Noélia, Rômulo, Roberto e Guilherme Limaverde Cabral.

Foi no Sítio Riachão que Tomé Cabral passou seus primeiros anos de vida. Foi ali que ele aprendeu a amar o chão caririense, bebendo garapa de cana no engenho, tomando banho de açude e ouvindo estórias de Trancoso, ora na bagaceira, ora no alpendre da casa grande, contadas pelos homens simples da fazenda. Mas, na primeira década do nosso século, naquelas paragens desertas, longe da civilização, o clima era intranquilo, coronéis e cangaceiros, políticos e jagunços abusavam do poder, aproveitavam a falta de policiamento, até então distante, na capital, para cometerem desmandos de toda ordem, até mesmo de perseguirem famílias pacatas e ordeiras. Foi este clima que marcou a infância de Tomé Cabral. O menino que sorria alegre, correndo pelos campos num ambiente belo e paradisíaco se vê diante de cangaceiros armados a mando de José Inácio do Barro e Domingos Furtado com o objetivo de amedrontarem seus pais e expulsarem todos do Sítio Riachão. As investidas contra a casa grande, pondo em pânico seus moradores, foram muitas. Tiros e impropérios, galopes desenfreados dentro da propriedade eram as estratégias dos cangaceiros daqueles dois potentados, José Inácio e Domingos Furtado. Foi, portanto, em consequência desses episódios que seus pais fugiram do Riachão para residirem no Crato.

Tomé Cabral chega ao Crato no dia 12 de dezembro de 1912, quando o Crato possuía apenas umas 8 ruas, 4 travessas e uns 5 becos, (informações estas coletadas do seu livro Patuá de Recordações). Amparados pelo Pe. Emílio Cabral, irmão do seu genitor, a família passou a residir no Fundo da Maca, início da rua do fogo, hoje rua Senador Pompeu.

Dois anos depois dos vexames e dos sofrimentos que passaram no Riachão outra tragédia desaba sobre sua família. É a revolução de 1914.

Nos meados de janeiro, de 1914, a cidade do Crato amanheceu em agitada correria com a notícia de que os jagunços haviam rompido o cerco de Juazeiro e já estavam no Muriti em luta com a polícia e com paisanas convocados pelo governo. A população apavorada procurava abrigo, fugindo de suas casas, para os bairros ou sítios próximos à cidade. Mais uma vez a família do menino Tomé foge, agora, sob a custódia do Pe. Emílio Cabral, para o Seminário São José que serviu de abrigo para boa parte da população durante os dias de combate no centro da cidade.

Depois de passados os conflitos e tudo voltou a paz anterior o seu genitor deparou-se com sua casa saqueada, seus bens destruídos e roubados e por isso, passa a morar em Milagres, em um sítio adquirido em parceria com seu cunhado José Leite e deixa o menino Tomé sob a tutela da avó e da tia materna.

### Tomé Cabral Entra na Escola

Em 1913 inicia seus estudos na escola de Sr. José Mendes, localizada na Praça da Sé, onde hoje funciona o SENAC e na Escola de Antonia Teixeira Mendes, Dona Antoninha, concluindo o 4º ano primário, em 1917.

Em princípio de 1918 instala-se na cidade uma nova escola de propriedade do Professor Pedro Accioly Gomes de Matos, onde Tomé Cabral matricula-se e faz curso pre-

paratório para ingressar mais tarde no curso secundário no Ginásio do Crato.

No ano de 1925, Tomé Cabral passa a estudar a noite, na Escola Técnica do Comércio do Crato, pois no início daquele ano ele ingressa como funcionário no Banco do Cariri, 1ª agência do gênero na região.

Em 1926 o Pe. Pita inaugura o Ginásio do Crato e Tomé Cabral com muito sacrifício, devido ao trabalho no banco, matricula-se e conclui seus estudos secundários, no ano de 1931, com brilhantismo e iniciando sua vida de escritor com a publicação de seu livro de sonetos "Os 19", onde traças perfis de seus colegas de turma e o seu próprio. No ano seguinte, obtendo sucesso no vestibular da Faculdade de Direito, em Fortaleza, matricula-se mas não conclui o 1º ano por causas ligadas ao trabalho. Matricula-se no ano seguinte, tendo que deixar o curso pelos mesmos motivos. Anos depois, em 1937, demonstrando grande força de vontade e invejável persistência, matricula-se pela 3ª vez na mesma Faculdade, mas não consegue conciliar trabalho e estudo e, desta feita, desiste definitivamente de concluir seu tão sonhado curso de Direito. No entanto, seu espírito batalhador, seu ideal de saber e sua rara inteligência, fizeram-no um autodidata de vastíssimos conhecimentos. Mas se o trabalho o atrapalhou, em parte, a vida de Tomé Cabral no que diz respeito a sua formação acadêmica o realizou em plenitude como homem, como cidadão e como pai de família. Foi um autêntico profissional. Serviu como empregado do comércio do Crato em 1916 na loja de Joaquim Alves Pereira. De 1922 a 1923 comerciário na loja de Antônio Rodrigues da Silva, de São Mateus (hoje Jucás). Foi bancário, durante 44 anos, sendo: de 1925 a 1933, no Banco do Cariri de Crato; de 1933 a 1950, no Banco do Brasil; de 1950 a 1964, na Superintendência da Moeda e do Crédito - SUMOC, HOJE Banco Central; de 1964 a 1969 no Banco do Estado do Ceará - BEC.

No Banco do Cariri foi gerente de 1927 a 1933; no Banco do Brasil, serviu nas Agências de Aracaju (Sergipe),

de Cajazeiras (Paraíba), de Manaus (Amazonas), de Iguatu (Ceará) e em Crato várias etapas. Ocupou neste Banco, diversas funções: caixa, chefe de serviço, contador e gerente. Na SUMOC foi inspetor de serviço da 2ª zona com sede em Fortaleza. No Banco do Estado do Ceará, cooperou nos primeiros 5 anos de sua instalação, ocupando as funções de Supervisor Geral e Diretor Executivo interino. Aposentou-se definitivamente em 1969 e transferiu sua residência da Av. Imperador 1600, Fortaleza, para a cidade de Campinas, S. Paulo.

### ATIVIDADES JORNALÍSTICAS E LITERÁRIAS

Tomé Cabral iniciou sua vida literária aos 17 anos de idade em reuniões artísticas de grêmios e em jornais de entidades que colaborava, juntamente com jovens de sua época e que se destacavam com brilhantismo, como: Raimundo Esmeraldo, Raimundo Siebra, Unias Gonçalves, Pedro Norões, entre outros. Dessa quadra jocosa são artigos e poesias satíricas, burlescas, epigramas mordazes e chachotas políticas. É da seção da gazeta do Cariri de 1931 este quarteto do soneto "Despedida" de interessante sabor burlesco:

"Quando a gente se despede  
duma sogra toda em "ais"  
por dentro o coração pede  
praz aos céus não volte mais."

Na Gazeta do Cariri, era Tomé a voz do povo, criticava a administração pública municipal, estadual e federal; nada escapava a sua verve fácil de versejar. Em 1931 o governo com promessas e com brados de Brasil Novo tentava enganar os brasileiros e Tomé Cabral em sua coluna respondia:



## EMUDEÇAM TODAS AS BOCAS

Ontem, quando eu me acercava  
duma roda, na avenida,  
ouvi que alguém se queixava  
das aperturas da vida.

"O governo (reclamava)  
achou que a melhor medida  
é fazer a gente escrava,  
de tanga e rota oprimida.

Com brados de Brasil Novo,  
Promissor! Vida folgada  
se tapa a boca do povo...

Mas eu sou cabra matreiro:  
descobri que essa cambada  
tem é gana por dinheiro.

Gazeta do Cariri - 1931

Em fins de 1930, Tomé Cabral, envia dois poemas de sua autoria às famosas revistas Excelsior e Fon-Fon, do Rio de Janeiro, Terra e Mar e Tormentas, que logo são publicadas e elogiadas pela crítica nacional. Sobre a poesia Terra e Mar o jornalista Raimundo Saraiva Brito escreveu: essa poesia Terra e Mar, de rima, ora alternada, ora emparelhada, de estrofação livre, revela, através da forma sóbria de suas metáforas, um conteúdo anímico, uma mensagem mística envolta em lirismo adulto.

Mas Tomé Cabral destacou-se sobremaneira como poeta de verso irônico, humorístico e versátil com a publicação em 1931 do livro "Os 19", onde traça os tipos característicos dos concludentes da 1ª turma do Ginásio do Crato. São 19 sonetos dedicados aos seus colegas retratando o

perfil de cada um. Sobre a fidelidade do perfil dos 19 concludentes diz no prefácio desse opúsculo Manoel Monteiro: "Tive o cuidado de confrontar cada soneto, isto é, cada retrato com o respectivo original; a uns conheço pessoalmente, a outros peia voz do povo que é a voz de Deus; acerca de outros mais retraídos e modestos; recolhi informações seguras; posso dar fé: está conforme."

Os 19 teve a sua segunda edição publicada em 1981, quando das solenidades do jubileu de ouro da primeira turma do Colégio Diocesano, antigo Ginásio do Crato. Nesta 2ª edição o livro traz ilustrações com fotografias do antigo prédio e do atual, além de fotos e biografias do 19 concludentes.

A EUROPA É BEM ALI livro publicado em 1968. São crônicas de viagens que o autor reuniu quando de uma excursão à Europa. A Europa é bem ali é escrito em estilo leve, didático e correto, versando sobre características e peculiaridades de cada país e região por onde passou. São anotações que nos dão uma larga visão da velha Europa com sua cultura e atrações turísticas.

SEU MÉU - opúsculo biográfico composto e impresso na Empresa Gráfica LTDA - Crato - Ceará. Publicado em comemoração ao centenário de nascimento de seu pai Thomé Coriolano Gomes dos Santos, Seu Méu.

PADRE EMÍLIO CABRAL - edição de 1970, contendo o discurso de posse que fez no dia 12 de setembro de 1970 quando ocupou a cadeira nº 10 do Instituto Cultural do Cariri. DICIONÁRIO DE TERMOS E EXPRESSÕES POPULARES – Publicado pela Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará. A 1ª edição veio a lume em 1973 com 15.000 verbetes em 700 páginas. O prefácio foi escrito por Evanildo Bechara, professor de língua portuguesa e autor da Moderna Gramática Portuguesa. A 2ª edição foi editada em 1982 com o nome de Novo Dicionário de Termo e Expressões Populares, também pela Imprensa Universitária da UFC, com maior número de verbetes e fontes consultadas. Na 1ª edi-

ção foram elencadas 146 obras, na 2ª 324. Além destes acréscimos houve inclusão de quadras e sextilhas coletadas de 292 folhetos de cordel com o objetivo de dar ao leitor maior compreensão ao sentido dos termos e expressões populares. Ex: Gotejenta - que goteja (corrutela de gotejante). Ilustração:

Tem quatro coisas no mundo  
que flagelam um cristão:  
é uma casa gotejenta,  
é um menino chorão,  
é uma muié ciumenta  
e é um burro topão.

Raimundo Araújo

(Cantador de Verso e Viola)

Dicionário de Termos e Expressões Populares é livro de renome nacional; teve suas duas edições esgotadas em curto espaço de tempo. Nesta obra Tomé Cabral prova ser um pesquisador de paciência beneditina. Foram mais de trinta anos de pesquisas feitas em suas andanças pelo Cariri cearense, coletando expressões, verbetes, modismos, adágios, enfim tudo que se relacionasse com a cultura popular.

A FAMÍLIA LIMAVERDE - Estudo da árvore genealógica da família Limaverde. Publicação da Gráfica Mouzinho - Campinas - S. Paulo 1976.

PATUÁ DE RECORDAÇÕES - Livro de 382 páginas. Impresso na Empresa Gráfica dos Tribunais - Campinas - S. Paulo. Prefácio de Rachel de Queiroz. Capa do pintor Rômulo Correia. 1978.

No seu Patuá de Recordações Tomé Cabral deposita as primeiras impressões de sua caminhada pela vida. É sua autobiografia. É o relato espontâneo vivenciado no Riachão, no Crato e em Assaré. É um documento histórico legado à posteridade, principalmente, aos pesquisadores das nossas

tradições e dos nossos costumes. É o relato do coronelismo desde o início do século, a luta do homem contra as intempéries do tempo, o êxodo rural, a educação patriarcal e a educação formal através do surgimento das primeiras escolas, a vida interiorana, o despontar do fanatismo religioso, as intrigas políticas e a fitogeografia da região. Mas o Patuá de Recordações não se restringe somente a estes aspectos, ele vai mais além, pois o autor nos deleita com belas páginas evocativas do tempo de sua infância, o banho no rio, suas peraltices na escola e nas saudosas ruas do Crato com destaque para a rua do Fogo, Fundo da Maca e rua Grande. Sobre o Patuá de Recordações o Prof. Levi Epitácio, amigo e contemporâneo de Tomé Cabral, escreveu várias sextilhas, dentre as quais destacamos duas.

Sobre o estilo:

O estilo de Tomé,  
como o sol, é claro e puro.  
Seu pensamento é direto,  
o raciocínio, seguro.  
A idéia, solta, livre  
não tem prisão, não tem muro.

Sobre o Patuá:

É um Confiteor solene  
de quem abre o coração,  
vinho velho, apetitoso,  
É luz da imaginação,  
é a alma aberta e pura  
é um poema, é canção.

Além destas obras mencionadas, Tomé Cabral, deixou escrito, restrito aos seus familiares, os seguintes livros:

- Lucíola, Perfil de Mulher. 1953.
- Adão, O Paxá e Eu... 1958.
- Versos Diversos. 1972.
- Se a Europa é Bem Ali, onde ficam Paraguai e Argentina? 1977.
- Minha Salma ou Sal...Minha? Tanto Faz como Tanto Fez.

Foi sócio fundador do Instituto Cultural do Cariri, sócio correspondente da Academia Cearense de Letras e do Insti-

tuto do Vale Caririense do Juazeiro do Norte, membro da Academia Piracicabana de Letras e do Centro Folclórico de Piracicaba. Participou ainda de várias entidades filatélicas do sul do país, recebendo dezenas de medalhas e diplomas de concursos que vencida como filatelista.

Assim foi Tomé Cabral, homem dotado de rara inteligência e estudioso de nossa língua e de nosso folclore. Teve no curso de sua vida participação ativa nos setores culturais, esportivos e sociais do Crato. Homem forte e pertinaz. Leal a seus amigos. Espírito expansivo e determinado, mergulhou no trabalho de pesquisa e conseguiu ao longo dos anos figurar na galeria dos imortais folcloristas brasileiros ao lado de Câmara Cascudo, Leonardo Mota e J. de Figueiredo Filho, oferecendo preciosos subsídios à cultura brasileira, resgatando do homem rústico seu linguajar, suas idéias, muitas vezes difíceis na construção da frase, no modificar ou distorcer o sentido dos vocábulos e a criá-los até, quando não consegue alterá-los em sua forma original.

Foi agraciado como título de Cidadão Cratense sob a égide do vereador Francisco Eli Menezes no dia 25 de junho de 1980, em sessão solene realizada no auditório do Teatro Rachel de Queiroz, da Sociedade de Cultura Artística do Crato. Foi para ele, com certeza, um dos dias mais felizes de sua vida, porquanto a cidade que ele tanto amou o recebeu como um dos seus filhos mais ilustres, admirado e querido por todos, pois a realização plena do homem se concretiza quando suas obras são reconhecidas e quando sua passagem por essa vida deixa marcas indeléveis no seio da família e da sociedade.

Senhores,

Quero dizer por fim que chego a esta casa agradecido e orgulhoso; mas advertido e consciente das grandes responsabilidades que me esperam, pois reconheço a importância desta academia no desenvolvimento sociocultural da região. Por isso procurarei, a exemplo de nossos mestres passados e presentes fazer do ICC um foco de cultura, disseminando idéias humanistas, principalmente, através

da poesia, na alma do povo, pois no dizer de Hugo Wart "A vocação artística é uma dignidade, que devemos aceitar, humildemente, como um dom gratuito de Deus e exercer como um sacerdócio."

Muito obrigado.

José Huberto Tavares de Oliveira.

Crato, 11 de julho de 1997-12-11

## INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI EMPOSSA NOVO OCUPANTE DA CADEIRA Nº 19

A Cadeira 19, do Instituto Cultural do Cariri, que tem como Patrono o escritor J. de Figueiredo Filho e cujo último a ocupá-la tinha sido o escritor Mozart Soriano Aderaldo, tem novo ocupante. Trata-se do escritor, poeta e médico psiquiatra, Dr. Wellington Alves de Sousa, natural do Crato, e figura de destaque nas letras cearenses.

A solenidade, assistida por mais de 250 pessoas, no auditório do Colégio Pequeno Príncipe, na noite de 22 de novembro de 1996, foi das mais bonitas. Teve o seguinte roteiro:

1. Números artísticos - teclado, por Ranier Oliveira Sousa, de 8 anos, jovem artista do Crato, que executou belas músicas. Exibição de danças modernas e jazz, a cargo de alunas da Academia Corpo e Movimento, do Crato, dirigida por Daniele Esmeraldo.

2. Posse da Nova Diretoria do ICC para o biênio 97-98.

3. Posse do Dr. Wellington Alves de Sousa, na Cadeira 19, sendo saudado pelo Dr. Emídio Macêdo Lemos. O novo titular da Cadeira pronunciou um discurso emocionante e muito substancioso, sobre J. de Figueiredo Filho e sobre Mozart Soriano Aderaldo.

O Presidente, Dr. Borges, chamou mais uma vez a atenção da comunidade para ajudar o ICC em seus projetos, inclusive construção de sua nova sede e continuação do seu trabalho editorial. Foi entregue uma cópia do projeto da sede ao Prefeito eleito Raimundo Coelho Bezerra.

A mesa que presidiu os trabalhos foi composta por Dr. Raimundo Borges, presidente reeleito, Humberto Mendonça, Dr. Raimundo Coelho Bezerra, Mons. Francisco Montenegro, Dr. Emídio Lemos, J. Lindemberg de Aquino, Dr. Napoleão Tavares Neves, Dr. José Vanderley Landim. Após todas as solenidades ocorreu um coquetel.

Seguem-se os discursos pronunciados naquela solenidade.

## RECEBENDO WELLINGTON ALVES DE SOUSA NO ICC

Emídio Macêdo Lemos

Neste momento solene, quando as forças literárias da região do sul do Ceará aqui se reúnem, através dos membros desta nobre Casa, templo do saber Caririense, inicio as minhas palavras de saudação e recepção ao novo Confrade WELLINGTON ALVES DE SOUSA, citando um trecho de Plínio, O Moço - Epístolas:

"Consideram-se felizes aqueles que tiveram oportunidades de praticar coisas dignas de escrever-se, ou que escreveram coisas dignas de ler-se: consideram-se felicíssimos os que puderam fazer as duas coisas".

Pois bem, meus caros Confrades e sociedade aqui presente. Com Wellington Alves de Sousa, aconteceram as duas coisas, isto é, praticou coisas dignas de escrever-se e escreveu coisas dignas de ler-se.

O Instituto Cultural do Cariri representa, indubitavelmente, a nossa Academia de Letras desta Região Sul do Ceará. Rigorosíssimo é o método de escolha dos ocu-

pantes de suas Cadeiras, levando-se em consideração, principalmente, o saber, a cultura e os trabalhos legados à região, em seus respectivos setores literários.

Com exceção à nossa humilde pessoa, todos os integrantes desta Casa representam o que de mais puro gosto literário existe em nosso meio.

De inteligência super dotada, o novo Confrade, que hoje se immortaliza em nosso mundo literário, representa uma das mais felizes escolhas desta nobre Congregação.

Seguindo uma tradição desta Academia, enumeramos alguns de seus dados biográficos, fortalecedores da feliz escolha de seu nome para ocupar a Cadeira nº 19, que tem como Patrono José de Figueiredo Filho, substituindo o seu último ocupante, Mozart Soriano Aderaldo.

Filho de Cícero Alves de Sousa, abastado comerciante desta cidade, e de Sofia Carvalho, fina dama de nossa sociedade, nasceu Wellington Alves de Sousa na Princesa do Cariri, no dia 07 de novembro de 1942. Fez suas primeiras letras, curso primário, no Grupo Escolar Teodorico Teles de Quental, cursando o ginásial e até o 2º científico, inclusive, no Colégio Diocesano do Crato, sob a eficientíssima direção do Monsenhor Francisco Holanda Montenegro, um de nossos confrades no Instituto Cultural do Cariri. Aproveitando sua prodigiosa inteligência, foi aprovado no concurso para o quadro funcional do Banco do Brasil S/A., no dia 30 de abril de 1961, tendo sido admitido no dia 9 de junho do mesmo ano.

A partir de então, por não existir, nesta cidade, o curso colegial nos turnos tarde/noite, deixou de estudar por dois anos seguidos, voltando a fazê-lo no ano de 1964, quando concluiu o científico no Colégio Estadual Wilson Gonçalves. Sua passagem naquele educandário foi marcada pelas pugnas estudantis, ao lado de José de Brito Figueiredo Filho, José Valdesley Alves, Luciano Lira de Macedo e outros líderes que agitaram o Crato naquela época.

De irrequieto temperamento, amante das letras, crítico ferino e invulgar jornalista, ainda jovem principiou a es-



crever para jornais regionais, tais como O Nacionalista, 1960 a 1961 e JORNAL DO BANCÁRIO, de 1961 a 1964, quando eclodiu a Revolução de 31 de março. Como punição por seus corajosos pronunciamentos no Jornal Bancário, foi transferido para Boa Vista, capital do Estado de Roraima, onde foi posteriormente demitido do Banco do Brasil.

Diz o brocado popular que Deus escreve certo por linhas tortas. Assim aconteceu com Wellington Alves. Demitido do serviço, viajou para Recife, onde obteve o primeiro lugar no Vestibular de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, onde concluiu o curso em 1971. Conta-se que nos primeiros dias de aula naquela Faculdade, um dos alunos lhe indagava porque tantos cearenses ali estudavam. Não existiam faculdades no Ceará? Ao que Wellington, demonstrando sua rara inteligência respondia: - É que as Faculdades da minha terra são muito difíceis. Assim, os que não têm inteligência para entrar, vêm aqui para o Estado de Pernambuco, onde tudo é mais fácil...

Concluído o curso, nosso novo confrade foi fazer pós-graduação em Paris, França, ali residindo de 1972 a 1974, conquistando o título de MÉDICO ASSISTENTE ESTRANGEIRO DA FACULDADE DE MEDICINA DE PARIS, após "memoire" defendido na Sorbone sobre estados depressivos. Durante dois anos foi aluno do renomado Roger Bastide, no Curso de Psiquiatria Social, também na Sorbone. Fez, ainda, na França, curso de Musicoterapia e Psicodrama.

Regressando ao Brasil, foi anistiado pelo Governo Revolucionário, reingressando no Banco do Brasil, de onde aposentou-se, dedicando-se, então, com mais ardor, á sua clínica psiquiátrica. Casado com sua conterrânea, MARIA FÁTIMA LEMOS ALVES, é pai de dois filhos, WELLINGTON e BRUNO, sendo que o primeiro estuda, atualmente, no Conservatório de Londres, Inglaterra, após sair vencedor em diversos concursos de pianistas no Brasil.

Sua obra literária é vasta e de ótima qualidade literária. São de sua autoria:

- Momento de Tempo - 1981
- Outros Momentos - 1984
- Nossos Momentos - 1988
- Baú de Momentos - 1996
- Salvina, Parteira de Aldeia - 1996
- Borracha, - Ouro Branco (ensaio com colaboradores)  
- 1960

#### Coletâneas:

- Prosa & Poesia - Temos um Pouco - 1984
- Prescrições - SOBRAMES - 1994
- Amostra Grátis - SOBRAMES - 1995

#### Antologias:

- Poesia - Talento Cearense em Poesia - 96
- Antologia Até Agora - SOBRAMES - 96

Um dos prêmios que mais o envaidece, foi obtido num concurso nacional de sonetos, patrocinado pelo Departamento Cultural da AABB de Recife, quando a Comissão Julgadora, cujos membros pertencem à Academia Pernambucana de Letras, por decisão unânime, elegeu DESEJO EM SONETO (publicado em seu livro BAÚ DE MOMENTOS, que será lançado a seguir) como o melhor do concurso.

Apesar das inúmeras ocupações em sua clínica psiquiátrica, Wellington exerce atividades sociais e culturais. É Presidente da AFAC - Associação dos Filhos e Amigos do Crato, em Fortaleza, que direciona temas, naquela Capital, de absoluto interesse do Crato. É, ainda, Presidente da Regional do Ceará da SOBRAMES - Sociedade Brasileira de Médicos Escritores. Escreve regularmente para as Revistas Itaytera e Província, de Crato, e para jornais de Fortaleza. Faz parte do grupo literário ESPIRAL, da capital do Estado.

Todavia, por baixo desta capa de literalidade, existe o menino, o "bom vivente", o boêmio TONTON, apelido carinhoso como é conhecido por seus familiares e amigos. Wellington, em sua intimidade, ainda é aquele garoto que corria pelas ruas do Crato em dias de chuva, pés descalços braços nus, no dizer do poeta. Sentia inveja dos garotos que, de pés juntos, pulavam a vala da rua Tristão Gonçalves, ainda hoje conhecida como Rua da Vala; corria pelo capim de burro do "Quadro da Sé", atrás das varetas dos fogos das festas de Nossa Senhora da Penhas. A cultura não mudou seu espírito jovem e boêmio. De segunda a sexta feira é profissional dedicado, responsável, acima de tudo, até chato, às vezes. Nos finais de semana, porém, há uma transformação total em sua vida, quando o intelectual vira boêmio, o austero psiquiatra passa a ser somente poeta. E é justamente nestes momentos que ele abre seus "BAÚS", de inestimáveis conteúdos românticos, vendo, no dizer de Patativa do Assaré, um dilúvio de rimas caindo em riba da terra...

Sobre ele, disse Juarez Leitão, imortal da Academia Cearense de Letras: "É interessante sentir o olhar de Wellington Alves sobre a vida, onde ele vai enfocando os episódios e circunstâncias que lhe dizem mais e precisam ser esquentadas com o sopro da permanência que a poesia sabe dar".

Meu caro confrade Wellington Alves. A data de hoje para esta Instituição e o nobre confrade será inesquecível. Representa o reconhecimento de sua capacidade intelectual, principalmente como escritor e poeta. É bom que se proclame que o Instituto Cultural do Cariri não é composto, como muitos outros, por escritores que fazem das letras sua principal profissão. Somos, todavia, uma instituição que persegue a perfeição literária, que prestigia, acima de tudo, o escritor. Não receberíamos, certamente, as críticas de Voltaire, quando lhe negaram acesso à Academia de Letras: "Academia é um corpo em que são recebidos nobres magistrados, homens de posição, prelados, médicos, geômetras e até escritores..."

Nesta Casa, senhoras e senhores, se cultivam os livros. O ingresso de Wellington Alves é uma prova disto. Seus livros,

inclusive o que será lançado nesta oportunidade, são os mesmos cantados pelo imortal Castro Alves - "O livro caindo na alma, é germe que faz a palma, é chuva que faz o mar". São os mesmos que receberam a feliz síntese de Andrew Long, em sua obra *Ballade of True Wilson: Uma casa cheia de livros, é um jardim cheio de flores*". E, no dizer de Lee Benet, em *Books As Guides*, "Os livros são os compassos e os telescópios, os sextantes e os mapas que os outros homens construíram para ajudar-nos a navegar através dos mares perigosos desta vida humana".

Continue escrevendo, Wellington Alves. Faça de sua inteligente pena um bálsamo para o sofrimento dos que esquecem as dores através de sua leitura. Faça dela um acalanto para os apaixonados que, devorando seus versos, se transportam ao Parnaso, reino encantado onde viviam o Deus Apolo e as musas da poesia. Honre, com suas obras, os nomes do grande escritor e historiador José de Figueiredo Filho, Patrono da Cadeira 19, e de seu último ocupante, Mozart Soriano Aderaldo. É uma honra para nós recebê-lo. Seja bem-vindo.

Emidio Lemos

MOZART SORIANO ADERALDO  
DISCURSO DE POSSE DE WELLINGTON ALVES DE  
SOUSA NO ICC.

Meus senhores:

Adentrando na intimidade deste sodalício, sinto-me como se estivesse em minha própria casa, tal a familiaridade que vou percebendo e auscultando em cada momento, tal o calor que me conforta a alma, tal a confiança que neutraliza a tibieza natural que envolve o debutante numa ambiência da cultura. Sinto-me em casa, não pela riqueza dos meus versos e da minha literatura, pois os sei apenados e tímidos, despidos do talento que enriquece tantos mestres aqui presentes e apoucados da erudição e da

sapiência que revestem a inteligência de tantos ilustres confrades. Sinto-me em casa porque cada um dos senhores é personagem inarredável de minha biografia, exercendo um por um, capítulos vigorosos e determinantes em minha personalidade e em meu destino.

Ao receber o honroso e inestimável convite para ocupar uma Cadeira do Instituto Cultural do Cariri, interroguei-me confuso e imerso numa perplexidade rara: - por quê? Que méritos existirão nas minhas ousadas incursões literárias? Quais valores poderão ser contabilizados na estreiteza dos meus versos? Qual postura cultural me faculta o passaporte para o ingresso nesta Casa? Simplifiquei o tema e concluí que somente a generosidade dos senhores e a complacência de sua crítica abonaram o meu trabalho e absolveram os meus pecados quando das viagens que enveredei pelo prelo. Isto explica a natureza deste instante e justifica a humildade do meu agradecimento. Sou eternamente grato aos senhores pela grandeza que sacode esta minha emoção, que acode meu coração emocionado e que protege a indisciplina das minhas lágrimas.

Insisto no tema: sinto-me em casa nesta Casa de cultura. As palavras de Emídio Lemos, que me apresentou aos senhores, cumprindo o ritual natural que solenidades como esta exigem, tiveram a cumplicidade do parentesco e a convivência de mais de três décadas de amizade. Nós somos irmãos, apesar de Fátima e mesmo antes dela. Seus encômios, portanto, foram lavrados na conspiração do amor.

Sinto-me em casa quando abraço Lindemberg, que para mim é a memória viva mais honesta, fiel e lúcida que o Crato possui hoje. Seu incentivo à caminhada cultural de nosso meio é testemunhado por todas as lembranças. Minhas e doutrêm. O elogio ao Crato é sua vocação. Meu MOMENTO DE TEMPO teve, há quinze anos, sua apresentação à nossa sociedade patrocinada por nosso maior jornalista. Foi o meu primeiro passo na lide literária, na franca e cruel exposição à crítica, que teve em Lindemberg o mais sólido respaldo.

Não me sinto estranho no convívio com o Dr. Borges e já tive, inclusive, a honra de apresentar, ano passado, seu livro CRATO INTELECTUAL às gentes de Fortaleza. Ressalto ainda a amizade vascaína que enrijece meus vínculos de fraternidade com Zé Gil e Roberto, seus queridos filhos. Dr. Borges também prefaciou meu livro SALVINA, PARTEIRA DE ALDEIA, biografia de uma mulher fantástica que ousei pesquisar e escrever e que o Crato acatou, generosamente, no último 21 de junho, Dia do Município. Saliento ainda a permuta que fazemos entre nossas publicações, relação esta em que sempre eu saio ganhando.

Sinto-me em paz quando insiro em minha confraria o Monsenhor Montenegro, personagem rico na composição de minha vida, eternizado em minha memória quando lembro (e nunca esqueço, meu Deus!) do Colégio Diocesano do Crato, das molecagens que eu nele pratiquei a vida inteira e a vida inteira fui compreendido, metabolizado, assimilado e perdoado pelo meu querido e eterno diretor. As raivas que fiz ao Mons. Montenegro, que agora genuflexo peço desculpas, duravam o minuto do perdão e o instante do esquecimento. Eu, tal qual um rio seco do Ceará buscando seu leito em tempos de chuva, retornava inarredavelmente ao seu aconchego e à sua proteção. Lembrar do Colégio Diocesano é aguçar a mente na projeção de minha ansiedade. Meus sonhos foram ali plasmados. Minhas idéias e meus ideais foram gerados cuidadosamente naquele útero protetor da Rua Duque de Caxias. Meus mestres estão engessados nos circuitos de minha mais honesta memória. Sempre com uma saudade infinita. Armazeno, com zelo de artesão, os ensinamentos de geografia e latim que Zé do Vale nos transmitia, sempre com uma paciência paternal. Nunca esqueci às doze palavras que fazem o dativo e ablativo plural em ubus. O francês acadêmico do Mons. Raimundo Augusto, a circunspeção do Padre David, o perfeccionismo de Zé Nilo com suas réguas, transferidores e apetrechos burilando aulas. Prof. José Newton... homem de uma inteligência privilegiada. Nunca o vi casmurro, embora

sério e determinado. Diálogo sempre vivo com o aluno. Sempre amigo. Devo a ele elástica parcela do meu pretenso conhecimento da língua portuguesa. Membro ilustre deste Instituto, a partir deste momento, estamos ambos abrigados sob o mesmo manto. Dona Irene Cabral, Dona Rosinha Esmeraldo, Professor Rubens, Xisto Zeno Valones - Xisto Gadelha - e muitos outros vão compondo este fantástico daguerreótipo que minha saudade faz desfilar em minhas lembranças.

Sinto-me feliz nas terras do Instituto Cultural do Cariri. Padre Gomes foi um dos seus fundadores. Ele me endereçou ao conhecimento da verdadeira História do Brasil e foi o responsável pelos rudimentos do ideal socialista que adolesceu comigo, que envolveu minha maturidade e que faz hoje a prenhez de minha velhice. O maior, melhor e mais lúcido legado que um mestre pode deixar para seu discípulo. Nas asas de suas aulas de história, Padre Gomes me alçou ao vôo mais feliz, mais ousado e que ficou, como u'a marca, como u'a tatuagem para sempre: a necessidade da cidadania e a obrigação de se lutar por ela, nem que isto custe a prisão e o exílio. Padre Gomes desenvolveu em minhas diretrizes a máxima que o Mestre da Psicanálise, Freud, sacramentou: "não é que a vida valha muito, mas é a única coisa que eu tenho..."

Nos caminhos do Crato e da literatura, J. de Figueiredo Filho assume uma proeminência de absoluta importância. Minha memória me conduz ao perímetro que ia de sua farmácia na rua Bárbara de Alencar à esquina da rua Santos Dumont, onde meu pai tinha uma loja de louças e de pequenas ferragens. De u'a miopia acentuada, tinha J. de Figueiredo Filho uma visão extremamente alargada e cristalina do mundo, de seus problemas, de suas esperanças. Particularmente de nosso Crato querido. Minha cidade não era talvez ainda a Princesa do Cariri e já era a sua rainha, a soberana de suas emoções. Está impressa na minha memória a sua postura encurvada para frente, caminhar lépido. Meu pai muito o admirava. Eram amigos. Uma vez, meu pai,

comentou em casa, sempre com comedimento e absoluta discrição, que J. de Figueiredo tinha aderido à campanha de Pedro Felício Cavalcante numa de suas campanhas à prefeitura. Até então minha família votava na UDN, meu pai sempre capitaneando com extrema devoção a orientação familiar naquele credo político. Mas com a posição adotada por Figueiredo, meu pai não titubeou e as urnas destronaram um feudo udenista que administrava o Crato desde a Segunda Guerra. Eu já migrava da adolescência e comorei este episódio político com bastante entusiasmo.

Passei a admirar ainda mais aquele homem que amava tanto o Crato que um dia disse na Academia Cearense de Letras, no seu discurso de posse, que “estava impregnado pelas causas do Cariri”. Seus artigos no jornal Cratense A AÇAO e na revista ITAYTERA sobretudo, vinham emoldurados por um sentimento genuíno e talvez embalados no sonho por uma cidade melhor. Difícil pensar no Crato e divorciar o pensamento da figura de J. de Figueiredo Filho. Homem profundamente culto, personalidade marcada por um caráter inatingível e irrepochável, escreveu muitos livros, projetou nossas raízes e seu talento literário ultrapassou fronteiras, tendo sido certamente o Cratense mais destacado que nossa terra registrou.

Depois, em 1973, em Paris, onde, fugindo da sanha da ditadura e pós-graduando meus estudos médicos, sou assaltado pela rude e dolorosa notícia de seu falecimento. Foi em 29 de agosto. O Crato e D. Zuleika estavam viúvos. Cauby, Eneida e os filhos do Crato ficamos órfãos. O autor da HISTÓRIA DO CARIRI mereceu de José Newton Alves de Sousa o oportuníssimo comentário de que: “O profundo telurismo de seu universo emocional fê-lo um caririense de corpo inteiro e um cratense de corpo e alma.” O editorial da revista ITAYTERA, nº 18, cunhou duas frases que mais parecem um epitáfio: “Não é em toda geração que surge um homem do porte de J. de Figueiredo Filho. Figuras luminares como a do cratense que se foi, Deus presenteia muito raramente uma comunidade.”



Este homem, 23 anos depois de sua partida, é o Patrono da Cadeira que hoje o Instituto Cultural do Cariri me oferece e eu, lisonjeado, orgulhoso e enfiado de emoção, assumo-a em sua plenitude, sem conseguir disfarçar minha vaidade e meu contentamento.

Em 9 de outubro de 1976, mais de três anos, portanto, depois da morte de J. de Figueiredo Filho, a Cadeira nº 19 do Instituto Cultural do Cariri foi preenchida pelo poeta, historiador, crítico literário, genealogista e escritor Mozart Soriano Aderaldo, que por flagrante coincidência já ocupava também a Cadeira nº 19 na Academia Cearense de Letras.

Mozart Soriano Aderaldo nasceu no Maranhão em 22 de abril de 1917 numa cidade chamada Brejos dos Anapurus. Seus pais foram Francisco Antônio Aderaldo, cearense de família tradicional de Mombaça e Elisa Soriano Aderaldo, maranhense. Aos três anos de idade sua família veio para o Ceará, aqui ficando Mozart sua vida, sua história, seu talento, de quem somos todos hoje herdeiros orgulhosos. Seu curriculum é vasto, laudatório, de uma riqueza rara. Da coisa pública, dos livros escritos, dos poemas pensados, das pesquisas desenvolvidas, da literatura cultivada que modelou sua vida, Mozart projetou seu nome às raias do infinito. Qual rincão não disputaria a glória de tê-lo como filho?

Detalhista em suas observações, minucioso em sua crítica, Mozart Soriano foi implacável no combate ao erro. Nunca tergiversou quando o assunto era moralidade. Mas embora tenha sido tolerante com o deslize, foi generoso com o perdão. Talvez este comportamento fosse oriundo de seu aferrado sentimento cristão. O catolicismo comungado - perdoem-me o trocadilho - por Mozart foi pauta principal percorrida por todos os seus biógrafos, por todos os que o conheceram na intimidade ou até mesmo superficialmente. Juarez Leitão, poeta de um sentimento raro, em seu discurso de posse na Cadeira nº 19 da Academia Cearense de Letras, disse: "Mozart não fazia concessão quando se tratava de sua religião. Reagiu ao alistamento nas fileiras da Igreja Progressista, avistando em seus teóricos e engajados uma

aproximação perigosa com os inimigos da fé. E destas latitudes de seu pensamento, levantou a voz franca, muitas vezes isolada, contra o que considerava uma interpretação errônea da Doutrina Social da Igreja, formulada por Leão XIII."

Na citação de sua obra literária vemos A POSIÇÃO DO ESCRITOR NA RECONSTRUÇÃO DO MUNDO, 1947 - ESBOÇO DE HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA, 1948 - COLONIZAÇÃO DAS TERRAS DEVOLUTAS DO CEARÁ, 1949 - APOEMAS, 1949 - MINHA ÁRVORE GENEALÓGICA, 1952 - LIVROS E IDÉIAS 1954 - PADRE FRANCISCO LONGINO GUILHERME DE MELO, 1955 - ROLINS, CARTAXOS E AFINS, 1971 - VELHAS RECEITAS DA COZINHA NORDESTINA, 1963 - TRÊS ESTUDOS, 1965 - HISTÓRIA ABREVIADA DE FORTALEZA, 1974 - NO MAR DE TIBÉRIADES, 1984 - RETALHOS NAUTÍQUINOS, 1988 - A PRAÇA, 1989 - O CACTO AMARELO, 1990. Seguiram-se obras jurídicas como O FUNCIONALISMO PÚBLICO E O ESTADO, 1967 - A ADMINISTRAÇÃO COMO INSTRUMENTO DO PROGRESSO, 1966 - DIVÓRCIO, 1977, tudo isto e mais um sem número de publicações no Instituto do Ceará, em separatas ou artigos especiais. Colaborador de todos os jornais de seu tempo no Ceará e de outros estados, fazia da arte de escrever a sua vocação maior.

Foi um dos fundadores, na década de 40, do Grupo Clá - Clube de Literatura e Arte -, que congregou o melhor pensamento cultural do Ceará em todas as suas modulações, em todas as suas vertentes. A produção desse Grupo ficou conhecida nacional e internacionalmente, tendo registrado a nada irrisória marca de mais de 250 livros publicados.

Foi político, tendo sido prefeito de Senador Pompeu com apenas 20 anos de idade. Assumiu cargos de importância em vários governos estaduais, marcando sempre com invulgar lisura sua atividade no comando da coisa pública. A honestidade estandardizou seu passo e seu caminho.

Fundador e Diretor da Escola de Administração, foi professor da Faculdade de Ciências Econômicas, da Faculdade de Direito, da Faculdade Católica de Filosofia e de vários colégios públicos de Fortaleza. Mozart Soriano Aderaldo foi

um homem multifacetado no que tange às suas atividades públicas, literárias e socioculturais. Rotariano, semeou a filosofia deste clube de serviço por muitas e muitas cidades. Incansável, organizou e dirigiu pesquisas genealógicas, sempre crendo no resultado positivo de seus esforços. Severo na disciplina de todos os seus trabalhos, a fadiga nunca encontrou nele um abrigo. Um autêntico workaholic.

Aos 78 anos de idade, ano passado, Mozart Soriano Aderaldo faleceu. Foi casado durante 45 anos, num perfeita congregação emocional e espiritual, com a senhora Ana Cartaxo - Dona Nanza -. Tiveram filhos: Melânia, Marcos, Henrique, Carlos e Lúcio. Tive a ventura de conhecer Dona Nanza há exatos 9 dias, quando o Grupo Literário Espiral, do qual faço parte, homenageava-o solenemente na noite de lançamento do 2º número de sua Revista, no Ideal Clube em Fortaleza. Cercado pelos filhos e demais parentes, ela me falou, contundente: "a sua responsabilidade é muito grande, Wellington". Sei disso. Raras pessoas alcançam o fenômeno da unanimidade. Mozart foi uma delas...

Não costumo, não sei, nem gosto de cronologizar episódios, organizar datas referentes às pessoas a quem dedico minha atenção. Assim me acontece agora. Desorganizo-me nas teias imensas e imensuráveis que revestiram a riquíssima existência de Mozart. Prefiro limitar-me às conseqüências da poesia e dos poetas. Algumas linhas atrás, foi o Juarez Leitão quem me acudiu na citação. Agora, valho-me da sensibilidade com que nosso Artur Eduardo Benevides, presidente da Academia Cearense de Letras, poetificou ao pensar em Mozart Soriano Aderaldo:

"os gestos nele têm a dimensão  
e a riqueza do simples, em transfiguração.  
Quando um dia se for,  
habitará o intérimo albor  
da Estrela da Manhã."

Venturosa Estrela da Manhã que tem hoje, em Mozart, seu mais ilustre habitante...

Senhores:

Este momento é majestático para mim. Sempre distingui o Instituto Cultural do Cariri como a Colina de Ouro do Crato. Vou parafraseando o líder camponês Francisco Julião quando acreditou ter atingido Gilberto Freire seu momento maior em CASA GRANDE & SENZALA. Sonhado por mim. Inalcançado no âmbito de minhas projeções. Ao colecionar, ao longo dos anos, os número de ITAYTERA, revista que emoldura melhor a mágica silhueta da intelectualidade cratense e filha diletta deste Instituto, não ensejei jamais a chance de fazer parte deste elenco, de partilhar as esperanças e realizações destes pares, da intimidade de sua angústia e da festa dos seus êxitos. Estou feliz pela acolhida.

Meu pai, d'algum canto em que Deus o tenha como companhia, decerto está feliz em ver seu filho permeando o espaço que ele adrede preparou, quando, para compensar a asma que limitava minha vida - nunca fiz um gol, nunca quebrei um braço - fez-me assinante da revista Seleções aos oito anos de idade e me desenhou todo o interesse pelos livros. O homem simples que se solidarizou incondicionalmente comigo, o filho rebelde, mesmo sem concordar com meu pensamento comunista, mas me facultando o direito inalienável de exercê-lo, apesar do tempo fascista e da prisão eventual. Meu pai é um tipo inesquecível e meu melhor poema. Como dói a falta dele neste momento...

Sinto falta de minha mãe, que do pedestal dos seus 85 anos de idade me abençoa lá das terras de Fortaleza. A sua saúde oscilante responsabiliza a sua ausência nesta nossa festa. Minha mãe é uma mulher guerreira, vencedora. Vem legando aos filhos, netos, bisnetos, amigos e a quem tenha ventura de estar à sua volta durante quase um século, um exemplo de força de vontade, de grandeza humana, de otimismo, de crença. Sinto falta de seu beijo.

Sinto falta de meu filho - Wellington - que adoesce na maturidade inglesa. Adestra-se ele à difícil arte de tocar piano. E prepara-se para a fascinante arte de tocar a vida. Ele faz parte imutável da minha realização e do tempo da minha esperança.

Senhores:

Desculpem-me esta já fatigante e alongada mensagem, mas a majestade desta festa assim o exigiu. Iniciei este discurso comentando minha intimidade com esta Casa de Cultura e com este ambiente sacralizado. Termino-o com o mesmo mote e com a mesma toada. Não me sinto um estranho neste ninho de amor e de aconchego. Aqui está minha gente. Aqui estão minhas raízes. No chão abençoado do Crato estão sepultados os meus mortos, numa constante germinação de imorredouras memórias. Manuel Bandeira, dolente, ansiava o retorno à sua imaginária Pasárgada. Eu não preciso. Sempre volto ao Crato e aqui o rei é meu amigo e meu irmão. Eu sabia, meu Crato, que você não me faltaria nesta hora!

Senhores:

Comigo, enfim, abrigando-me nesta infinita emocionalidade, tenho meu filho Bruno, compensando as ausências, os vácuos e todas as saudades. E Fátima, minha mulher, ela que ficou para enfrentar comigo a intempérie dos tempos e a solidão dos ocasos. Sou um homem feliz. Não tenho queixas. Deus é testemunha disso e me abençoa agora e sempre.

Muito Obrigado!

ENCERRANDO A SOLENIDADE DE POSSE DO DR.  
WELLINGTON ALVES NA CADEIRA Nº 19 DO I.C.C.

Minhas Senhoras

Meus Senhores:

A História é documento, é arquivo, em que se resumiriam os fatos marcantes que definiram uma determinada época.

Justamente por isto é que se mantêm as Bibliotecas, as Academias, os Museus e os Institutos Culturais, onde as gerações ciosas de saber saciam a curiosidade dos tempos, das pessoas e das coisas que já se foram.

Merecem eles, portanto, o nosso zelo, o nosso carinho, a nossa dedicação.

Nasce com a pessoa humana o desejo de perpetuar-se, tanto na esfera terrena como na sobrenatural.

Para a sobrenatural volve-se em prece a nossa fé, e para a deste mundo seduz-nos a obra material e espiritual que resulta do nosso engenho e da nossa arte.

Este INSTITUTO vem sendo há cerca de 43 anos o ambiente nucleador de nossas atividades intelectuais, o centro cultural da Região, cabendo-nos a nós, que o sustentamos a duras penas, apresentá-lo às gerações atuais e entregá-lo às porvindouras com o mesmo ânimo de fé e de confiança nos seus alevantados destinos.

Conservá-lo sempre na ininterrupta renovação é um imperativo que os atuais como os seus futuros dirigentes devem manter sem desfalecimento.

Modéstia à parte, esta vem sendo, desde que assumimos a sua direção, agora renovada, a nossa constante preocupação, procurando atrair para o seu seio os valores mentais do Cariri, cuja tradição de engenhosidade lá fora devemos preservar e não só preservar como aprimorar, no âmbito vasto e sedutor das Ciências, das Letras e das Artes.

Não temos deixado passarem momentos azados como este sem reiterar o nosso apelo aos confrades, consócios ou não deste Sodalício, para levarmos a peito e soerguê-lo cada vez mais pujante à altura dos que o idealizaram e o forjaram - IRINEU PINHEIRO, FIGUEIREDO FILHO, PADRE ANTÔNIO GOMES DE ARAÚJO - entre outros, nomes que aqui pronunciamos e reverenciamos como numes tutelares da inteligência e da cultura caririense.

Nesta disposição de ânimo é que o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI abre neste instante as suas portas - as portas, dizemos melhor - deste nobre salão do COLÉGIO PEQUENO PRÍNCIPE, cedidas pela gentileza e fidalguia de Madre MARIA CARMELINA FEITOSA, a quem, nesta oportunidade rendemos o nosso preito de gratidão, para recepcionar e empossar na Cadeira nº 19 do querido Grêmio, o Dr. WELLINGTON ALVES,

filho ilustre do Crato, que alia as qualidade de médico competente às de poeta de fina sensibilidade estética.

Não nos deteremos a este ensejo em traçar-lhe a biografia, nem comentar-lhe a preciosa bagagem lítero-científica. Desta tarefa meritória o INSTITUTO encarregou o ilustre confrade Dr. EMÍDIO LEMOS, que, como vimos, acaba de nos brindar com a brilhante apresentação do recipiendário.

RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES  
Presidente do Instituto Cultural do Cariri  
22.11.1996.

## 50 ANOS DA PARTIDA PARA A 2ª GUERRA MUNDIAL

Dandinha Vilar

Estávamos em 1942!

A 2ª Guerra Mundial se expandia, envolvendo o mundo inteiro, atemorizante e cruel como toda guerra.

Navios brasileiros já haviam sido torpedeados, ceifando vidas de nossos compatriotas, e tudo levava a crer que iríamos participar dos conflitos.

Dia 11 de julho.

Reservistas do Tiro de Guerra 118, sediado em Crato e comandado pelo 3º Sargento Luiz Gomes de Oliveira, receberam nesse dia suas cartas de convocação.

Estavam sendo chamados para a guerra.

De nossa cidade 42 jovens teriam que partir.

O Prefeito do Crato era o Coronel Alexandre Arraes de Alencar, que organizou uma "Semana de Brasilidade", convidando intelectuais da Terra a proferirem palestras na Amplificadora Cratense, estimulando os jovens convocados a serem fortes no desempenho da missão que os esperava.

Assim, ocupavam o microfone os oradores: Dr. Elísio Gomes de Figueiredo, Professor José Bezerra de Brito, Professor Aluizio Epiácio, Escritor José Alves de Figueiredo, Jornalista Caio Passos e Senhora Júlia Duarte, representando as mães dos convocados.

Finalmente, dia 21 de julho de 1942.

Às 5 horas da manhã, partiu o trem que os conduziu à Fortaleza, onde foram incorporados ao Exército e, juntamente com os demais convocados em todo o Estado, seguiram para Natal - Rio Grande do Norte, aguardar o destino, que lhes era reservado. Em Iguatu, submeteram-se ao exame médico, e aí, alguns foram dispensados. Estes voltaram, como depois voltaram também alguns por serem casados ou agricultores.



A guerra se alastrava em proporções gigantescas. A 4 horas de avião haviam sido ocupados pelos inimigos o porto e a cidade de DAKAR, na África. E o litoral do Rio Grande do Norte, cada vez mais ameaçado.

Nossos pracinhas, alguns seguiam para a Itália e outros guarneceram as nossas praias até que finalmente, as Forças Aliadas dominaram o inimigo.

E em 8 de maio de 1945, denominado o "Dia da Vitória" terminaram os conflitos.

Dos jovens cratenses que participaram, 50 anos depois em nossa Cidade sobrevivem: Menando Macedo Lemos, Raimundo Dias de Alencar e Geraldo Bezerra da Costa, que guardam, na memória as recordações de fatos ocorridos naquela fase histórica em que se desenvolveu a 2ª Guerra Mundial.

Crato, 21 de julho de 1992

## ENCERRANDO A EXPOSIÇÃO DO CRATO 97

F. Justo Júnior

As constantes transformações por que passa a humanidade, a busca da eficiência, o incentivo à pesquisa e a luta constante por melhores padrões de progresso também chegaram à nossa Exposição.

O que vimos, nesta Exposição de 1997, foi uma mistura disso tudo, aliando o tradicional ao modernismo, numa busca incessante de criação e de inovações, que, em chagando a esta mostra, mostrou sua perene vitalidade e o desejo de fazê-la cada vez melhor.

Senhor representante do Governador do Estado  
Senhor Secretário do Desenvolvimento Rural  
Senhor Subsecretário  
Senhores Deputados, Senhores Prefeitos  
Senhor Prefeito do Crato, Senhores Secretários  
Meus Senhores:

Ao darmos por encerrada a QUADRAGÉSIMA SEXTA Exposição Centro Nordestina de Animais e Produtos Derivados, edição de 1997, já carinhosamente chamada de EXPO-CRATO, sentimos imensa satisfação de ver que tudo foi um sucesso e que os objetivos foram atingidos.

Foi uma exposição em que tivemos, paralelas, iniciativas válidas, como a FEIRA DE INFORMÁTICA, A FEIRA AGRO NEGÓCIOS DO CARIRI, o retorno das VAQUEJADAS, com a construção definitiva do seu Parque, que, apropriadamente, tomou o nome de PARQUE DR. SOLON PINHEIRO; Tivemos a MISSA DO VAQUEIRO e até touradas... os expositores foram os mais variados possíveis e até produtores de mel mostraram a pujança de suas iniciativas.

Por outro lado, enorme foi o incremento do artesanato, com um pavilhão próprio, bem amplo e bem moderno, que foi muito visitado.

A segurança funcionou em toda a sua plenitude - e milhares de pessoas que por oito dias visitaram o certame, não têm do que se queixar, a esse respeito.

O gado, em menor quantidade, é certo, foi da mais alta linhagem e os Bancos oficiais estiveram participando, oferecendo financiamentos.

Houve os stands empresariais, mostrando a fortaleza da nossa economia regional e a parte artística, caprichosamente trabalhada, mesclou os valores locais com grande evidência, com expressões de renome da música e das artes, famosas em todo o Brasil.

Na exposição tivemos também os stands da CEDAP e de outros órgãos da Secretaria de Desenvolvimento Rural, e de repartições outras, valendo salientar o belo stand da Prefeitura do Crato, em que se revelou a opulência de suas realizações.

Meus senhores:

O setor de abastecimento funcionou a contento, com quase duas centenas de bares e barracas, todas fiscalizadas quanto à higiene dos produtos, revelando uma fartura que atendeu as melhores exigências dos freqüentadores.

Vale salientar que a Exposição persegue, desde a sua primeira edição, em 1944, o aperfeiçoamento da linhagem do gado, a introdução de novas raças, a conquista de técnicas no aprimoramento dos rebanhos, adoção de medidas de zootecnia resultante dos mais avantajados estudos.

Bastaria lembrar que neste ano de 97 comemorou-se em Crato a passagem de 21 anos do nascimento, aqui, do PRIMEIRO BEZERRO nascido da inseminação artificial, fato auspicioso ocorrido em 1976, graças ao espírito pioneiro do saudoso professor e criador, PEDRO FELICIO CAVALCANTE.

Isso, há 21 anos atrás, já foi fruto das Exposições de nossa cidade. Por aí se pode deduzir o quanto prosseguimos no aperfeiçoamento das técnicas de manejo e reprodução de gado, sempre buscando a alta linhagem.

Meus senhores:

Também estamos aqui para agradecer.

Cometeríamos gritante deselegância se não aproveitássemos esta oportunidade para testemunhar os melhores agradecimentos ao Governo do Estado, através de suas Secretarias, todo o apoio emprestado à Exposição e melhorias e implantação de outras áreas no Parque.

Agradecemos, com especialidade, à SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL, que tudo empenhou para a consecução das obras, através de órgãos governamentais, destacando-se novos pavilhões, correção dos acessos, ampliação das redes elétricas e dos banheiros, canal para o riacho da Matinha, dependências várias e melhoramentos os mais diversificados. Cabe aqui um elogio a todos os técnicos dessa Secretaria e aos seus dirigentes, mas permitimo-nos salientar os nomes do SECRETÁRIO PEDRO SISNANDO, e do Subsecretário JOSÉ DIRCIO CHAVES DE LUCENA, que sempre acudiram, com presteza e eficiência, às nossas solicitações.

Desejamos agradecer à Prefeitura Municipal do Crato e a todas as suas Secretarias, ressaltando os nomes do Prefeito Raimundo Bezerra e do Secretário de Obras, Adriano Pinheiro Blum, e do Secretário de Agricultura e Recursos Hídricos, Yárley de Brito Gonçalves. Através destes 3 nomes, agradecemos a todos os demais servidores da Prefeitura, pelo muito que fizeram em favor do Parque.

Agradecemos aos órgãos do Estado, como BEC, COELCE, TELECEARÁ e outros, agradecemos aos Bancos Oficiais que aqui estiveram, agradecemos a valorosa comissão central e demais comissões e suas vertentes, pelo dinamismo mostrado, no desempenho das numerosos encargos que lhes foram atribuídos.

Agradecemos ao políticos amigos que nos prestigiaram com suas presenças, aos produtores rurais, aos pecuaristas de todas as procedências, aos expositores de todas as marcas, produtos e qualidades, aos barraqueiros, a todos, enfim, que deram suas contribuições para o êxito total desta Exposição.

Agradecemos às cooperativas que aqui se fizeram presentes com seu trabalho, à imprensa pela ampla divulga-

ção do evento, com a mídia em todo o Nordeste, agradecemos aos agrônomos e veterinários, comissão de julgamento de animais e outras comissões que cuidaram de setores diversos.

Agradecemos às associações e instituições que nos ajudaram.

A todos, enfim, mesmo aos que aqui não foram citados, mas cujos nomes estão impressos em nossos corações, o agradecimento final, na certeza de que o trabalho foi bom e o dever foi cumprido.

Meus senhores:

A missão não está encerrada.

Devemos aceitar os desafios dos novos tempos que estão chegando, com a perspectiva de um novo milênio prestes a se abrir para todos.

Aceitar os desafios do futuro e procurar aperfeiçoar mais, fazer crescer mais, robustecer cada vez mais a nossa Exposição. É um dever de cidadania que se impõe a cada filho do Crato e da região, pois a Exposição é uma justa conquista de todos nós.

Que Deus ilumine, encoraje e incentive a todos na caminhada do futuro, caminhada que nos levará a dias certamente melhores, na eterna busca da perfeição e do aprimoramento - num desafio que não tem fim - mas terá, certamente, compensadores resultados. A todos, o nosso até logo, até o próximo ano. A todos o nosso adeus de 12 meses, na certeza de outros encontros, nas exposições futuras, na realização de outras mostras, cumprindo o destino que está reservado ao Crato, de ser um dos recantos da pecuária, uma futura bacia leiteira do Nordeste, e, sobretudo, a permanente escola de civismo, de trabalho e de realizações

Muito Obrigado!

(DISCURSO de JUSTO JÚNIOR, encerrando a Exposição do Crato, edição de 1997. Pronunciado a 20 de julho de 1997).

## FALECEU EX-PRESIDENTE DO ICC

Faleceu em Crato o Juiz de Direito Dr. NIRSON MONTEIRO. Em sua residência, na Rua Cícero Alves de Sousa, Lameiro, em Crato, faleceu às 13,30 horas do dia 2 de junho de 97, o conhecido advogado e Juiz de Direito, Dr. Antônio Nirson Monteiro. Foi perda bastante lamentada por todos os meios sociais e intelectuais da Cidade.

Dr. Nirson Monteiro era filho de Antônio Bezerra Monteiro e Altina Felício Monteiro. Nasceu em Crato. Era, pois, das mais tradicionais famílias do sul-cearense. Nasceu em 30.08.1946.

Iniciou seus estudos no Juvenato S. José, de Missão Velha. Depois os continuou no Juvenato Conceição, de Apipucos, Pernambuco, onde só passou um ano, retornando ao Crato onde terminou o primário e iniciou o curso científico. Passou pelo Colégio Diocesano e pelo Colégio Wilson Gonçalves, concluindo o científico no Colégio Carneiro Leão, no Recife. Depois ingressou na Faculdade de Direito do Recife, onde colou grau em 1967. Voltou ao Crato e foi professor na Faculdade de Filosofia. Entrando, por concurso, na magistratura, em 1969 foi Juiz de Santana do Cariri, depois em Barbalha. Era Juiz de Crato desde 1987. Fundada a Faculdade de Direito do Crato, nela foi professor por 5 anos, atividades que não continuaram devido à insidiosa moléstia que o acometeu.

Casou-se duas vezes: primeiro com Mônica Macedo Monteiro, da qual se divorciou, e, em segundas núpcias com Alessandra Magda Ribeiro Monteiro. Deixou 3 filhos, um dos quais da primeira esposa. Foi Vice-Presidente e Presidente do Instituto Cultural do Cariri e sempre teve vasta colaboração na imprensa.

Na Câmara Municipal, para onde foi levado o corpo para um velório, houve sessão de homenagem póstuma, presentes o Presidente do Tribunal de Justiça do Estado, Desemb. José Maria Melo, diversos membros daquela alta Corte, Jui-

zes e promotores da região e todo o Poder Legislativo do Crato. Vários oradores usaram da palavra, realçando a grande figura humana que a cidade perdia. Na capela do Cemitério houve missa de corpo presente celebrada, antes do sepultamento do corpo, pelo Pe. José Vicente, vigário da Paróquia do Seminário em Crato. Dezenas de coroas de flores traduziram o adeus dos amigos e colegas e familiares.

## DOIS POEMAS DE EDÉSIO BATISTA

### SÚPLICA A SANTO ANTÔNIO

Santo Antônio milagroso,  
Meu santo casamenteiro,  
Venho fazer-lhe um pedido,  
Me conceda um companheiro;  
Pois vivo triste, sozinha,  
E acordo de manhãzinha,  
Já sonhando com noivado,  
Minha vida é só tormenta,  
Estou perto dos quarenta,  
Nunca tive um namorado.

Aliás, desde menina,  
Fui reprimida, abafada,  
Em festas nunca dancei,  
Ficava sempre sentada,  
Nunca brinquei carnaval,  
Por ser pecado mortal,  
Nunca pisei numa praia;  
Meu pai achava um horror,  
Uma moça de maiô  
Expor seu corpo sem saia.

Assim, cresci, sem da vida  
Conhecer nenhum prazer;  
O tempo eu vendo passar,  
E eu passando sem viver.  
Pensei em entrar num convento  
Desisti logo do intento,  
Por falta de vocação.  
Embora após uma prece,  
Minha mãe a mim dissesse  
Que me dava permissão.



Não obstante esses traumas,  
Aprendi tudo a fazer.  
Sou esperta e competente,  
Sei lavar e sei cozer.  
Tenho senso e diretriz,  
Garanto tornar feliz  
Quem comigo se casar.  
Serei esposa prudente,  
Carinhosa e diligente  
Com meu esposo no lar.

Entendo de economia,  
Sou pessoa de virtude,  
Cuidadosa e muito ativa,  
Gozo de boa saúde.  
Sobre então como cupido,  
Do pretendente no ouvido,  
O que tenho em qualidade.  
Mas por favor, santo amigo,  
Seja bondoso comigo,  
Não revele a minha idade.

Outra exigência não faço,  
Mesmo sendo assunto sério,  
Confio em sua destreza,  
Deixo tudo a seu critério.  
Prometo rezar trezena,  
Participar de novena,  
E também fazer promessa.  
Contanto que meu problema,  
Livre de qualquer dilema,  
Resolva com toda pressa.

Aceito qualquer marido,  
Sem distinção da cor.  
Preto, branco ou amarelo,  
Analfabeto ou doutor.  
Seja pobre ou com dinheiro,

Brasileiro ou estrangeiro,  
Não me interessa a origem.  
Pode ser alto, ser baixo,  
Só quero que seja macho,  
Não me deixe morrer virgem.

## RETRATO

A mulher quando é bonita,  
Em tudo tem formosura.  
Nos olhos, nas sobrancelhas,  
Na tez rosada ou escura;  
No contorno do pescoço,  
No feitiço da cintura.

Nos braços, nas omoplatas,  
Na proporção do nariz,  
No desenho de seus lábios,  
No riso alegre e feliz;  
Nas saliências das pernas,  
No formato dos quadris.

De todo ângulo resplende,  
Assim tal qual diamante,  
De frente, de lado e costa,  
Ela é sempre fascinante.  
Tem magia nos cabelos,  
Tem feitiço no semblante.

Porém a parte mais bela  
A que causa mais enleios,  
São os dois pomos carnudos,  
Intumescidos e cheios;  
São dois ninhos de paixão,  
Juntinhos do coração,  
Que a gente chama de seios.

## LEI Nº 1.697/97, DE 20 DE MAIO DE 1997

EMENTA: DÁ O NOME DE GILBERTO COSTA A UMA DAS RUAS DO CRATO, A QUE ATUALMENTE TEM O Nº 115 NO CONJUNTO DAS CASAS POPULARES E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

A Câmara Municipal do Crato Aprovou, e eu sanciono a seguinte lei:

ARTIGO 1º: Fica denominada de Rua Gilberto Costa a atual Rua nº 115 do Conjunto das Casas Populares, em Crato. Parágrafo Único - Retire-se o nome de Rua nº 115 dessa artéria, por não ter força legal.

ARTIGO 2º: Competirá à Prefeitura Municipal do Crato afixar as placas com essa nova denominação na aludida artéria.

ARTIGO 3º: Esta Lei entre em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço da Prefeitura Municipal do Crato, Gabinete do Prefeito, em 20 de maio de 1.997.

RAIMUNDO COELHO BEZERRA DE FARIAS  
Prefeito Municipal do Crato.

## LEI Nº 1.698/97, DE 20 DE MAIO DE 1997

EMENTA: DÁ O NOME DE LIVREIRO JOSÉ OSMAR A UMA DAS RUAS DO CRATO E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

A Câmara Municipal do Crato Aprovou, e eu sanciono a seguinte lei:

ARTIGO 1º: Fica denominada de Rua Livreiro José Osmar a Rua de nº 117 do Conjunto das Casas populares em Crato.

Parágrafo Único - Retire-se dessa Rua a denominação de Rua nº 117, por não ser denominada oficial.

ARTIGO 2º: Competirá à Prefeitura Municipal do Crato afixar na Rua as placas com essa denominação.

ARTIGO 3º: Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço da Prefeitura Municipal do Crato, Gabinete do Prefeito, em 20 de maio de 1.997

RAIMUNDO COELHO BEZERRA DE FARIAS  
Prefeito Municipal do Crato

## LEI Nº 1.692/97, DE 14 DE MAIO DE 1997

EMENTA: DÁ O NOME DE WALDEMAR DE ALENCAR LIMA A UMA DAS ARTÉRIAS DA CIDADE E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

A Câmara Municipal do Crato Aprovou, e eu sanciono a seguinte lei:

ARTIGO 1º: Fica denominada de Rua Waldemar de Alencar Lima a artéria paralela a Rua Padre Redondo - lado leste, sentido Sul/Norte, em direção ao brejo, localizado no Condomínio Dr. Antenor Gomes de Matos.

ARTIGO 2º: Caberá ao Poder Executivo do Município mandar confeccionar e afixar as placas designativas naquela artéria.

ARTIGO 3º: Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço da Prefeitura Municipal do Crato, Gabinete do Prefeito, em 14 de maio de 1.997

RAIMUNDO COELHO BEZERRA DE FARIAS  
Prefeito Municipal do Crato

## LEI Nº 1.693/97, DE 14 DE MAIO DE 1997

EMENTA: DÁ O NOME DE RUA COELHO ALVES A RUA 116 DO BAIRRO DAS CASAS POPULARES EM CRATO, EM SUBSTITUIÇÃO A ESSA DENOMINAÇÃO QUE NÃO É OFICIAL, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

A Câmara Municipal do Crato Aprovou, e eu sanciono a seguinte lei:

ARTIGO 1º: Fica denominada de Rua Coelho Alves a atual Rua de nº 116 do Conjunto das Casas populares, Bairro Misericórdia.

ARTIGO 2º: Retira a denominação de Rua nº 116 do referido Conjunto, já que é denominado Popular sem apoio legal.

ARTIGO 3º: Caberá à Prefeitura Municipal do Crato a afixação das placas com essa denominação.

ARTIGO 4º: Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço da Prefeitura Municipal do Crato, Gabinete do Prefeito, em 14 de maio de 1997

RAIMUNDO COELHO BEZERRA DE FARIAS  
Prefeito Municipal do Crato

## LEI Nº 1.694/97, DE 14 DE MAIO DE 1997

EMENTA: DÁ O NOME DE HERON FELÍCIO DE ALENCAR A UMA DAS RUAS DO CRATO E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

A Câmara Municipal do Crato Aprovou, e eu sanciono a seguinte lei:

ARTIGO 1º: Fica denominada de Rua Heron Felício de Alencar a atual Rua de nº 112 do Conjunto das Casas Populares, no Bairro da Misericórdia, em Crato.

ARTIGO 2º: Fica retirada a denominação de Rua nº 112, que não foi iniciativa com apoio legal.

ARTIGO 3º: Caberá à Prefeitura Municipal do Crato a afixação das placas com essa nova denominação.

ARTIGO 4º: Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço da Prefeitura Municipal do Crato, Gabinete do Prefeito, em 14 de maio de 1997

RAIMUNDO COELHO BEZERRA DE FARIAS  
Prefeito Municipal do Crato

## LEI Nº 1.688/97, DE 15 DE ABRIL DE 1997

EMENTA: DÁ O NOME DE LUIS DE CARVALHO MAIA A UMA DAS RUAS DO CRATO E DÁ OUTRAS PORVIDÊNCIAS.

A Câmara Municipal do Crato Aprovou, e eu sanciono a seguinte lei:

ARTIGO 1º: Fica denominada de Rua Luis Carvalho Maia, a Rua que tem o nome popular - sem ser oficial - de Rua São Pedro, no Parque Samara, em toda a extensão.

ARTIGO 2º: Caberá ao Poder Público do Crato confeccionar e afixar as placas designativas naquela Rua.

ARTIGO 3º: Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço da Prefeitura Municipal do Crato, em 15 de abril de 1997.

RAIMUNDO COELHO BEZERRA DE FARIAS  
Prefeito Municipal do Crato

## LEI Nº 1.691/97, DE 20 DE MAIO DE 1997

EMENTA: DÁ O NOME DE ANTÔNIO PEREIRA CAÇULA A UMA DAS RUAS DO CRATO E DÁ OUTRAS PORVIDÊNCIAS.

A Câmara Municipal do Crato Aprovou, e eu sanciono a seguinte lei:

ARTIGO 1º: Fica denominada de Rua Antônio Pereira Caçula, a artéria com início na Avenida José Horácio Pequeno, em frente a Igreja do Bairro do Lameiro, passando pelo riacho, sentido Sul/Oeste, em toda a sua extensão.

ARTIGO 2º: Caberá ao Poder Executivo do Município mandar confeccionar e afixar as placas designativas naquela artéria.

ARTIGO 3º: Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço da Prefeitura Municipal do Crato, Gabinete do Prefeito, em 14 de maio de 1.997.

RAIMUNDO COELHO BEZERRA DE FARIAS  
Prefeito Municipal do Crato



## LEI Nº 1.695/97, DE 14 DE MAIO DE 1997

EMENTA: DÁ O NOME DE JEFFERSON DE ALBUQUERQUE A UMA DAS RUAS DO CRATO, E DÁ OUTRAS PORVIDÊNCIAS.

A Câmara Municipal do Crato Aprovou, e eu sanciono a seguinte lei:

ARTIGO 1º: Fica denominada de Rua Dr. Jefferson de Albuquerque a Rua de nº 120 do Conjunto das Casas Populares, no Bairro Misericórdia, em Crato.

ARTIGO 2º: Retire-se a designação atual de Rua nº 120 por não ser oficializada.

ARTIGO 3º: Caberá à Prefeitura Municipal do Crato a afixação das placas com essa designação.

ARTIGO 4º: Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço da Prefeitura Municipal do Crato, Gabinete do Prefeito, em 14 de maio de 1997

RAIMUNDO COELHO BEZERRA DE FARIAS  
Prefeito Municipal do Crato

## SAUDANDO SIMEÃO LUNA MACHADO

J. Lindemberg de Aquino

Atribuo à carinhosa amizade e à profunda fraternidade que me ligam a Simeão Luna e seus parentes mais próximos, a filha Ártemis de Luna, o genro João Correia Saraiva - o convite para estar aqui, neste momento, a saudar o poeta e apresentar seu livro de versos.

Outros haveria com maior merecimento, mais cultura e mais habilidade no trato com as palavras. Mas meus amigos quiseram que fosse eu o intérprete de suas justas alegrias e ufanismo, a estar no desempenho deste papel, neste instante. E se me são apoucados os conhecimentos da poesia e da crítica literária, atendi ao obsequioso convite porque sei que a tudo relevarão, com a bondade e a amizade que são as característica dessa família.

Simeão Luna Machado surge ao grande público com seu livro - SENTIMENTOS, oficialmente o volume 21, da Coleção Itaytera, do Instituto Cultural do Cariri, que publica obras de autores regionais. Traz o seu livro poesia pura, de grande beleza e objetividade, sem se preocupar em dourar a pílula com maneirismos e malabarismos, na métrica medida e contada, mas deixando correr frouxa a imaginação, de par com a inspiração, a saudade, a meiguice e toda aquela coorte dos mais puros sentimentos que lhe exornam a rica personalidade.

Simeão Luna Machado se transfigura nesta obra. Deixa de ser militar rigoroso e exigente da caserna para dar asas à poesia e aflorar tudo o que de bom guarda em sua alma, no longo passeio espiritual pelas emoções. Ele é como o poeta, que tinha a poesia dentro de si e não sabia. O poeta que foi buscar a sua amada musa no fundo do poço de uma emoção transcendente, para conjugar com ela os eflúvios de um doce e enternecido amor.

E nos traz um rico livro de espiritualidade e de beleza. Nos dizer de Filgueiras Lima:

"São as vozes dos poetas que conseguem sobreviver à ruína e à catástrofe das Nações e dos povos. Quando de um império nada mais reste, sob a cinza do tempo, continua sua alma a vibrar em outras almas, pelo milagre ou pelo mistério da poesia. É que a poesia é como um traço de união entre o céu e a terra - uma ponte entre Deus e os homens".

Tais pensamentos se afloram à nossa mente, no passar das 104 páginas de SENTIMENTOS, com que nos brinda o Autor.

Sentimentos que vão em todas as escalas, desde a emoção de ver uma flor, de se deitar à sombra de um manguieira, de dedicar versos às netas, de recordar a dulcíssima mãe Tila, ou as traquinadas infantis nas ruas do Crato antigo. Todo um colorário de poesias, que enternecem o coração e emudecem a alma, que nos fazem vibrar coma inspiração criadora e a meiguice dos temas abordados.

Meiguice que se revela encantadora, por exemplo, no início do seu poema SONHO DESFEITO:

"Ela veio se chegando, lentamente/Com aquele ar de quem nada queria. Perto parou. Olhou-me friamente/E me disse que em breve partiria."

Há enormes conotações de beleza e inspiração em todos os versos, e eu me permitiria citar pequeninos trechos, abusando da paciência de todos vocês.

"Sentia-me feliz só em a ver/Seu riso, atenção, sua conversa/Seu modo de olhar... eram u'a promessa/Uma esperança que cheguei a ter"

"Quando vejo no céu, noite sem Lua/a imensidão de astros a brilhar/Sinto pena daqueles que, na rua/passam na vida sem nunca o céu olhar"

"Ela se aproximou e amavelmente (a enfermeira)/Enxugou minha fronte suavemente/e um bonito sorriso esboçou/então me perguntou, mui ternamente/- Está doendo muito, intensamente?/Estava, sim. Agora já passou..."

Pelas 3 citações, tem-se um retrato do poeta. Ele também tem versos para a natureza e para a ecologia.

O S.O.S. ARARIPE - é um brado de amor em defesa da nossa serra amada. Tem trovas soltas, em que brinca com a imaginação e libera inspiração:

Quando o amor é proibido  
Tem um gostoso sabor  
O coração é sofrido  
Mas sorri de sua dor

Tem versos lindíssimos, de pura nostalgia ao cão amado, Jarri, morto por engano.

Tem versos de angústia, revelando um grande amor, ao dizer:

"Tu nunca saberás quanto te quero/Quanto é grande por ti, minha afeição/E como, angustiado, te espero/sem saber disfarçar minha aflição"

A vida de Simeão Luna Machado é mesclada de saudades de Barbalha, terra de sua meninice primeira e juventude nascente, e o Crato, onde desenvolveu as suas aventuras de garoto, com outros amigos de então, pelas ruas empoeiradas de nomes poéticos, que a cidade tinha, antigamente, Rua do Fogo, Pedra Lavrada, Rua das Laranjeiras, Rua Boa Vista. Nessa infância, dourada e inesquecível, passou os melhores momentos de sua vida e eles foram revividos com o livro do poeta José Helder França, que lhe abriu no peito doces recordações daquele Crato que não volta mais.

A poesia de Simeão é tudo isso. É graça e beleza, encanto e sentimento, como disse, de um poeta amigo, o imortal Bilac:

"Porque a beleza, gêmea da Verdade  
Arte pura, inimiga do artifício  
É a força e a graça na simplicidade"

Meus senhores, minhas senhoras:

Estamos, pois, diante de um poeta. De um grande e inspirado poeta, fugitivo das normas tradicionais de se fazer poesia, mas perfeitamente integrado no seu sentimento e espargindo a beleza dos seus versos, felizmente reunidos em seu primeiro livro. Sim, primeiro livro, porque outros, certamente, se seguirão a essa arrancada inicial.

Simeão está intimado a não fechar a torneira e a não estancar a fonte benfazeja dos seus versos. Deve espalhá-los pelo mundo, tão carente desses sentimentos que saem da alma. Todos têm direito de esperar que não cesse essa fonte de sempiterna beleza.

Diria mais, como Otacílio Colares, ao saudar Cláudio Martins, poeta e filho de Barbalha, como Simeão - quando ingressou na Academia:

“Como figura humana, sois um homem de atitudes francas/de inteligência lúcida/de determinação extraordinária, criado na rude escola da luta pela vida/em obediência a ideais/norteados pelo lema segundo o qual, só se consegue vencer com esforço e vontade decidida que germina, produz e prospera.”

Um retrato fiel do nosso homenageado desta noite, e ainda me valendo de Cláudio Martins, seu conferrâneo:

De que me valem tesouros  
De que me valem honrarias  
De que me vale o que tenho  
Se tudo, tudo eu daria  
Por aquilo que não tive  
na minha infância querida  
que nunca mais há de vir?

O poeta que cantou “Meus amores”, que retratou o sabiá em toda a sua singela beleza, que homenageou o amigo Dr. José Nilo, que exaltou sua Barbalha em lindos versos e que reuniu tantos versos nesta pequena obra prima

que é o seu livro SENTIMENTOS - este é poeta de verdade. Dos que já não se fazem como antigamente.

O Instituto Cultural do Cariri honra-se em tê-lo inserido em sua coleção. A sociedade e a cultura do Cariri honram-se com a publicação desses versos.

E os nossos corações se enternecidos já eram com as poucas poesias que conhecíamos, mais ricos ficaram, com sua publicação em livro.

Parabéns, Simeão Luna Machado.

Você está iniciando uma carreira onde muitos terminaram a estrada. Siga em frente!

Muito obrigado!

(Palavras na saudação ao lançamento do livro SENTIMENTOS, em Crato, em 19 de julho de 1997)

PARA ANA CLÁUDIA

(Minha neta, nos seus 15 anos)

Agora, quinze anos completados,  
Numa fase poética da vida,  
A nelamos teus sonhos realizados!

Claramente prevemos teu futuro,  
Lindo, bem luminoso, bem brilhante,  
A mostrar sempre, em teu belo semblante,  
U'a grande simpatia, amor bem puro!  
Deus te fez bela, externa e internamente;  
Importa que te cuides plenamente.  
Assim, tu seguirás, passo seguro!

Damos-te hoje nossos parabéns  
E que se realizem os sonhos que tens!

Lembro tua infância. Que felicidade!  
Unida a teus irmãos, com muito amor,  
Nos folguedos bem próprios da idade;  
Altivez de princesa, beleza de flor!

Saudades vou sentir da tua infância,  
Ainda que bem junto a mim estejas.  
Relembro, nessa tua adolescência,  
A minha que, tão cheia de incertezas,  
Impôs-me dura luta que venci.  
Vai, Ana Cláudia, enfrenta o teu porvir!  
A vida é luta! A luta está em ti!

Simeão Luna Machado

Fortaleza, outubro de 1997

## EM CIRCULAÇÃO O LIVRO DE MONSENHOR MONTENEGRO

Está em circulação, tendo chegado ao Crato os primeiros exemplares, o livro de autoria de Monsenhor Montenegro - As 4 Sergipanas - que se constitui um valioso repositório de informações e estudos genealógicos, sobre os descendentes de 4 sergipanas que aportaram ao Cariri, no início do povoamento da região.

O livro, primorosa edição da Casa de José de Alencar, fazendo parte do seu programa editorial, foi publicado graças ao empenho do prof. Martins Filho e substancial ajuda financeira do Banco Comercial e Industrial S/A, o BIC Banco.

As sergipanas Apolônia, Luzia, Desidéria e Bárbara de Oliveira aqui aportaram no início do século 18. São os 4 vigorosos troncos das principais famílias do Cariri. O prefácio é do Dr. Raimundo de Oliveira Borges e contém ainda o livro dois trabalhos de Mons. Montenegro, um na sua posse no Instituto Cultural do Cariri e outro ao receber a Medalha e o título de Prof. Honoris Causa da Universidade Regional do Cariri.

Trata-se de um volume cheio de informações preciosas, revelando, no autor, profundo conhecedor de genealogia e pesquisador emérito de fatos históricos regionais. Um livro precioso para a história regional.

### O AUTOR

Monsenhor Francisco de Holanda Montenegro nasceu em Jucás, Ceará, e é dos sacerdotes mais brilhantes e tradicionais do Crato. Por 52 anos dirigiu o Colégio Diocesano. Foi membro do Conselho Estadual de Educação, cargo que exerceu com brilhantismo. Sócio do Instituto Cultural do Cariri, substituiu Monsenhor Rubens Gondim Lóssio, sendo dos intelectuais mais festejados da região.



## DR. GILBERTO COSTA

Amarílio Cavalcante

Faleceu nesta cidade Fortaleza no dia 25 de dezembro de 96 o estimado amigo e conterrâneo Dr. Gilberto Rodrigues Costa. Era ele filho da cidade de Crato onde nasceu no dia 9 de agosto de 1917, sendo seus pais Eduardo de Carvalho Costa e Júlia Rodrigues, pobres e modestos, porém honrados e estimados. Lutou com grandes sacrifícios, mas teve a glória de vencer e de ter morrido com a consciência tranqüila. Estudou inicialmente no Ginásio do Crato, concluindo o curso no Liceu do Ceará, tendo integrado a turma de Odontologia do ano de 1956, da tradicional Faculdade do Ceará.

Forçado pelas dificuldades, teve de interromper os estudos para dedicar-se à profissão de propagandista e vendedor de medicamentos. Conhecia o Ceará todo e era estimado pelos médicos e farmacêuticos com quem convivia.

Ser viajante naquele longínquo tempo era tarefa espinhosa, posto que o único meio de transporte certo era o trem. A maioria das viagens eram feitas ou em caminhões ou em lombo de animal.

Quando viajante, estava certa vez na cidade de Juazeiro e houve uma partida de futebol entre as equipes de Crato e Juazeiro, época em que havia grande rivalidade entre as duas cidades. Não sei por qual razão Gilberto foi escolhido juiz da partida, tendo Juazeiro perdido o jogo por um score apertado. Descobriram, porém, que Gilberto era filho de Crato e um torcedor gritou alto e bom som que o juiz era ladrão e tinha protegido a equipe de sua terra. Houve uma revolta geral no campo entre os torcedores, e Gilberto teve de se refugiar na casa de um amigo, se não teria apanhado a valer.

O destino, porém, havia lhe reservado outros caminho. Assim é que ingressou, por concurso, com a patente de 1º Tenente, na gloriosa Polícia Militar do Ceará, nela permane-

cendo poucos anos, em face de haver atingido a chamada compulsória.

Como profissional teve a felicidade de haver participado do cinquentenário de conclusão do curso de sua turma no Liceu do Ceará, ocorrido no ano de 1987.

Comunicativo, brincalhão, sabia contar histórias e anedotas, por isso possuía uma legião de amigos e admiradores, inclusive o signatário deste trabalho. Ocupou diversos cargos públicos, entre eles o de primeiro diretor Dentista do Serviço Médico Odontológico do Instituto de Previdência do Estado do Ceará - IPEC - Por longos anos foi Chefe do Gabinete da Procuradoria Geral do Estado, onde atuou de maneira correta, adquirindo a estima dos que com ele conviviam.

Participou da fundação e foi membro por muitos anos da Federação da Agricultura do Estado do Ceará. Foi político e militava no P.S.D., na ala do hoje Ministro Wilson Gonçalves, em cujo Gabinete serviu quando o referido homem público foi Vice-Governador.

Era um freqüentador assíduo dos comícios e muitas vezes o vi correndo perseguindo a meninada que queria roubar as faixas de propaganda usadas naquelas reuniões.

O pagamento de todo o pessoal que cooperava naquele tempo nos comícios era feito por seu intermédio, com a maior lisura.

Freqüentava com assiduidade nossa residência e mantínhamos os papos mais agradáveis. Muitas vezes ficávamos indicando os nomes dos moradores, rua por rua, das diversas casas existentes em Crato, no nosso tempo de garoto, começando pela chamada rua da "Pedra Lavrada", onde eu nasci e, ele também. Era uma peleja engraçada pois se qualquer um de nós errássemos era logo corrigido. Conversávamos também sobre outros assuntos, inclusive relembrando as festas que em Crato, o saudoso Deodoro Gomes de Matos realizava no seu estabelecimento de diversão denominado Bar Ideal. Deodoro era uma figura querida e respeitada e freqüentemente promovia bailes em home-

nagem às personalidades de destaque da sociedade. Como era cego, alguns dos moleques brincalhões, na hora das despedidas ingressavam na fila para os devidos agradecimentos, mencionando, como era natural, o nome. Quem uma vez fez essa brincadeira e deixou Deodoro irritado, providenciando imediatamente sua retirada do salão foi o popular conhecido por alcunha de "Augusto Cebolinha".

Gilberto era cheio de travessuras e quando morava em Fortaleza, na Pensão da saudosa Neném Lucas, raspou, jeitosamente, um dos lados do bigode de um companheiro o qual ficou enfurecido com a brincadeira. A vítima, na época estudante do Colégio Militar do Ceará, foi o saudoso Coronel do Exército Audísio Siébra, filho do Crato, que ocupou os mais variados cargos na política da Paraíba.

Inteligência prodigiosa, sempre infenso a bebidas alcoólicas, era poeta e muitas das suas produções foram publicadas nos diversos jornais de Fortaleza. Em 1984 redigiu um trabalho intitulado "Ser Feliz", onde revelou as suas qualidades de homem de bem, temente a Deus e pronto servir a quem o procurasse.

Contraiu matrimônio (fugido) no ano de 1944 e foram seus padrinhos, na cerimônia católica os saudosos amigos Luiz de Carvalho Maia e Dr. Quixadá Felício. No ato civil, realizado na cidade de Juazeiro do Norte, serviram de padrinhos Dr. Mozart Cardoso de Alencar (falecido) e os Drs. Gilson Gondim e José Menezes.

Fato curioso é ter Gilberto falecido e sepultado em Fortaleza em 25 de dezembro de 1996, no mesmo dia e na mesma hora em que Luiz Maia, seu padrinho de casamento, faleceu e enterrou-se na cidade de Recife.

Contraiu núpcias com Teresa Ferreira da Costa, filha da cidade de Várzea Alegre, estudante do Colégio Santa Tereza de Jesus e da Associação dos Empregados do Comércio de Crato, em cujos estabelecimentos sempre foi das primeiras alunas, havendo lecionado na Associação. Na 2ª edição do meu livro "Ginásio do Crato 1941, Sonhos e Saudades", ela escreveu uma crítica brilhante a respeito da obra.

Gilberto tinha muitos amigos, sobretudo na cidade de Crato, entre os quais, podemos citar o ilustre comerciante Baldoino Bezerra, a competente professora Lila Moreira e o célebre escritor J. de Figueiredo Filho, autor, entre outros, do livro "Meu Mundo é Uma Farmácia", em cujo trabalho Gilberto foi citado e elogiado. Hospedou várias vezes o escritor e sua esposa, quando eles vinham a Fortaleza.

Como toda criatura, tinha suas vaidades, e uma delas era possuir um automóvel novo, quase sempre do ano. Era um dos assíduos freqüentadores do Consulado do Crato, que funcionava sob o comando do saudoso Joaquim Citó Sobrinho, na rua Perboyre e Silva, em frente ao prédio onde funciona a A.C.I.

Muitas vezes viajamos juntos, palestrando alegremente, ou para Crato ou para a fazenda do então Senador Wilson Gonçalves, de quem foi correligionários até o fim de sua permanência na vida político-partidária.

Apesar de expansivo e brincalhão, Gilberto era homem disposto. Quando jovem estudante várias vezes o vi, na praça Siqueira Campos, em Crato, em luta corporal com colegas. Lembro-me bem de uma delas com um conhecido colega, também aluno do Liceu do Ceará.

Gilberto morreu pobre, mas conseguiu deixar um grande patrimônio que foi a educação da família. Seus filhos são todos formados, têm independência e estão bem situados na vida. São eles: Efísio, Engenheiro Químico; Gilberto Júnior, Dentista; Maurício, Engenheiro Civil; Klébia, funcionária fazendária, com Curso Superior, Carla, Socióloga e Fábio, Advogado. Cercado do conforto de sua estimada esposa e dos seus dedicados filhos, sofreu resignadamente sem nada reclamar, como só acontece com homens de fibra. A sua morte foi muito sentida. Seu sepultamento contou com a presença de grande número de familiares e amigos. Que Deus o tenha na sua morada.

Entre os irmãos que possuía, sempre estou em contato com o correto Philadélfio, hoje servidor do Arquivo Público.

## DR. FRANCISCO HERON DE ALENCAR

### Dados biográficos dessa personalidade

Pai: Ignacio de Loyola Alencar

Mãe: Raymunda Felício de Alencar.

- Nasce a 8 de novembro de 1921 na cidade do Crato, Estado do Ceará.
- Forma-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1946.
- Participa ativamente do movimento estudantil tanto no diretório acadêmico de sua Faculdade, quanto nas lutas da União de Estudantes da Bahia e da UNE.
- Médico da Maternidade Climério de Oliveira, da Faculdade de Medicina.



Dr. Heron Felício Alencar, ilustre filho do Crato.

- Redator e crítico literário de "A Tarde", jornal de Salvador, de 1947 a 1954.- Funda em 1948, com outros jornalistas, o semanário "O Povo", em Salvador.
- Membro da Diretoria do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo, movimento que deu origem à criação da *Petrobrás*
- Em 1952 é aprovado, em concurso da Faculdade de Filosofia da Bahia, para a livre-docência de *Literatura Brasileira*, tendo obtido a nota máxima - 10.
- Professor do Curso de Jornalismo da mesma Faculdade.
- Em 1954 substitui Celso Cunha na Sorbonne, ocupando até 1960 a cadeira de *Literatura Brasileira* como professor visitante.
- De volta a Salvador e reintegrado à Universidade da Bahia, é escolhido secretário-executivo do *IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros*, realizado na capital baiana em 1961.
- Integra a comissão organizadora da Universidade de Brasília ao lado de Darcy Ribeiro, onde dirige o Departamento de Letras até sua cassação, com outros professores, pelo golpe militar de 1º de abril de 1964.
- Exila-se no Rio de Janeiro na Embaixada do México, país onde residiu durante um ano.
- Viaja a Cuba, Tcheco-Eslováquia, União Soviética, Uruguai e Chile.
- Fixa residência como exilado político em Paris.
- A convite do Iram - *Instituto de Pesquisa e Aplicação de Métodos de Desenvolvimento*, (órgão não-governamental com sede em Genebra), vai trabalhar na Argélia até princípios de 1966.
- De volta a Paris é convidado a trabalhar no Irfed- *Instituto de Pesquisa e Formação de Pessoal para o Desenvolvimento*, (órgão não-governamental com sede em Genebra).
- Integra Missão da UNESCO no Tchad (África Oriental), sobre educação e formação da juventude e reforma do ensino em 1970.
- É convidado por Oscar Niermeyer, responsável pelo projeto de criação da Universidade da Argélia, para coordenar

um grupo de professores brasileiros na elaboração do seu programa pedagógico.

– Com o projeto concluído e aprovado pelo governo argelino, regressa ao Brasil gravemente enfermo.

– Morre no Rio de Janeiro em 1º de janeiro de 1972.

## PUBLICAÇÕES

*José de Alencar e a ficção romântica*, capítulo da obra *A Literatura no Brasil*, dirigida por Afrânio Coutinho, editora José Olympio.

*Literatura, um conceito em crise*, (Tese do concurso prestado para a cadeira de *Literatura Brasileira* da Faculdade de Filosofia da Bahia).

*Universidade, região e alienação cultural*, publicado pela Universidade da Bahia.

## LETRAS & ARTES – DESTAQUE PARA HERON DE ALENCAR

Waldir Freitas Oliveira

Historiador, autor de *A Antiguidade Tardia*, e professor da UFBA, Waldir Freitas Oliveira pertence à Academia de Letras da Bahia.

Conheci Heron de Alencar, se não me foge a memória, por dele ouvir falar, por Adalmir da Cunha Miranda, meu contemporâneo na Faculdade de Direito da Universidade da Bahia, nos últimos anos da década de 40. Merecia de Adalmir e do poeta Ênio Mendes, também meu conterrâneo naquela escola, os maiores elogios como estudioso da nossa literatura, sendo respeitado pelos jovens daquele nosso tempo, mesmo pertencendo a uma geração 10 anos à nossa frente.

Vim a conhecê-lo, pessoalmente, pouco depois, em plena atividade política, quando participamos, lado a lado, na campanha em favor do monopólio estatal do petróleo,

que resultaria, afinal, na criação da Petrobrás. Esse conhecimento se iniciou em 1948. Reencontrei Heron de Alencar mais tarde, na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia.

Lá estava ele como professor contratado para o ensino das disciplinas "Técnica de Jornal" e "Literatura Contemporânea", tendo permanecido sob sua responsabilidade, a partir de 1952, somente a última delas, com a contratação para "Técnica de Jornal" do jornalista Raimundo José da Matta. Em agosto de 1953, submeteu-se Heron de Alencar a concurso para Livre Docência da cadeira de "Literatura Brasileira", com a tese "Literatura - Um Conceito em Crise", havendo sido aprovado com as melhores notas. Ao ponto de sua prova escrita haver sido a seguir, publicada, sob o título "O Romance Modernista e Contemporâneo", no Volume II dos "Arquivo da Universidade da Bahia - Faculdade de Filosofia" 1953.

No ano seguinte, seguiria Heron de Alencar para a França onde iria atuar, em Paris, na Sorbonne, como professor visitante encarregado do ensino de "Literatura Brasileira". Ali o encontrei, em 1958, de passagem para Estrasburgo, onde fui seguir um curso de especialização em Geografia Humana e Econômica, na sua Universidade. E em 1959, novamente estivemos juntos, aqui em Salvador, nos trabalhos de organização do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado ainda ao tempo do magnífico reitor Edgard Santos.

Heron de Alencar regressara da França naquela ocasião. Passara em Paris sete anos. Engajou-se, então, de modo decidido, na luta pela reforma da Universidade brasileira; e em 1º de março de 1961 pronunciaria, no auditório da reitoria, a aula inaugural do ano letivo, depois publicada sob o título "Universidade, Região e Alienação Cultural".

Daqui seguiu para integrar os quadros da Universidade de Brasília. Não mais a regressaria à Bahia, senão esporadicamente. Em abril de 1964, por circunstâncias de todos conhecidas, foi obrigado a abandonar o País, tendo vivido, com refugiado político, na França e na Argélia, até 1971, quando, gravemente enfermo, regressou ao Brasil, onde faleceu em 1º de janeiro do ano seguinte, com 52 anos de



idade. Estas as lembranças que me chegam de Francisco Heron de Alencar, um intelectual sério, de uma integridade política a toda prova, fiel aos seus princípios, incansável na luta por melhores dias para a nossa sociedade e, por consequência, para a pátria brasileira; e finalmente, um jornalista de alta categoria, que honrou, sobretudo, as páginas de A TARDE, jornal onde iniciou sua carreira.

Salvador, 10 de outubro de 1992.

## LOUVAÇÃO AO POETA NOVENTÃO!

Napoleão Tavares Neves

Nos duros embates da vida "Escapa sempre alguma coisa ao naufrágio natural das ilusões"!

No caso presente, escapou muita coisa que aqui nos traz para, contritos, rendermos graças a Deus por elas.

Amigos e familiares de Antônio Marchet Callou prontam-se ante o altar do Excelso Padroeiro desta freguesia e neste templo mais do que bissecular, agradecem a Deus por sua vida tão opulenta em benemerências, tão suculenta em exemplos, tão meritória em virtudes!

Decididamente, é uma vida voltada para o bem, quer como cidadão, como profissional da Odontologia, como educador, como intelectual, como escritor, como poeta, como chefe de família, como homem, afinal. Do topo raro deste 90 anos bem vividos, Marchet Callou pode olhar para trás e dizer como César: VIM, VI E VENCI!

E venceu sem pisar ninguém, porque venceu com as armas da brandura, da bondade e do sorriso! Venceu poetando, pelejando o bom combate! Efetivamente, Marchet envelheceu como as árvores de Olavo Bilac, SORRINDO! Sim, sorrindo e distribuindo rosas de BONDADE, ele desfilou na passarela da vida com muitas facetas.

Marchet profissional da saúde, lenindo dores!

Marchet poeta, sublimando o BEM e cantando a beleza!

Marchet seresteiro, glosando a beleza da lua nas noites sertanejas!

Marchet jornalista, mostrando Barbalha ao mundo!

Marchet educador, apontando rumos aos jovens!

Marchet historiador, revelando segredos do passado!

Marchet ecologista por natureza, antes mesmo da ecologia nascer como ciência!

Marchet sensitivo, capaz de curvar-se á beira do caminho para admirar o colorido de uma pétala de rosa!

Marchet quase ingênuo!

Marchet de espírito desarmado como uma criança!

Marchet capaz de acariciar uma pedra do seu sertão!

Marchet que saúda uma baráúna das suas Abóboras como se gente ela fosse!

Marchet impossível de ser repetido porque as circunstâncias da sua formação não se juntarão jamais!

Assim, quanta coisa, velho amigo-irmão, quanta coisa de bom escapou ao natural naufrágio das suas ilusões! Mas escapou sobretudo uma personalidade rara e interessante cujo modelo o Criador descartou porque o mundo de hoje, brutalizado pela violência, não a entenderia mais!

Escapou também uma prole linda, bonita, bem feita, ajustada: 8 filhos, que são 8 notas musicais, "netos e os mais que forem vindo", como ele costuma dizer poeticamente!

Uma família bem encaminhada no dia a dia e estruturada no concreto do temor de DEUS, da Fé cristã, da Ética e da bondade, ao toque mágico das mãos de fada da esposa Elbe que sempre contrabalança a proverbial desorganização do esposo com seu notável equilíbrio emocional e econômico financeiro. Ela, uma super mulher, uma super esposa, uma super mãe, uma grande dama, afinal.

Efetivamente, vocês, Marchet e Elbe, formam um par que se atraiu pelas tremendas diferenças e nelas, paradoxalmente, completou-se, e firmou-se para os duros percalços da vida. Que beleza!

O lar de vocês, que tenho privilégio de conhecer bem como vizinho, é uma sinfonia familiar onde notas aparentemente dispares formam uma partitura ajustada de louvores a DEUS e a VIDA!

Que beleza, repito!

Caros Marchet e Elbe.

O mistério do amor os fez tão diferentes para provar que o AMOR existe e que saber viver bem é saber bem administrar as diferenças individuais com DEUS no topo das decisões de uma família!

Por tudo isto, é que aqui estamos nas justas comemorações destes 90 anos de um exemplar chefe de família que se chama Antônio Marchet Callou, pernambucano-cearense ou cearense-pernambucano, acima de tudo poeta nato, criança grande, menino noventão!

Que Deus o guarde, amigo Marchet, como eterno patrimônio humano desta feliz comunidade de tantos patrimônios!

E usando uma tradicional expressão dos tabuleiros do seu Parnamirim e da nossa Barbalha, eu ousou repetir: BENZATE DEUS, Marchet, Marchet folclórico, Marchet boêmio, Marchet poeta, Marchet gente como bem pouca gente!

Napoleão Tavares Neves  
Barbalha, 16/11/97

(Palavras do escritor Napoleão Tavares Neves, saudando dr. Marchet Callou, na homenagem que fizeram a esse intelectual, por parte de amigos, familiares e admiradores, quando este completou 90 anos, em Barbalha, CE).

## FAMÍLIA CARTAXO

DISCURSO OFICIAL PROFERIDO PELO DR. PAULO NERTAND CARTAXO ESMERALDO, REPRESENTANDO A FAMÍLIA, NA SOLENIDADE DE INAUGURAÇÃO DO BUSTO DO DR. CARTAXO, NA CIDADE DE MAURITI (CE), EM 27 DE AGOSTO DE 1995.

(Extrato da publicação A Família Cartaxo, suas origens e o município de Mauriti, da autoria do Dr. Paulo Nertand Cartaxo Esmeraldo)

Exmo. Sr. Dr. José Marcondes Grangeiro

DD. Prefeito Municipal

Exma. Dra. Maria Lúcia Falcão, Meritíssima Juíza de Direito

Exmo. Sr. Johnson Lira Coelho, DD. Promotor de Justiça

Revdo. Pe. João Bosco Cartaxo Esmeraldo, DD. Vigário Geral da Diocese do Crato

Revdo. Pe. João Bosco Lima, DD. Vigário da Paróquia

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Mauriti e demais Vereadores

Distintas autoridades

Minhas Senhoras

Meus Senhores

Meus queridos Parentes e Conterrâneos de Mauriti:

Vivemos, neste instante, momentos de grata emoção e entusiasmo cívico, com a celebração dos 105 anos do Município de Mauriti, que se completam com a inauguração do busto do eminente Dr. Antônio Joaquim do Couto Cartaxo.

Escolhido para ser o orador desta solenidade que tanto tem de singeleza, como de beleza espiritual, uso da palavra para, em primeiro lugar, exaltar esta linda terra, trazendo os parabéns de todos nós, pelo transcurso dos seus 105 anos de existência oficial.

O povoado que, aqui, existiu, que se desenvolveu e deu origem a esta cidade, chamava-se Buriti Grande.

À sombra da capelinha dedicada à Nossa Senhora da Conceição, começou a crescer. A capela foi construída pelo Capitão Miguel Gonçalves Dantas de Quental, entre 1870 e 1875, voto feito à Virgem da Conceição, para livrá-lo e a família do colera morbus.

Para tanto, fez ele doação, com sua mulher, Ana Cordolina Cartaxo Dantas, de um trecho de terras de 50 por 50 braças, doação assentada conforme documentos, em 06 de setembro de 1870.

Pelo Decreto nº 51 de 27 de agosto de 1890, foi criado o Município de Mauriti, resultante de um trabalho feito pelo seu cunhado, o Dr. Antônio Joaquim do Couto Cartaxo, deputado federal e membro da primeira Constituinte do Brasil. Era irmão de Dona Ana Cordolina Cartaxo Dantas.

Meus senhores:

Concentra-se esta solenidade em torno da inauguração de um busto do grande benfeitor desta terra, praticamente seu fundador, o Dr. ANTÔNIO JOAQUIM DO COUTO CARTAXO. A sua fisionomia, a partir de hoje, talhada neste bronze, fitará, para sempre, os verdejantes campos de Mauriti, que ele tanto amou, e será a memorização do seu exemplo de luta e de tenacidade que, a todos nós, seus parentes, enche de orgulho.

Aqui nos encontramos para render-lhe esta homenagem. A ela se associa todo o Mauriti dos dias presentes. Este busto ficará como um legado aos pósteros, que sempre terão, no exemplo do Dr. Cartaxo, o sagrado fogo a alimentar seus ideais, a ensinar a combater contra as dificuldades da vida.

Ele era filho do português Joaquim Antônio do Couto Cartaxo, nome que adotara por ser filho da milenar cidade de Cartaxo, em Portugal, ainda com esse nome do tempo dos fenícios. Desembarcou o velho português, em terras brasileiras, através do Recife, em princípios do século passado.

O seu filho, que encima este monumento, o Dr. Cartaxo, nasceu na cidade de Cajazeiras, onde, inicialmente, se fixou sua família. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Recife, em 1862. Casou-se em Milagres, com Dona Maria Leopoldina Dantas Cartaxo, irmã do Cap. Miguel Gonçalves Dantas de Quental.

O Dr. Antônio Joaquim do Couto Cartaxo foi o primeiro Juiz de Direito de sua terra, Cajazeiras, em 1864, depois, foi deputado provincial, pela Paraíba, de 1865 a 1866. Transferindo sua residência para o Cariri cearense, exerceu as funções de Juiz Municipal, em Milagres, e casou-se com Dona Maria Leopoldina Dantas.

No biênio 1878-1879, ei-lo deputado provincial pelo Ceará, para, em seguida, nos albores da República, ser eleito deputado federal pela Paraíba, na primeira Constituinte do Brasil, ao lado do seu amigo Epitácio Pessoa, este, mais tarde, Presidente da República.

Como deputado federal à primeira Constituinte do Brasil, conseguiu do primeiro governador provisório do Ceará, Luiz Antônio Ferraz, fosse baixado o Decreto nº 51, de 27 de agosto de 1890, que elevou à categoria de vila, com o nome de Mauriti, a povoação de Buryti, antes Podimirim, dando-lhe autonomia municipal.

Como católico fervoroso, foi atuante parlamentar, defendendo o casamento civil e as frentes de serviço, para dar emprego e alimento aso famintos da seca, no Nordeste. Posicionou-se, na Câmara, contra a instituição do divórcio. Na mesma Câmara, tomou parte ativa na crise de 1891, propiciando a ascensão, ao governo, do Marechal Floriano Peixoto.

Corajoso e altivo, proferiu, a 4 de agosto de 1892, eloqüente discurso, verberando o estado-de-sítio, revelando-

se possuidor de sólidos conhecimentos do Direito Público e Constitucional.

Acirrados os ânimos, foi ele, o Dr. Cartaxo, forçado a regressar ao Nordeste, escapando, assim, às duras perseguições do Marechal de Ferro.

No aconchego do lar, constituiu uma família cristã e que daria, como ele, à comunidade, edificantes exemplos de fé e de trabalhos.

Sete foram os seus filhos, a saber:

- ❖ Ana Emília, casada com seu tio, Deodato do Couto Cartaxo;
- ❖ Raimundo do Couto Cartaxo, casado com sua prima Ana Guarita do Couto Cartaxo
- ❖ Maria Leopoldina Couto Rolim, casada com Sabino Gonçalves Rolim;
- ❖ César Cândido Couto Cartaxo, casado com Maria Fernandes;
- ❖ André Brasiliense do Cartaxo, meu avô, casado com Maria Fernandes Teles Cartaxo, esta, filha do Cel. Teodorico Teles, do Crato;
- ❖ Antônio Belisário Couto, solteiro;
- ❖ Maria Angelina, casada com Inácio Guedes Sobral.

César Cândido do Couto Cartaxo, engenheiro civil, ocupou o cargo de Engenheiro Fiscal da Ferrovia Great Western, em João Pessoa, em 1930. Lotado no Ministério de Viação e Obras Públicas, de 1930 a 1933, foi transferido para o Paraná, por motivos políticos, voltando ao Recife, ainda, em 1933. Atuou, como pecuarista, nos vales dos rios Paraíba e Mamanguape, no Estado da Paraíba.

Dr. Antônio Belisário ficou solteiro. Médico, ocupou a chefia da Clínica Médica da Brigada Militar do Rio de Janeiro, e clinicou nos hospitais da Cidade Maravilhosa, sempre respeitado e muito querido.

Raimundo Cartaxo foi o pai do desembargador Dr. Antônio Cartaxo, em João Pessoa, e desta figura conhecida,



querida e respeitada, que é Moacir Cartaxo, com seus irmãos, atuantes na Fazenda Ramos, no Município de Milagres.

André Brasiliense do Couto Cartaxo, que foi prefeito de Milagres, gerenciou as Fazendas Araticum e Diamantina, esta na Paraíba, deixando-nos gratas recordações. Família numerosa, um dos seus filhos, Décio, foi prefeito do Crato, deputado estadual e Presidente da Assembléia do Ceará, quando, nesse posto, chegou a governar interinamente, a terra cearense. Outro filho, Dr. Fernandes Teles Cartaxo, foi prefeito desta cidade, por dois períodos, por demais conhecido de todos.

Minhas senhoras e meus senhores:

Que belo exemplo de homem foi o Dr. Antônio Joaquim do Couto Cartaxo! Deixou, para todos nós, seus descendentes, um legado de honra e de trabalho, um padrão de vida e de comportamento que, a todos, enobrece.

Enfrentou dificuldades e percalços, em sua vida. De toda ordem.

Naquela época, estudando em Recife, vencia o sol ofuscante, o intenso calor, os temporais, as enchentes, montado em animais, transpondo rios e cidades, em todo o período escolar, até conquistar o grau de bacharel em Direito, na capital pernambucana, em 1862, isto há 133 anos atrás!

O trajeto Cajazeiras-Recife era, para ele, nas ínvias estradas de então, inteiramente familiar. Um desafio que só seria vencido por homens corajosos e determinados, firmes e de convicções.

Eu o louvo e me orgulho de ser seu bisneto. Considero uma dádiva divina a oportunidade de, aqui, estar interpretando as alegrias da Família, na inauguração do seu busto.

O "seu Doutor", como era chamado, passou, no aconchego da família e dos parentes, o restante de sua vida, cercado de todo carinho, até falecer, no cano de 1904, na Fazenda Araticum.

E, agora, neste dia histórico, neste momento solene, em que Mauriti festeja seus 105 anos, a família do Dr. Cartaxo, as autoridades e os amigos, aqui, reunidos, num tributo à sua imperecível memória, inauguram o seu busto, nesta cidade que ele tanto amou. Ele ficará como glorioso exemplo para a posteridade, exemplo a ser lembrado e seguido. Para que os mauritienses, honrados com seu fundador, perpetuem, tempos afora, sua homenagem à memória inigualável de quem, na vida, só soube praticar o bem e trabalhar pela sua comunidade!

Muito obrigado! O comovido agradecimento de todos nós! Esta data jamais sairá dos nossos pensamentos.

(Palavras do Dr. Paulo Cartaxo Esmeraldo, na inauguração do busto do Dr. Cartaxo, em Mauriti, em 27 de agosto de 1995).

DISCURSO PROFERIDO PELO CEL. ENG.º R-1  
JOÃO TARCÍSIO CARTAXO ARRUDA, JÁ FALECIDO,  
POR OCASIÃO DAS COMEMORAÇÕES DOS 150  
ANOS DE CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MAURITI  
(CE) E INAUGURAÇÃO DO BUSTO DO SEU  
FUNDADOR, DR. ANTÔNIO JOAQUIM DO COUTO  
CARTAXO

(Extrato da publicação A FAMÍLIA CARTAXO, SUAS  
ORIGENS E O MUNICÍPIO DE MAURITI, de autoria do  
Dr. Paulo Nertand Cartaxo Esmeraldo).

Exmo Sr. Dr. José Marcondes Granjeiro

M.D. Prefeito Municipal

Exmº Sr. Oceano Sampaio, Presidente da Câmara Municipal de Mauriti

Autoridades Eclesiásticas,  
Sr. Delegado de Polícia,  
Minhas Senhoras,  
Meus Senhores

Há cerca de uma semana recebi um inesperado e agradável convite do Dr. Fernandes Teles Cartaxo, para aqui comparecer, a fim de participar das solenidades de inauguração do busto de Antônio Joaquim do Couto Cartaxo, o Doutor Cartaxo, fundador desta cidade e meu bisavô materno.

Apesar de morar na distante cidade de Brasília, não podia faltar a este evento de relevante valor histórico e pleno de emoções por rever familiares queridos e esta cidade de tantas recordações de minha meninice. Recordar é viver. Foi neste município, na Fazenda Araticum, que minha mãe, Maria Leticia Cartaxo, se uniu pelos laços do casamento com meu pai, Edgar Arruda, no dia 28 de maio de 1919, e viveram nesta cidade o seu primeiro ano de casados. Era na Fazenda Araticum que vinha todos os anos passar minhas férias escolares, no final da década de 30 até meados da década de 40.

Ao rever a Mauriti de minha infância, despertou-me a curiosidade em saber porque foi escolhido pelo fundador Dr. Cartaxo, o nome de MAURITI.

Deixo aos estudiosos da toponímia a pesquisa das razões que levaram a tal denominação. No entanto, faço algumas indagações na formulação das hipóteses sobre os motivos dessa escolha. Inegavelmente, e por força da tradição, Mauriti era o nome do Almirante Joaquim Antônio Cordovil Mauriti, herói da guerra do Paraguai, nascido no Rio de Janeiro em 1844 e falecido em 1915, portanto, contemporâneo do Dr. Cartaxo. O nome de Mauriti foi dado por sugestão de um amigo comum, por admiração aos homens do mar, ou uma sincera e merecia homenagem a um herói da Pátria?

O amigo comum seria no caso o Dr. Epitácio Pessoa, amigo e colega de bancada do então Deputado Federal pela Paraíba, Dr. Cartaxo.

Fui adido militar do Brasil em Portugal no período de julho de 1983 a agosto de 1985, quando tive a oportunidade de visitar por diversas vezes a cidade de Cartaxo, berço da família Couto e que deu origem ao topônimo Cartaxo. É uma cidade simpática, que tem como características uma praça de touros e seus vinhos tintos fortes, lá denominados de carrascão.

Perto de Cartaxo existe outra cidade maior, Santarém e cuja importância para nós brasileiros é abrigar, em uma igreja, os restos mortais do Almirante Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil. Seria a fascinação dos Portugueses pelos "mares nunca dantes navegados" que fizeram os navegantes lusitanos descobrirem terras nos cinco continentes, que induziram a adotar o nome de Almirante, homônimo do Português Joaquim Antônio, pai do Dr. Cartaxo?

Como militar que serviu por mais de 39 anos ao Exército Brasileiro, prefiro aceitar como o mais provável a hipótese de ser uma justa e merecida homenagem ao Almirante que tão bravamente atuou na guerra da Tríplice Aliança.

O Almirante Mauriti, que deu o nome a esta cidade, iniciou sua carreira como guarda-marinha em 1860, após ter concluído o curso na Escola Naval. Náufrago da Corveta Imperial Marinheiro, em 1865, embarcou depois no Cruzador Barroso, da esquadra em operações contra o Paraguai, no Rio da Prata, no qual serviu como oficial e comandante. Durante as operações de guerra foi promovido a primeiro tenente e a capitão-tenente, quando participou dos bombardeios de Itapiru e Passo da Pátria; dos combates contra os fortes de Curuzu e Curupaiti, quando foi ferido; do forçamento do Curupaiti, Humaitá, Tebiquari e Angustura, assim como do bombardeio das baterias e demais objetivos militares da Capital Assunção

A 19 de fevereiro de 1868 no comando do MONITOR Alagoas, foi a figura mais destacada da passagem de

Humaitá, repelindo várias tentativas de abordagem das barcas aguerridas dos Paraguaios. Por esse feito foi laureado pelo Governo Imperial com a Comenda da Ordem do Cruzeiro, a promoção a Capitão Tenente e uma pensão anual. Comandou numerosos navios, divisões navais e a própria esquadra brasileira. O nosso herói na guerra teve destacada atuação na paz, onde alcançou os mais altos postos na hierarquia da Marinha, tendo sido promovido a contra-almirante em 1890, a vice-almirante em 1894 e a almirante em 1899. Exerceu elevadas e importantes funções na nossa Marinha de Guerra, como as de Chefe de Estado Maior da Armada (1906-1907); Membro e vice-presidente do Conselho Naval e do Conselho de Almirantado; Chefe da Comissão Fiscalizadora da Construção da Nova Esquadra na França (1909). Foi autor de um estudo sobre "Material flutuante da armada nacional" (1873).

Como representante da família Cartaxo Arruda, me associo, com júbilo, às comemorações prestadas por esta comunidade ao seu fundador, que coincide com a data de aniversário de sua criação como município.

Desejo agradecer nessa oportunidade ao gesto nobre de D. Valdelice Teles Cartaxo Pinheiro, viúva do Gen. Div. R-1 Raimundo Teles Pinheiro, mauritiense e benemérita, por ter mandado confeccionar este busto de bronze que está sendo inaugurado na praça principal de sua cidade natal; ao Dr. Fernandes Teles Cartaxo, pela generosa acolhida e recepção proporcionada a todos os membros de nossa família, na sede da Fazenda Araticum, e aos Exm<sup>os</sup> SR. Dr. José Marcondes Granjeiro, Prefeito Municipal, e Sr. Oceano Sampaio, Presidente da Câmara Municipal, pelo brilhantismo e espírito cívico demonstrados ao organizar tão singela cerimônia.

Que a âncora, símbolo universal da marinha, que encima a bandeira desse município, sirva sempre para despertar nos seus filhos os feitos gloriosos de seu patrono, o almirante Mauriti, e que os ramos de milho e algodão que a completam e representam os principais produtos agrícolas deste

chão, proporcionem a fartura e a prosperidade dessa promissora região do Cariri Cearense e a felicidade que desejo para seu povo.

CEL. ENG<sup>o</sup> R-1 JOÃO TARCÍSIO CARTAXO ARRUDA  
Mauriti - CE, 27 de agosto de 1995

# O COLÉGIO DIOCESANO DO CRATO GEO-DIOCESANO DO CRATO

NA DITOSA OCORRÊNCIA DE SEUS SETENTA ANOS –  
1927-1997

## UMA TRADIÇÃO MODELAR DE ENSINO

A modesta, mas arrojada iniciativa, que o espírito idealista do PADRE FRANCISCO DE ASSIS PITA soube acalentar no leito de esperanças fagueiras, plantando a semente benfazeja, lançada em terreno viçoso, adubado por golpe de santa e corajosa ousadia, tornou-se fecunda e transformou-se, a despeito das vicissitudes dos tempos, no GINÁSIO DO CRATO, COLÉGIO DIOCESANO DO CRATO, hoje, GEO-DIOCESANO DO CRATO – 1927-1997 – UMA TRADIÇÃO DE MODELAR DE ENSINO.

Com uma tradição de mais de meio século à causa da Educação, o referido Estabelecimento de Ensino está ligado historicamente ao antigo Colégio São José, fundado no ano de 1909, o que pode muito bem dimensionar os níveis de responsabilidade e respeitabilidade do trabalho que tem desempenhado ao longo dos anos como transmissor do saber e da cultura, com reflexos altamente positivos tanto no plano local como regional.

1927 – O GINÁSIO DO CRATO – Crato desfruta, na época, sem favor, de uma situação privilegiada na escala do progresso do Estado, quicá do Nordeste. Dificilmente, encontraríamos, naquelas primeiras décadas do século, uma cidade do interior, enriquecida de tantos recursos e de tantas possibilidades, relativamente ao bem-estar da coletividade. A princesa do Cariri se nos afigura a mais completa na "hinterlândia" nordestina, guardadas as devidas propor-

ções. Vida econômica tanto quanto autônoma, vida social rivalizando com centros mais adiantados e, sobretudo, situação lisongeiríssima, no que tange ao setor educacional.

O problema da educação estava sempre em primeiro plano e na pauta das realizações mais urgentes para a Cidade do Crato. Sempre houve, por parte da comunidade cratense, a preocupação primeira de elevar a mentalidade do povo, pela instrução como ponto de partida para a floração do progresso de ordem material. A cultura da inteligência alicerçou o desenvolvimento da terra e da gente, propiciando ao meio um clima de compreensão e estímulo aos demais problemas.

O pioneirismo educativo do GINÁSIO DO CRATO pode ser dimensionado a partir da constatação de que, à época de sua criação, março de 1927, era a única escola num raio superior a quinhentos quilômetros a oferecer ensino secundário em condições absolutas. Dada a posição geográfica do Crato, o Ginásio do Crato, hoje GEO-DIOCESANO, extrapolou sua condição de educador local, com influência restrita, para se tornar irradiador de cultura a várias regiões de outros Estados nordestinos que têm o privilégio de gozar de sua vizinhança. Orgulho do Crato é, por sem dúvida, o GINÁSIO DO CRATO, COLÉGIO DIOCESANO DO CRATO, instituição de ensino que se alcandora, dia a dia, concorrendo grandemente para a elevação cultural das gerações moças do Cariri. Nasceu, podemos dizer, com os primeiros educadores da zona. Tomou corpo com o espírito lúcido e empreendedor do Mestre PADRE FRANCISCO PITA, vitalizando-se, mais tarde, com a ação benéfica da Diocese, encampando-o como Instituição Diocesano. E hoje, mercê do dinamismo dos seus abnegados diretores e educadores, apresenta-se como dos mais modelares estabelecimentos de ensino do Ceará. O Ginásio do Crato entrou na sua fase definitiva, em março do ano de 1927, com sede própria, propriedade do Padre Francisco Pita, instalada à rua Nelson Alencar, nº 569, esquina com a Duque de Caxias. Nasceu com internato, semi-internato e externato, ministrando Ins-



trução Primária e Secundária. Com um equipamento pedagógico impressionante, a Escola possuía um rico e moderno GABINETE DE FÍSICA, QUÍMICA e HISTÓRIA NATURAL, vindo diretamente da França. Um Corpo Docente dos mais qualificados do Nordeste. Atendendo a todas as exigências legais do Ensino Secundário, o Padre Mestre Diretor, num dinamismo incontrolável e numa ousadia intrépida e corajosa, doou ao Crato, o que nenhuma cidade do interior do Nordeste possuía naquele tempo: *uma Escola Secundária equiparada ao Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro. Só os LICEUS OFICIAIS das Capitais e algumas Escolas Particulares do sul do País gozavam deste privilégio.*

Nos anos de 1927 e 1928, os exames escolares já foram presididos pelo Dr. Eurico Sampaio, representante do Departamento Nacional do Ensino, do Rio de Janeiro. Num de seus Relatórios, o do ano de 1928, arquivado na Secretaria do Colégio Diocesano – Arquivo Morto – escreveu o Dr. Eurico Sampaio: "... que se poderia fazer perfeita idéia da magnitude da ação do Ginásio do Crato, naquela época, se refletíssemos serem inexistentes quaisquer estabelecimentos de ensino secundário, num círculo de raio de quinhentos (500) quilômetros, a partir da cidade do Crato..."

Diz o historiador Dr. Irineu Pinheiro, num dos seus artigos publicados na imprensa local, no ano de 1929: "Em nosso vastíssimo interior, no Ceará, ou melhor, no Nordeste, vem sendo resolvido, penosamente, com sacrifícios comovedores, por particulares, especialmente por Instituições Religiosas, o importantíssimo problema da Instrução Secundária de nossa mocidade. Quando surge em nosso meio, na nossa cidade do Crato, o Mestre-Educador, o Padre Pita, pioneiro invencível, com o seu valoroso GINÁSIO DO CRATO, estabelecimento de ensino particular, modelo das mais modernas Escolas Secundárias do País..."

No ano de 1931, houve, no Ginásio do Crato, a primeira Turma de Concludentes do Curso Secundário – 1927-1931 – em número de 19 – os quais, com exceção de dois, formaram-se em Direito, Medicina, Farmácia, Odontologia

e Agronomia. Diz o Mestre, ex-aluno do Ginásio do Crato, Professor, Dr. ALUISIO CAVALCANTE: "MESTRE PADRE PITA - ... durante vários anos, em todas as salas de aula do Ginásio do Crato, soube ele conjugar, com maestria admirável, o ofício religioso e o difícil apostolado de educador da JUVENTUDE. Modelador de personalidades, atento às naturais inclinações de cada um, ecoavam em nossos ouvidos, a cada instante, os sons de sua voz, ensinando, rezando, retemperando ânimos, espreitando e abrandando temperamentos, reprimindo excessos, ora suave, ora enérgico, mas sempre estimulado e infundindo confiança em todos nós... Obrigado, Padre Mestre, por tudo quanto fizestes por nós, por nossa Juventude e pela Pátria...". Dizia o seu ex-aluno Professor Dr. Cláudio Martins: "... O Padre Pita vive no coração de seus alunos. E no dia em que a Região do Cariri e o próprio Estado do Ceará resolverem avaliar em profundidade sua Obra Monumental em favor da Educação, terão que render-lhe as merecidas homenagens, perpetuando-lhe a memória em públicas demonstrações de apreço e reconhecimento".

O Professor Dr. J. Figueiredo Filho, Mestre, Historiador e notável Jornalista, escreveu: "O Ginásio do Crato conseguiu se impor em toda esta região, atraindo alunos de sua vizinhança e até da Capital. Foi dos educandários que mais contribuíram para a renovação do Crato e de sua esfera de influência. Por ali passaram gerações. Muitos de seus estudantes de outrora ocuparam ou ocupam posição de relevo no país. Senadores, Reitores, Deputados, Jornalistas, Escritores, Jurisconsultos, Médicos, Professores, Sacerdotes, Governos de Estados, freqüentaram-lhe as aulas e obtiveram conclusão do Curso Secundário..." E conclui o Mestre J. Figueiredo Filho: "... Padre Francisco Pita, homem culto, apegado aos livros, era a simplicidade em pessoa. Poucas pessoas eu conheci, neste mundo de meu Deus, que tivesse maior soma de conhecimento do que o Mestre Professor, Educador, PADRE FRANCISCO DE ASSIS PITA..."

Diz o Professor Aluisio Epitácio Pereira, ex-aluno do Ginásio do Crato e um dos seus melhores Professores: "É a inau-

guração do GINÁSIO DO CRATO que vai soerguer a mentalidade da juventude desta região e das circunvizinhanças... À cabeça do GINÁSIO DO CRATO figura, como um gigante, o vulto do grande Mestre PADRE FRANCISCO PITA, homem extraordinário que teve bastante sensibilidade para enfrentar a tarefa educacional naqueles tempos. O PADRE PITA tem o nome gravado *in aeternum* no coração e na alma de todos nós..."

Rendamos, com justiça, reconhecimento e gratidão, nestas festas comemorativas dos SETENTA (70) ANOS de vida do GINÁSIO DO CRATO, hoje, GEO-DIOCESANO DO CRATO, as nossas homenagens sinceras e efusivas ao MESTRE-EDUCADOR PADRE FRANCISCO DE ASSIS PITA (MONSENHOR). Para memória dos pósteros, está ele ali gravado em bronze, na Praça PADRE PITA, dentro da própria Escola que ele criou, MONUMENTO imperecedouro, contemplado pelas gerações do porvir.

#### O Segundo Diretor – 1922-1934

MONSENHOR JOVINIANO BARRETO – Vejamos o que aconteceu nos anos 1933-1934. Era um tempo de provação dura para todo o Nordeste, sobretudo para o Ceará. Não fugiu o benemérito educandário cratense à regra que preside ao destino de toda e qualquer empresa instituída na zona das secas periódicas que afligem algumas regiões do Brasil. O Ginásio do Crato resistiu, tanto quanto possível, ap tremendo fenômeno da seca de 1932. A sua matrícula foi atingida de cheio, num decréscimo de mais de dois terços. De 326 alunos decresceu a 101 alunos. Mesmo assim, o Padre Mestre Fundador não abandonou a sua Escola. Ausentando-se da cidade do Crato, no ano de 1933, preferiu passá-la as mãos de Sacerdotes, colegas seus que mereciam inteira confiança a quem entregava o seu tesouro, com certeza de que continuassem a cultivar o espírito e o coração de nossa juventude. E assim arrendou, por dois anos, o seu GINÁSIO DO CRATO aos Mestres Educadores Monsenhor

Joviniano Barreto, Padre Rodolfo Ferreira da Cunha e Padre Antônio Gomes de Araújo, assumindo a Direção do Educandário, como SEGUNDO DIRETOR, o MONSENHOR JOVINIANO BARRETO.

A nova Direção do GINÁSIO DO CRATO, nos anos 1933-1934 – se houve com brilho em sua missão. A sucessão não alterou a continuidade da orientação do Estabelecimento de Ensino. Se Padre Pita foi o fundador, Mons. Joviniano foi o consolidador. Ele era um guia de consciência, um condutor de almas à altura de sua sublime carreira sacerdotal. Deu continuidade plena à obra do seu predecessor. Todos seus atos eram impregnados de bom senso, do equilíbrio, da seriedade, da prudência, de nobres sentimentos de vivência cristã. Estas qualidades apreciáveis com que sempre se marcou buscavam nele a palavra serena, segura, iluminada, sensata, decisiva, para a solução dos problemas mais difíceis. Trabalhador, dedicado, inteligente, culto, era, sem favor, um educador dos melhores. Que fale, nesta altura, um dos seus alunos mais brilhantes, o Ex-Ministro Dr. João Gonçalves de Sousa, ex-aluno do GINÁSIO DO CRATO, nos anos 1933-1934: “Foi Mons. Joviniano Barreto acima de tudo um educador no sentido autêntico da palavra. Não vai exagero em dizer-se que, de três cearenses formados ou ordenados sacerdotes nos últimos trinta (30) anos, um, pelo menos, passou por suas mãos. Professor competentíssimo de Latim e Filosofia, disciplinador sem laivos de autoritarismo, agiu sempre como educador que procurava corrigir falhas, reabilitar fracos, extrair das criaturas humanas desejosas de orientação as qualidades potenciais que se transformassem em homens, no sentido verdadeiro da expressão”.

O Terceiro Diretor – 1935-1937

PADRE DAVID AUGUSTO MOREIRA – No ano de 1935, num gesto magnânimo que honra e ilustra o seu episco-

pado. o Exmo. Sr. DOM FRANCISCO DE ASSIS PIRES, Segundo Bispo da Diocese do Crato, adquiriu, por compra, das mãos do Padre Pita, o Estabelecimento de Ensino "GINÁSIO DO CRATO", incorporando-o ao patrimônio da Diocese do Crato com o nome de COLÉGIO DIOCESANO DO CRATO, educandário equiparado ao Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, com todos os privilégios e direitos legais de uma ESCOLA SECUNDÁRIA equiparada e reconhecida perante a Lei, sendo inspecionada pelo Departamento Nacional do Ensino, depois, MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE.

No dia 1º de fevereiro de 1935, tomou posse como DIRETOR DO COLÉGIO DIOCESANO, TERCEIRO DIRETOR DO GINÁSIO DO CRATO, o Padre David Augusto Moreira. Até fins do ano de 1937, o Padre David Augusto Moreira dirigiu o Colégio Diocesano, envidando esforços, vontade enérgica, inteligência lúcida, toda uma juventude dedicada ao serviço de uma comunidade de jovens. Padre David, na Direção do Colégio, era a JUVENTUDE comandando. As ciências exatas o empolgavam tanto quanto o fascinavam as cordas mágicas. Dizia um de seus alunos, o Professor José Newton Alves de Sousa: "... era a sensibilidade e o vigor de uma atividade irradiadora. Música e Pedagogia casavam bem em sua alma ardente e sofrida..."

Com dedicação, zelo, equilíbrio e bom senso, o Padre David Moreira conseguiu na sua administração, como Diretor dos melhores, assegurar àquela notável Instituição de Ensino o nome que desfrutava anteriormente. Era uma fase de muito trabalho, de grande atenção, que exigia presença e acompanhamento, por parte da Direção, no planejamento e na implantação de programas de natureza educacional, que garantissem a observância das leis de ensino.

Era um período de transição que ia entre uma instituição particular e uma instituição diocesana. E com muita segurança, coragem e zelo apostólico, o TERCEIRO DIRETOR do Ginásio do Crato teve o cuidado de mobilizar um distinto Corpo Docente, mestres abalizados e especialistas, capa-

zes de honrar o magistério de qualquer centro pedagógico do país.

Encampado pela Diocese, o Colégio Diocesano do Crato sente-se prestigiado pelo número crescente de sua matrícula e pelos rumos seguros que vai tomando, graças ao zelo incansável do seu Diretor.

Até o ano de 1937, o Padre David Moreira dirigiu o Colégio Diocesano do Crato com aprumo e ardor missionário, elevando a matrícula da Escola a 147 alunos.

Não há dúvida, o Colégio Diocesano do Crato, sob os auspícios da Diocese, devidamente aparelhado, formando a juventude caririense, representa uma glória e um triunfo para o Crato, levando aos pósteros o valor da geração presente, como a melhor apologia das imensas possibilidades do nosso povo.

#### O Quarto Diretor – 1938-1989

##### MONSENHOR FRANCISCO HOLANDA MONTENEGRO

Por motivo de saúde, o Padre David Augusto Moreira teve que deixar o Crato e também a DIREÇÃO do COLÉGIO DIOCESANO DO CRATO, em janeiro de 1938.

Por determinação do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, Dom Francisco de Assis Pires, o Padre Francisco Holanda Montenegro, então Vice-Reitor do Seminário São José do Crato, foi nomeado o 4º Diretor do Colégio Diocesano do Crato, no dia 14 de fevereiro de 1938, em substituição ao Padre David Augusto Moreira e permaneceu na Direção do Estabelecimento de Ensino até 31 de dezembro de 1989. No Relatório mensal de fevereiro de 1938, apresentado ao Diretor de Divisão do Ensino Secundário, com sede no Rio de Janeiro, assim se pronunciava o então INSPETOR FEDERAL junto ao COLÉGIO DIOCESANO DO CRATO. Padre Osvaldo de Figueiredo Rocha, a respeito da posse do novo Diretor do renomado Estabelecimento de Ensino: "Sem querer de nenhum modo empanar o brilho da administração passada,

de parabéns está o Ginásio do Crato com a aquisição do Padre Francisco Holanda Montenegro para dirigir os seus destinos. Realmente trata-se de um Sacerdote cuja capacidade pedagógica já está comprovada como vice-reitor que foi do Seminário São José do Crato, lugar em que revelou qualidades de ótimo administrador...”

(Relatório datado do mês de fevereiro de 1938, arquivado na Secretaria do Colégio Diocesano do Crato, hoje, GEO-DIOCESANO do Crato).

Na Revista Comemorativa das Bodas de Prata do COLÉGIO DIOCESANO DO CRATO – 1927-1952 o ex-aluno Professor ANTÔNIO LEVI EPITÁCIO, ex-gerente do Banco do Brasil – Agência Crato – escreve: “... O Padre Montenegro é inegavelmente vocacionado para as lides do ensino, em qualquer dos seus setores, e, quando necessário, sorve sozinho o seu cálice de amargura, sem dividi-lo, nem rejeitá-lo, num elevado exemplo de abnegação pela causa que abraçou.

E no meio de todos os tropeços comuns à nobilitante profissão, volta-se ainda para a parte material do Colégio que dirige, reformando por completo sua feitura, substituindo o piso de tijolo de toda a área ocupada da escola por mosaico de ótimo fabrico, rasgando novas alpendradas, construindo novas salas de aula, novos compartimentos, aumentando a área edificável com a aquisição de terrenos vizinhos, sempre modificando, melhorando, modernizando, e por fim ainda consegue levantar toda uma ala do edifício, transformando-o sob todos os pontos de vista num dos principais estabelecimentos de ensino do Nordeste do País. Com profundo senso prático, consegue um equilíbrio de orçamento que é um verdadeiro prodígio, se considerarmos a difícil situação econômica por que passa o interior nordestino, vez por outra perseguido pela inclemência climática e pela falta de assistência dos nossos governos nas soluções dos nossos problemas mais angustiantes. Além disso, vale a pena ressaltar, porque é a legítima expressão da verdade, que o PADRE MONTENEGRO, como DIRETOR, nunca descurou o setor estritamente educacional, criando ou incentivando

nos seus comandados o gosto pelas letras, o amor aos elevados vãos do espírito, tendo sempre uma palavra de estímulo para todos aqueles que o cercam.

A rica e vultosa Biblioteca que organizou para uso dos Professores e alunos do Estabelecimento é bem uma prova do seu zelo pelo desenvolvimento intelectual e espiritual dos que ali mourejam...”

Durante os 70 anos de profícua existência, o Colégio Diocesano do Crato, hoje, GEO-DIOCESANO DO CRATO, constituiu-se em modelar estabelecimento de ensino, contribuindo eficazmente para o desenvolvimento educacional e cultural de todo o Centro Nordeste, educando milhares de gerações, que se têm projetado no cenário do País.

A velha Casa do Saber, da NELSON ALENCAR, ao completar seus SETENTA ANOS de existência, com seu alto senso de responsabilidade na área da Educação, se renova cada dia. Quanto mais velha na idade, mais moça na aplicação dos novos métodos pedagógicos, na adoção dos novos sistemas, na contratação de Mestres, Professores lastreados pelo saber, norteados pela experiência, cheios de patriótica boa vontade, repletos de competência profissional.

Cada apaixonado prefere oferecer à sua amada o presente que mais lhe parece agradável e precioso. Eu escolhi a dádiva da EDUCAÇÃO para manifestar o meu afeto, o meu carinho, o tudo do meu coração sacerdotal, o trabalho educativo do Sacerdote de Deus, a esta Cidade airosa de Frei Carlos, consagrada aos cuidados maternos de NÓSSA SENHORA DA PENHA.

A existência do COLÉGIO DIOCESANO DO CRATO foi para mim uma torrente de amor eclesial. Aqui montei a minha tenda, estabeleci a minha oficina de trabalho, dirigindo esta CASA do SABER, num amor cinqüentenário ininterrupto. Aqui procurei vivenciar com fidelidade, confiança, firmeza e muita união, olhos voltados para o meu Cristo, o dever sagrado do Educador, nesta longa caminhada a serviço da educação da minha boa gente.



O Colégio Diocesano do Crato foi semente pequenina, regada com o sacrifício dos que nos precederam, dando-nos exemplo de tenacidade e renúncia. Hoje, árvore frondosa de que se ufanam os presentes e fadada a projetar, bem longe, a sombra salutar da sua benéfica existência.

Educação é vida. O Magistério tem um brilho que os séculos não apagam. A direção de uma Casa de Ensino do porte do Colégio Diocesano do Crato representa, sem dúvida, muita responsabilidade. Tarefa difícil, espinhosa por natureza, implicando coragem, bom senso, equilíbrio, prudência, dedicação e muito amor. Trata-se de uma Orientação Educacional cuidadosa, visando os aspectos mais profundos do viver e do agir de uma juventude irrequieta, inteligente, idealista e boa em plena formação.

O Padre Educador é portador de uma missão, como depositário de algo que alguém lhe confiou. Ele não exerce este ministério como simples funcionário ou graças a uma particular aptidão ou especial pendor, ou simplesmente porque busca um digno sustento. Antes de ser Educador, ele é Sacerdote. Ele é Padre de Deus. Ele é chamado. Ele é enviado. Ele é apóstolo. "IDE e ENSINAI". O Padre Educador deve ser um homem que conhece a Jesus a partir de dentro. Que se encontrou com Ele e aprendeu a amá-lo. Sem este forte conteúdo espiritual, ele não é capaz de perseverar em seu ministério. Porque quem trabalha para o Senhor sabe que é sempre um outro que semeia e um outro que colhe.

O verdadeiro educador responde a uma vocação. Somos chamados para servir. Para ficar à disposição da clientela, da Juventude que acorda para a Vida. Os jovens habitam dentro de nós, vivem em nós, ocupam todo o nosso ser. Nosso trabalho, nosso repouso, nossa cultura, nosso saber, nossa riqueza humana, nossa disponibilidade, tudo em nós lhes pertence. A tranqüilidade do Padre Educador é serena. Porque nós temos Fé. Temos Fé no Cristo Jesus que nos chamou. Temos Fé na juventude prazerosa, sorridente, alegre e vivaz, que sonha com muita confiança num amanhã promissor. Temos Fé em nós mesmos porque, embora cheios

de defeitos e fraquezas, somos o instrumento do Deus que é o nosso fiador nesse trabalho maravilhoso da Pastoral da Juventude.

Depois de uma caminhada cinqüentenária vivida com os jovens, pelos jovens para os jovens, quando olho para trás, neste fim de vida, que já se encurta, em busca da Casa do Pai, sinto-me rejuvenescido, contente, alegre, gratificado com o longo percurso que Deus Nosso Senhor me propiciou, colocando-me a serviço da Juventude da minha Pátria.

São Francisco de Sales era um espírito extraordinariamente sereno. Agia convicto de que seu papel consistia em dar partida ao motor, em começar a obra de Deus, deixando a Ele a tarefa de concluí-la.

A resposta adequada a um chamamento é o seguimento, o abandono, a doação. Foi por isso que decidi, em virtude de um chamado especial de Deus, seguir Jesus nos caminhos que Ele haveria de me indicar, a mim e a todos aqueles sacerdotes vocacionados para o ministério sagrado do serviço junto aos jovens. Toda a pastoral da juventude, dentro de uma escola de formação, é, em sua essência última, um exercício de esperança, daquela esperança em que se apóia o edifício da vida cristã. Uma esperança que absorve a vida toda, como a verdade absorve a fé, como o amor absorve toda e qualquer relação especialmente humana.

O fator decisivo da história da vocação educacional é sempre de ordem subjetiva e pessoal e está ligado à vontade. A missão evangelizadora do educador deve fazer parte integrante de suas preocupações, de sua visão do mundo, de sua personalidade. Sem dúvida, o homem é visivelmente feito para pensar, como dizia Pascal. E toda sua dignidade e todo seu mérito, e todo seu dever é pensar como convém. Conseqüentemente, toda educação terá por objetivo ensinar o homem a bem pensar, a criar um mundo onde possa realizar-se plenamente.

A Educação é processo contínuo, que começa nas origens do ser humano e se estende até à morte. Apresenta

uma fase intensiva e sistemática, visando, de modo especial, à infância, à Adolescência e à Juventude, como esforço para transmissão do Patrimônio Cultural da humanidade às novas gerações. É uma realidade em movimento, que dependerá do impulso que nós lhe dermos para busca do melhor. Um dos fins da Escola é dar ao educando uma cultura. Ela deve ser *humana*, para permitir a comunicação com todas as culturas do passado e do presente, *enraizada* nas condições nacionais e na civilização a que elas pertencem (no caso brasileiro, a civilização ocidental), *atualizada*, para corresponder às necessidades e à psicologia do tempo. A escola secundária do passado, com todos os seus erros, correspondia, até certo ponto, às exigências e expectativas da época e da sua clientela de então: formar os adolescentes para o ingresso nas escolas superiores.

Ao longo de meio século, o ofício de educar, nesta Casa do Saber, marcou profundamente a minha vida de Padre. Assumi a Direção do Colégio Diocesano do Crato no dia 14 de fevereiro de 1938, quando tinha apenas 25 anos de idade. Passei a Direção deste Estabelecimento de Ensino ao GEO-DIOCESANO, na pessoa do Professor Manoel Veras, aos 23 de dezembro de 1989, já com os meus 76 anos de idade, 51 anos bem vividos nesta Casa abençoada. Procurei distribuir, durante todo esse tempo, todas as energias da minha vida com a minha querida Cidade do Crato, que sempre acompanhou os meus passos com o coração transbordante de ternura e generosidade. Acredito que o verdadeiro Educador deve ser um homem altamente realizado. Deve ter realizado em si os seus mais profundos valores humanos.

O trabalho educacional, dizia Ingenieros, "implica a mais grave responsabilidade do Mestre". A educação deve contribuir para que os jovens conheçam melhor o mundo e seus habitantes e deve suscitar neles um espírito de valorização de dignidade da pessoa humana, mostrando que esta se opõe a todo tipo de domínio do homem sobre seus semelhantes.

O Colégio Diocesano do Crato sempre foi um farol, foco irradiante de educação, iluminando a sua boa gente. Que continue a ser a notável Casa do Saber, pelo brilho de seus mestres, pelo esplendor de sua fecundidade intelectual, moral e religiosa, arrimo educacional para a nossa juventude, orgulho da Princesa do Cariri.

Que nesta ocorrência dos seus SETENTA ANOS de existência, as mensagens e demais evocações das glórias do COLÉGIO DIOCESANO DO CRATO, GEO-DIOCESANO DO CRATO, sejam não apenas o eco unísono de vozes que cantaram hinos de admiração e gratidão do passado, mas também um despertar de consciência do verdadeiro sentido da história educacional do GINÁSIO DO CRATO, do Padre Pita, desta notável CASA DE ENSINO da NELSON ALENCAR, 569 – que o Crato apresenta como história de homens que acreditaram no homem, vislumbrando perspectivas promissoras num amanhã que se constrói com lutas e esperanças.

Que a minha saudação, neste dia aniversário do GEO-DIOCESANO, desta Casa que também é uma história longa da minha vida, que a minha mensagem de saudade e de alegria seja a reprodução das últimas palavras que proferi, por ocasião da entrega do Diocesano ao Geo-Diocesano, ao Quinto Diretor do Estabelecimento de Ensino, Dr. Manoel Veras, no dia 23 de dezembro de 1989: "... Permiti, Sr. Diretor, que vos lembre, nesta hora solene de grande responsabilidade, a palavra sagrada do Hino do Crato, que deve ser guardada, refletida e vivida por todos os mestres que pretendam fazer Educação neste terra: "Crato, no teu Céu ainda brilha a estrela fúlgida, que há mais de cem anos norteia o teu porvir..."

Monsenhor Francisco Holanda Montenegro  
Crato, junho de 1997

PETRÓPOLIS, 3 DE SETEMBRO DE 1996

Mestre Lindemberg

Recebi os dois exemplares de *Itaytera*, nº 40. Aleluia.

Todos os agradecimentos pela remessa e por inserir nesta estupenda edição dois trabalhos meus. Fico satisfeito em saber que as matérias que tenho escrito são de seu agrado, tanto que merecem republicação na nossa *Itaytera*, hoje das raras publicações culturais do país que se mantém viva, ativa, ágil e sobretudo atualizada, pois está saindo regularmente todos os anos, sem interrupções ou ameaças de paralisação.

Conheço a revista há três décadas e nesse mesmo período assistia à morte de periódicos como *Brasil Açucareiro*, *Revista Brasileira de Folclore*, *Cadernos de Antônio Vianna*, *Revista Brasileira de Cultura*. O *Anuário do Museu Imperial* sai quando pode e assim a maioria das revistas de academias de letras, de institutos históricos, etc.

*Itaytera* é uma bela exceção e tenho certeza que continuará sendo, enquanto viverem esses baluartes cratenses que não a deixam vacilar.

Quero ver se a partir do ano que vem remeto matérias originais à *Itaytera*. Tenho alguns temas a explorar: a correspondência de José de Figueiredo Filho; a repercussão da sedição do Juazeiro na imprensa de Petrópolis; a presença de intelectuais cearenses na *Tribuna de Petrópolis*.

O próprio Figueiredo andou publicando algumas coisas por aqui através de Guilherme Auler, a quem ele visitou em minha companhia, quando de sua visita a Petrópolis em julho/agosto de 1964.

Grande e fraternal abraço.

F. de Vasconcellos

# MATEMÁTICA E POESIA

Zênith Feitosa

Matemática é Poesia!  
Incompatíveis as supus,  
Sem pensar que são reflexos da mesma luz  
que ilumina inteligência e coração,  
e que são formas de expressão da própria vida,  
que em si, às vezes, é poesia desmedida  
mas é sempre equação  
cuja incógnita transcende o Infinito!

Matemática é Poesia,  
na potência energética do Sol,  
na existência cíclica da lua,  
na música das estrelas,  
no ritmo das galáxias, enfim, do Cosmo  
em suas rotas siderais  
sob cálculos infinitesimais, perfeitos,  
de impossível transgressão,  
mercê de Deus que impede a regressão ao Caos...  
Matemática é Poesia  
na escala biológica dos seres,  
no milagre de perpetuação da Vida  
pela fertilidade do óvulo num ciclo de mulher  
para o genesíaco prodígio da reprodução humana!

Matemática é Poesia, no ciclo das estações,  
no calor e silêncio da terra  
no insondável mistério das germinações!  
No vaivém das marés,  
nas florestas submersas  
e na vida fervilhante nas profundezas do oceano...

No segredo escondido no fundo das Idades  
e do grão de areia, de pedra e do rochedo...  
Na métrica de um simples verso!  
Enfim, na dinâmica e na estática do Universo!

## FALECEU D. LETÍCIA FIGUEIREDO ALBUQUERQUE

Um rude golpe sofreu a sociedade cratense, a 18 de novembro de 1996, quando faleceu a Sra. D. Letícia de Figueiredo Albuquerque.

Era viúva do nosso ex-Presidente, Jéfferson de Albuquerque e Sousa. A ilustre dama, cujas qualidades intelectuais, morais e cívicas eram motivo de admiração de toda a comunidade, era filha do intelectual e ex-prefeito da cidade, José Alves de Figueiredo (Zuza) e dona Emília Viana de Figueiredo. Foi irmã, também, de J. de Figueiredo Filho, fundador e Presidente do Instituto Cultural do Cariri, a quem o ICC deve assinalados serviços.

Deixou os filhos: Diana Figueiredo Pierre, Jéfferson Albuquerque Jr., Eleonora de Figueiredo Batista, Dra. Maria Cristina, Dr. Antônio José e Ronald Albuquerque. Houve uma outra filha, falecida, Ângela.

O ICC lamenta profundamente essa perda, pois D. Letícia tinha a nossa instituição no mais alto apreço e era decidida colaboradora. Foi, também, professora pública de grande relevância.

## ANIMAL DE ESTIMAÇÃO

Raymundo Farias de Oliveira

Era uma viagem alegre, descontraída; aliás, a volta da viagem. Prosa feliz e animada, recordando os dois dias passados ali na fazenda, onde os primos vindos do Nordeste eram os novos agregados.

Dois dias de conversas, risadas, cantorias e recordações.

De repente, Doca ficou para trás, entre osovelos de poeira que os cascos dos animais levantavam na estrada.

Meio sem graça, atônito, por ter perdido a dianteira da caminhada, justamente agora, na entrada da mata, quando começava a sentir o cheiro da noite e o carinho do vento suave, notou que sua montada já não era a mesma; não tinha o desempenho a que estava acostumado.

Inutilmente, acionou a espora do pé direito; com delicadeza, pois nutria muito respeito e afeto pela egüinha, juntou-a nas duas esporas, mas sem apertar muito, e bambeou as rédeas.

— Vamos, Mimosa!

E nada. A bichinha não queria ou não podia mesmo mais andar; andar naquele trotinho sereno, quase dengoso; ela, que era tão obediente, tão prestimosa... aquilo era estranho! Ela que nunca repudiou ordens ou mandados. Em certas situações, parecia possuir o dom da adivinhação, ou era instinto de bondade mesmo; dava gosto vê-la amamentando a cria nova, espantando moscas com o rabo; seus olhos pareciam felizes quando alguém tirava seu leite para a cura de dor de olhos, dor de ouvido ou tosse comprida da criançada das redondezas.

Um calafrio apoderou-se do corpo de Doca.

Enquanto a égua estrebuchava, sob o efeito do mortífero veneno ofídico, arrancando os últimos suspiros, numa



agonia fugaz, Doca afrouxou-lhe a barrigueira, como último conforto que podia lhe dar.

Não resistiu à forte emoção e cambaleou algumas passadas, as esporas riscando a areia, para recolher-se, soturnamente, ao abrigo de um viçoso pé de jaracatiá, à beira da estrada.

Formou-se uma silenciosa roda de cavaleiros ao redor do corpo de Mimosa. Um cavalo relinhou tristemente, cavando a areia.

A uma pequena distância, Doca murmurava coisas ininteligíveis entre frenéticos soluços que lhe agitavam o corpo inteiro; depois, voltou de chapéu na mão, cabelo desalinhado, fralda da camisa fora da calça, e o rosto moreno banhado de lágrimas; olhou, com os olhos da tristeza, lutando ainda contra um soluço retardatário, o animal de rara beleza; tirou-lhe, carinhosamente, o freio e soltou o rabicho, atirou o arreio à distância, numa indisfarçável revolta, mas, depois, ajoelhou-se na areia branca, unvida de luar, olhou para o céu, onde cintilavam miríades e persigou-se.

Estava morto o animal de estimação.

## UMA UNIVERSIDADE PARA A TERCEIRA IDADE

Cleide Ancilon de Alencar Pereira  
Bibliotecária e Professora Aposentada da UFC

Eu tenho quase 63 anos e sou aluna de uma universidade. E a minha Universidade não tem fronteiras. Não há qualquer seleção para se ser admitida na minha Universidade, não há limite de idade e não há exigência de nível de escolaridade. Há mais: não há nenhum tipo de avaliação (NPC, NTI, NEF ou semelhantes), não há sequer controle de frequência, enfim, não há "cobrança" de qualquer espécie. Eu sou aluna da Universidade Sem Fronteiras, e, como eu, dezenas de pessoas com mais de cinquenta anos, na sua maioria.

Criada para pessoas da chamada "terceira idade", já derrubou mais uma fronteira e hoje admite pessoas de qualquer idade. As mulheres são a maioria. Acho que são poucos os homens que conhecem este valioso Programa, criado na Universidade Estadual do Ceará, há quase dez anos, por iniciativa da Professora Zilma Gurgel Cavalcante, fundadora e Coordenadora da USF – a escolha não poderia ser mais significativa e feliz. A USF oferece os mais diversos cursos e a maioria das aulas se concentra no Centro de Humanidades da UECE. E aí se vê, diariamente, "jovens" com mais de 50 anos, alegres e descontraídos, frequentando os cursos de sua preferência. É um Programa dignificante para a nossa Universidade Estadual do Ceará e que tem servido de modelo a outras universidades. É um espaço onde se fazem novos conhecimentos e amizades e se continua uma atividade intelectual após a aposentadoria. A USF já produziu grupos literários, como o "Sarau do Beco", hoje com produções e vida próprios e o Coral, que já se apresentou inclusive no Exterior, com grande sucesso. O Brasil não é mais o país dos jovens, mas dos idosos, como ocorre na maior parte do mundo, graças aos avanços da Ciência. Hoje se vive mais e é fundamental envelhecer com qualidade de vida. A Universidade Sem Fronteiras propi-

cia isto a dezenas de pessoas que, como eu, querem continuar "vivas", depois de aposentadas. Louvores para a Professora Zilma e para a UECE e parabéns a nós, universitários da "terceira idade".

Fortaleza, 31/12/96

## DR. MOZART ALENCAR, MÉDICO E POETA!

Napoleão Tavares Neves

Aos 94 anos de idade faleceu o médico barbalhence radicado em Juazeiro onde foi de vereador a prefeito, Dr. Mozart Cardoso de Alencar.

Filho do ex-deputado Dr. Manoel Florêncio de Alencar, trouxe no sangue os gens de rebeldia, poetas, escritores, artistas e boêmios!

Dr. Mozart Alencar sempre foi a insubmissão personificada! Jamais curvou-se a nada ou a ninguém, personalidade indobrável que era!

Formado em Medicina pela Faculdade Nacional de Medicina em 1930, logo radicou-se em Juazeiro até sua morte. Inteligência primorosa, Dr. Mozart Alencar fez de tudo na vida: médico, poeta, cantor, seresteiro, tenor, repentista, boêmio, autoqualificando-se como um grande gozador!

Sua passagem pela Câmara Municipal de Juazeiro do Norte deixou nos seus anais peças do maior fino humor político sempre caracterizado por sátira mordaz e sutil, enriquecendo o nosso folclore político!

Poeta primoroso, repentista de grande verve, era um Gregório de Matos na sátira! Corajoso e irreverente, forte e otimista, alegre e brincalhão, foi também fazendeiro e político. Seus duelos poéticos com o grande vate pernambucano, Rogaciano Leite, fizeram época nos bares do Cariri onde costumavam dialogar em versos! Ágil nas respostas, Dr. Mozart Alencar era uma inteligência polivalente!

Orador brilhante, deixou dois livros de poemas, mas poderia ter deixado muito mais se colecionasse o que produzia. Desorganizado e dispersivo, era, na realidade, um verdadeiro Alencar nas virtudes e defeitos desta grande família espalhada por todo o Brasil com vultos eminentes da nossa História, na política, na literatura, nas artes em geral.

Já se disse alhures: ONDE HOVER UM ALENCAR ESTARÁ  
AÍ UM REVOLUCIONÁRIO!

Com Dr. Mozart Cardoso de Alencar fecha-se mais uma  
página de uma geração brilhante que fez História e foi His-  
tória!

Barbalha, 16/12/96

## DA CHAPADA DO ARARIPE AO "MINAS GERAIS"

Edir Meirelles

Já conhecia Audálio Gomes Alves de outros carnavais. Especialmente de nossos saraus poéticos pelo Rio de Janeiro afora. Um extraordinário poeta, que se revela especialmente em *As Audalianas*. Uma lira espontânea e de grande vivacidade.

Agora tenho em mãos *Do Gurupés à Mezena*. São contos insólitos, bem humorados principalmente o estoque das fantásticas narrativas náuticas que tomam conta do repertório do livro. Embora haja altos e baixos nesta obra, Audálio se revela um escritor de primeira linha. O audaz timoneiro coloca o leitor a bordo de uma belonave para uma viagem mar a dentro. Dá para sentir a grandiosidade do oceano em contraste com a pequenez do barco e a engenhosidade humana.

O conto *O Rei do Terreiro* é um dos que sobressaem. Urdido com competência de mestre, com palavras sopesadas dá mostra da capacidade deste argonauta intrépido (permitam-me a redundância) vindo dos ares cearenses.

As facilidades com que conta histórias de marinharia são dignas de registro. Num estilo simples, coloquial e agradável, deixa o leitor extasiado e boquiaberto. O conto *A Noivinha* então é por demais interessante.

Audálio traça o perfil dos nordestinos que se desgarram do solo calcinado em função da seca que assola periodicamente o sertão. Tomam o rumo do sul maravilha na busca de dias melhores. Retrata fielmente a trajetória dos irmãos que deixam suas saudades no Nordeste, em especial no Ceará com destino à cidade grande – São Paulo e Rio de Janeiro. Frequentemente se encaminham para os mistérios do mar. Tornam-se adeptos de Netuno e transformam-se em marinheiros afoitos e inigualáveis. Apaixonam-se pelos lugares, apenas por ouvir falar e lá vão constatar

a veracidade, como se pode inferir do conto *O Gigante que Dorme*:

“Quinco ... não acreditou no que o médico dizia, pois, com certeza não existia gigante nem serra nenhuma que se comparasse àquela chapada, moldura natural do Vale do Cariri.”

A narrativa é gostosa, o linguajar escorre límpido, saudável como água de coco, misto da fala nordestina – lembrando José Lins do Rego – paidéua do modernismo regional, e a fala típica da marujada, num feliz casamento em que Audálio é um mestre. Isto pode ser comprovado em qualquer uma das histórias.

Esta evocação do passado e o retorno às origens é parte intrínseca do homem ligado sobremaneira às suas origens. No dizer de Staiger, “é uma volta ao seio materno no sentido de que tudo ressurgue naquele estado pretérito do qual emergimos.”

No conto mencionado, o autor se apodera de um dos totens mais significativos para o carioca e os brasileiros em geral – o gigante deitado – constituído da pedra da Gávea e o maciço montanhoso que emoldura o Rio de Janeiro. Como outrora impressionara os escritores Gonçalves Dias e Lima Barreto, também Audálio Gomes Alves descreve o gigante de pedra, agora desfigurado, faminto e adoentado, assolado pela poluição, vítima do desmatamento desenfreado, coberto de mazelas, ocupado em suas encostas pelos favelados e desassistidos, numa metáfora significativamente profunda da degradação social de legiões de brasileiros.

Audálio, Leão Marinho da melhor estirpe, também sabe usar o linguajar das noites e dos boêmios dos subúrbios cariocas. Nesses contos, a alma e a essência da malandragem sobressaem de forma espontânea e gostosamente bem distribuídas. Ali o contista esbanja harmoniosamente a gíria das biroscas e a fala entremeada de símbolos de causar inveja, tal com acontece no conto *De Volta à rua do Rebuliço*:

“Kid Tiroteio, deu a do santo, em seguida molhou a garganta com o primeiro goie. Depois tomou mais uma para lavar as serpentinas. Feito o aquecimento do sistema propulsor, suplementou direito a fim de botar o condensador logo a nível, para assim obter um vácuo perfeito, como acontece nas máquinas de um navio.”

*Do Garupés à Mezena* é uma obra telúrica, rica em metáforas significativas, digna dos grandes cearenses – de José de Alencar à irretocável Raquel de Queiroz, passando por Moacir C. Lopes – enraizada nos costumes e na historiografia de sua gente. Evocadora de vultos do passado e simultaneamente denunciadora das mazelas do presente.

Audálio cavouca nas origens, em busca de preciosidades e consegue resultados com enraizamento em profundidade. Isto pode ser lido em *A Cidade que sumiu do mapa*:

“Os Congos e Reisados cantavam e dançavam no pátio da igreja, louvando a Nossa Senhora dos Milagres. Ali estavam também Zé Leonardo, com seu zabumba, acompanhado de pífaros, dando um toque de tradição à cantoria. *Da Cruz das Almas* vinha o canto lúgubre dos penitentes que, empapados de sangue, nem por isso deixavam de martirizar-se, aplicando nas costas suas afiadas “disciplinas”, como remição dos seus pecados.”

Os contos desse arrojado cearense possuem a grandiosidade da Chapada do Araripe, a ousadia pioneira da tripulação do porta-aviões Minas Gerais e a epopéia dos marinheiros embarcados e fundeando nos portos do Brasil e do mundo.

*Do Gurupés à Mezena* é uma obra de leitura amena e agradável. Atrai o leitor do princípio ao fim.

Parabéns à ZMF Editora! Parabéns leitores!

Vila de Noel, Rio, RJ, 18 de fevereiro de 1997



## DOCUMENTO HISTÓRICO

### Ata de Fundação da Academia Caririense de Letras

Aos vinte e um dias do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e noventa e sete, às vinte horas, no salão de reuniões do Instituto Cultural do Cariri, à Praça Juarez Távora, 950, nesta cidade do Crato, Estado do Ceará, reuniram-se os fundadores e idealizadores da Academia Caririense de Letras, para efetivar o ato oficial de fundação desta nova instituição de caráter regional. Instalados os trabalhos, sob a presidência do Sr. Manoel Patrício de Aquino, foi explicada a todos a finalidade da reunião, que mereceu a concordância de todos os presentes.

A seguir, foram deliberados diversos aspectos para o funcionamento da mesma Academia, quais sejam: inicialmente, a Academia terá vinte e duas Cadeiras com os seus respectivos Patronos. As demais Cadeiras, até completar o número 40, que é o regimental em instituições dessa ordem, serão criadas paulatinamente. Os vinte e dois ocupantes dessas Cadeiras iniciais foram aclamados pelos presentes como os ocupantes das primeiras vinte e duas Cadeiras ora existentes no Instituto Cultural do Cariri, tratando-se nos próximos dias da ocupação oficial das Cadeiras vagas. As vinte e duas Cadeiras iniciais terão como Patronos os mesmos das atuais vinte e duas Cadeiras existentes, atualmente, no ICC. Os Patronos das Cadeiras a serem criadas, até completar-se o número de 40 serão, obrigatoriamente, figuras ligadas às letras e à inteligência do Cariri, com marcante atuação nesta área do Estado. Seus nomes deverão ser propostos em reuniões da nova Academia, para exame e aprovação dos presentes. O Instituto Cultural do Cariri será a entidade mantenedora, inicialmente, da Academia Caririense de Letras, podendo, no futuro, haver a fusão das duas entidades, com o nome da Academia, a critério das diretorias das mesmas

e quando for julgado conveniente, sendo que, nesse caso, o acervo do ICC passará, totalmente, para a Academia que ora se funda, independente das ações judiciais e com os critérios definidos pelas duas Diretorias. Uma comissão foi formada para adaptar os Estatutos e Regimento Interno da Academia Cearense de Letras à Academia Caririense de Letras, fazendo-se as adaptações às peculiaridades locais e regionais. Comissão: Dr. Emídio Macedo Lemos, Manoel Patrício de Aquino e Jornalista João Lindemberg de Aquino. Esses Estatutos e Regimento serão aprovados para servirem para a nova Academia, em sessão da mesma. A Diretoria da Academia Caririense de Letras deverá ser definida e aclamada na reunião de 5 de março de 1997, no mesmo local. Na reunião de hoje foram aclamados, apenas, o Presidente e o Vice-Presidente, que conduzirão a ACL na fase inicial, respectivamente, Dr. Emídio Macedo Lemos e Manoel Patrício de Aquino, aos quais caberão as providências complementares de implantação da instituição. Posteriormente serão criados, por decisão da Diretoria, logotipo, o símbolo e a Bandeira da ACL, acertando-se convidar o escultor Sérvulo Esmeraldo para idealizar um ante-projeto dos mesmos. Acertado que seria convidado um número maior de pessoas ligadas às letras, as artes e ao jornalismo, de nossa região, para ir trazendo suas idéias, nas próximas reuniões, com a finalidade de definir os primeiros meses da ACL e sua atuação. A área de atuação da Academia Caririense de Letras abrangerá todo o sul cearense, até o município de Iguatu, inclusive, nela estarão incluídos, obrigatoriamente, os novos municípios de Penaforte, Tarrafas, Abaiara e Salitre.

A Academia Caririense de Letras terá uma medalha para utilização dos titulares das Cadeiras e para outorga a personalidades, a critério da Diretoria e com o apoio nos Estatutos. A nova medalha será denominada de "Medalha Dr. Irineu Pinheiro". Competirá à nova Diretoria dar os passos iniciais para a formação da Biblioteca da ACL, medi-

ante aquisição de livros, revistas, periódicos e documentos. A Biblioteca da ACL terá a denominação oficial de "Biblioteca J. Lindemberg de Aquino". No devido tempo, a ACL lançará a sua revista periódica, órgão informativo da instituição e destinada a publicar as colaborações dos intelectuais, digo, da intelectualidade e colaboração direta dos associados. O quadro social será definido de acordo com os Estatutos e Regimento a serem, posteriormente, aprovados. Os demais casos pendentes, dúvidas ou providências a adotar, serão resolvidos nas primeiras reuniões da ACL, marcadas e convocadas pela Diretoria. A Academia terá por finalidade a promoção e divulgação das letras regionais, a difusão dos valores da nossa cultura, sob todas as formas, estímulo às atividades culturais nos seus diversos segmentos e a valorização das iniciativas culturais do Cariri e da zona sul do Estado do Ceará. E por estarem inteiramente acordados esses princípios, sem nenhuma discrepância com o que acima foi enumerado, o Presidente indicado, Dr. Emídio Macedo, considerou oficialmente fundada a Academia Caririense de Letras e lhe desejou belo futuro e vigor pelos anos futuros, na realização de todas as suas metas, com a plenitude dos poderes e a execução completa de suas superiores finalidades. E assim, para selar essa iniciativa, abaixo assinam todos os participantes da reunião, com a plena convicção do passo histórico que dão, em favor da cultura regional. Para a memória dos fatos foi lavrada, por mim, J. Lindemberg de Aquino, esta ata, que será registrada neste livro próprio e no Cartório de Títulos e Documentos desta cidade do Crato, para todos os seus efeitos legais. Cidade do Crato, 21 de fevereiro de 1997. Está conforme o original. Eu, João Lindemberg de Aquino a transcrevi. Seguem-se as assinaturas de Emídio Macedo Lemos, Manoel Patrício de Aquino, Antônio Ronaldo Cordeiro Lima, José Hermínio Rebouças, José Emerson Monteiro Lacerda, José Peixoto de Alencar Cortêz, Monsenhor Francisco de Holanda Montenegro, João Lindemberg de Aquino, Carlos Alberto Bezerra de Brito, Napoleão Tavares Neto, Antônio

Marchet Callou, Jurandy Temóteo, Wellington Alves de Sousa, Maria de Fátima Lemos, Luciano Lira de Macedo, Vicente Cavalcante, José Ribamar Cordeiro Lima e Raimundo de Oliveira Borges.”

João Lindemberg de Aquino

Secretário da Reunião  
Crato, 1º de abril de 1997

## CARIRI

(Tribuna do Ceará 2.12.96)

### ICC EMPOSSA NOVO MEMBRO DA CADEIRA DE NÚMERO 19

Crato - A Cadeira 19, do Instituto Cultural do Cariri, que tem como patrono o escritor J. de Figueiredo Filho e cujo último a ocupá-la tinha sido o escritor Mozart Soriano Aderaldo, tem novo ocupante. Trata-se do escritor, poeta e médico psiquiatra, Wellington Alves de Sousa, natural do Crato, e figura de destaque nas letras cearenses.

A solenidade, assistida por mais de 250 pessoas, no auditório do Colégio Pequeno Príncipe, na noite de 22 de novembro de 1996, foi das mais bonitas. Teve o seguinte roteiro:

Números artísticos-teclado, por Ranier Oliveira Sousa, de 8 anos, jovem artista do Crato, que executou belas músicas.

- Exibição de danças modernas e jazz, a cargo de alunas da Academia Corpo e Movimento, do Crato, dirigida por Daniele Esmeraldo.

Posse da Nova Diretoria do ICC para o biênio 97-98.

- Posse de Wellington Alves de Sousa, na Cadeira 19, sendo saudado pelo dr. Emídio Macêdo Lemos. O novo titular da Cadeira pronunciou um discurso emocionante e muito substancioso, sobre J. de Figueiredo Filho e sobre Mozart Soriano Aderaldo.

O presidente, Dr. Borges, chamou mais uma vez a atenção da comunidade para ajudar o ICC em seus projetos, inclusive construção de sua nova sede e continuação do seu trabalho editorial. Foi entregue uma cópia do projeto da sede prefeito eleito Raimundo Coelho Bezerra.

A mesa que presidiu os trabalhos foi composta por Dr. Raimundo Borges, presidente reeleito, Humberto Mendonça, Raimundo Coelho Bezerra, Mons. Francisco Montenegro, Emídio Lemos, J. Lindemberg de Aquino, Napoleão Tavares Neves, José Vanderley Landim. Após todas as solenidades ocorreu um coquetel.

(J. Lindemberg de Aquino)

## PERDA

(Tribuna do Ceará 6.10.96)

### CRATO CHORA O PASSAMENTO DA PROFESSORA MARIA LUÍSA

O Crato vem de perder um dos seus grandes valores intelectuais, com o falecimento de Maria Luísa Linhares, professora universitária e escritora. Seu falecimento ocorreu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, onde estava internada desde 24 de julho último. O corpo veio de avião para Fortaleza e em seguida, de carro, até o Crato, sendo velado no salão nobre da Universidade Regional do Cariri, de onde ela era das mestras mais acatadas.

Quem era - Maria Luísa Linhares da Purificação Magalhães nasceu em Jardim, Ceará, a 6 de junho de 1927, filha de Antônio Manuel da Purificação e Áurea Linhares da Purificação. Fez os estudos primários nas Escolas Reunidas de Jardim e o Curso Normal na Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte. O curso superior fê-lo na Faculdade de Filosofia do Crato, de onde saiu licenciada em Pedagogia.

Foi pós-graduada em Educação, na área específica da administração escolar para Docente do Ensino Superior, pela Universidade Federal do Ceará, quando obteve média final excelente, apresentando monografia "Ação Docente e as Diferenças Individuais do Aluno dos Cursos de Educação". Participou de vários cursos e seminários, que lhe proporcionaram um vasto cabedal de conhecimentos.

Desde jovem, a professora Maria Luísa dedicou-se às atividades docentes. Exerceu o magistério em sua terra natal, em Juazeiro e Crato, em Pernambuco e na Paraíba. Foi funcionária do Inamps em Crato e professora da Faculdade de Filosofia. Pertenceu a várias entidades culturais do Cariri,

com vários trabalhos publicados (do livro Jardim, sua História e sua Gente, de Maria Alacoque de Lima Pereira).

Maria Luísa da Purificação Linhares Magalhães foi casada com João de Siqueira Magalhães. Filhos: Marcos Fábio, Valéria, Fabíola e Flávio Henrique. Deixou também 5 netos. Era do Instituto Cultural do Cariri e na última Itaytera, a de nº 40, colaborou com 3 trabalhos.

Passou 4 meses internada em Fortaleza e 3 meses em Porto Alegre, onde se deu o falecimento. O sepultamento foi em Crato na manhã de 30 de setembro de 96. O falecimento foi às 8h da manhã do dia 2 de setembro de 96.

(J. Lindemberg de Aquino)



## TRÊS TROVAS PARA MEU PAI ANTERO MACEDO

- 1 - Muito cêdo, infelizmente  
Tu foste embora, meu Pai  
A saudade renitente  
Do meu peito já não sai.
  
- 2 - De amor, ternura e bondade  
Foi marcante a tua vida  
Por isso é que esta saudade  
Se torna inda mais dorida.
  
- 3 - Na passagem desta vida  
Sei que Deus te deu a mão  
E a coroa prometida  
Lá no céu, o galardão.

Odete Macedo  
(24.8.96)

## MAGNANIMIDADE DO PE. ALENCAR

Sr. Editor

D. Bárbara de Alencar, mãe do ardoroso revolucionário republicano José Martiniano de Alencar, aderiu, no Ceará, ao movimento liderado pelo filho, porque via no mesmo idealismo e patriotismo. Mas sendo o movimento sufocado pelas forças imperiais, foi presa no Crato, em 1817, juntamente com os seus filhos, o diácono José de Alencar e Tristão, e remetidos aqui para o Icó de onde foram removidos para Fortaleza. Foi encarregado da missão de conduzi-los presos, o perigoso capitão José Pereira da Silva, o célebre "Cara Preta" infringindo o mes-

mo os maiores maus-tratos à heroína Bárbara de Alencar, tratando-a com o maior desprezo e crueldade, impedindo-a inclusive de usar partes das vestes durante a viagem.

A partir de 1822, com a Independência do Brasil, o governo do País foi entregue aos liberais, processando-se grandes reformas. Em 12 de agosto de 1834, o Ato Adicional instituiu as assembléias locais, dando às províncias maiores franquias para cuidarem do seu progresso e propriedade. Por essas reformas, a Regência Trina foi substituída por um regente único, sendo eleito para o cargo o padre Diogo Antônio Feijó. Como grande amigo de Alencar, Feijó convidou-o para presidir o Ceará, cuja nomeação deu-se em 23 de agosto de 1834.

Pouco antes da nomeação de Alencar para a presidência, havia sido assassinado, aqui no Icó, o Juiz de Paz do distrito Telha, hoje Iguatu, o tenente coronel José Cavalcante de Luna Albuquerque, a mando do sargento-mór do Icó, João Teixeira Mendes, o "Canela Preta", que era cabeça do "Comissão Matuta" do Icó, em 1824.

Na presidência, Alencar tratou logo de mandar efetuar a prisão do criminoso, encarregando dessa missão o perigoso capitão "Cara Preta", o mesmo que havia conduzido a mãe do presidente, algemada do Icó para Fortaleza. Por aí vemos a grandeza de alma do Padre Alencar.

Miguel Porfírio Lima  
Icó  
(Diário do Nordeste)

## A PRISÃO DE DONA BÁRBARA

José Cláudio de Oliveira, Conselheiro do TCE

Certa vez, o general Itiberê Gouveia do Amaral convidou-me a visitar a "falsa-braga", na Fortaleza de Nossa Senhora d'Assumpção, construída de alvenaria pelo português Álvaro de Azevedo Barreto e reformada pelo governador Sampaio, bem mais próxima do mar do que o apodrecido "forte de Schooneborch, feito de paliçadas, por Matias Beck, na colina de Marajaik, por trás do novo Mercado Central, com bem o demonstrou o saudoso historiador Ismael Pordeus. O general Itiberê ficava intrigado com a versão de que dona Bárbara de Alencar tivesse sido colocada naquele cubículo que mal dá para acolher-se uma criança de tenra idade. Essa versão é equivocada, como bem o disse, refutando-a, o desembargador Paulino Nogueira, do Instituto do Ceará, pesquisador de nossa história. O Dr. João Nogueira, ilustre filho desse magistrado, também historiador, declarou textualmente: "Dona Bárbara nunca esteve recolhida àquela prisão". Essa versão foi fruto dos comentários do capitão Beltrão Castelo Branco quando comandou o 46º BC do Ceará, ali sediado. O Cel. Luiz Sombra, Comandante do 23º BC, que também ocupou a Fortaleza, até à sua transferência para a 13 de maio, inaugurou solenemente uma placa a 21 de abril de 1928, assim dizendo: "Aqui gemeu, longos dias, Da. Bárbara de Alencar, vítima em 1817, da tirania do governador Sampaio.

"Dona Bárbara esteve presa, com seus filhos, em 1817, no antigo quartel de 1ª linha, entre a cadeia do crime e a fortaleza, até seguirem para a Bahia". Dona Bárbara ocupou uma dependência separada de seus filhos José Martiniano de Alencar e Tristão Gonçalves. Quando Sampaio soube das péssimas condições em que se encontrava a heroína, reinstalou-se em ampla dependência e seus filhos, noutra, fornecendo vestimentas e refeições compatíveis. Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, já com sobrenome

brasílico, foi Governador do Ceará, herói da Confederação do Equador, morto traiçoeiramente no Sítio Santa Rosa, onde hoje o governador Tasso Jereissati está construindo o Açude Castanhão, cujo nome o Instituto do Ceará reivindica como homenagem ao malogrado herói. O companheiro J. C. de Alencar Araripe, consócio, descendente direto de Tristão, foi nomeado pelo então Presidente do IC, gen. Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira para a presidência da Comissão que reivindicará, do Governador, a homenagem ao grande cearense.

Tribuna do Ceará 29.4.97

## HOMENAGEM

João Pessoa - PB, 19.11.97.

Lindemberg, o meu abraço.

Recebo o jornal A PROVÍNCIA que, entre outros bons eventos, noticia a significativa homenagem a você prestada pelo LIONS CLUBE DO CRATO, concedendo-lhe a justa placa de prata; e também a outorga do título de SÓCIO HONORÁRIO DO ROTARY, ambos os gestos procurando levar-lhe o pálido reconhecimento pelo muito que você fez e faz pela história do Crato, pela Sociedade e pela Imprensa do Ceará, ao longo desses quarenta anos em que você moureja em nossas letras.

Louvo os nossos dois importantes Clubes e parablenizo o bom amigo pela larga folha de serviços prestados ao Crato e ao Cariri.

Cordialmente,

Lúcio Teles

## DR. BORGES LANÇA HISTÓRIA DA COMARCA

Criada em 1816 – a segunda Comarca do Ceará, a Comarca do Crato ganhou seu historiador, na pessoa do Dr. Raimundo de Oliveira Borges, Presidente do Instituto Cultural do Cariri.

De sua autoria, lançado o belo volume HISTÓRIA DA COMARCA DO CRATO, enfocando tudo o que se refere à velha Comarca que já avança para os seus duzentos anos. Juizes, promotores, serventuários, decisões célebres, etc desfilam nesse livro do Presidente do ICC. Mais uma contribuição valiosa para a cultura regional.

Outro associado do ICC, Mons. Montenegro, prepara 2 livros.

Um sobre os fenômenos sociológicos, históricos, políticos e sociais da Guerra de Canudos, com novos enfoques, e outro sobre a Família Alencar, nos seus mais variados aspectos.

## PERSONALIDADES PRESTIGIAM O ICC

A Biblioteca Antônio de Alencar Araripe, do Instituto Cultural do Cariri, tem sido sempre lembrada por escritores cearenses e de outros estados, para remessa dos seus livros, com que enriquece suas estantes.

Podemos destacar os livros e pronunciamentos no Senado, do Senador Lúcio Alcântara, os livros e as coletâneas do Dr. Dagmar Aderaldo Chaves, cearense que preside a Academia Carioca de Letras, no Rio, revistas do Instituto Histórico Paraibano, do Instituto do Ceará e Academia Cearense de Letras etc. A todos, o ICC, prazerosamente, agradece.

## PARA A MEMÓRIA DO CRATO

O primeiro cinema do Crato foi o CINE PARAÍSO, que funcionou onde é hoje a Biblioteca Pública Municipal. Pertenceu a vários empresários. O último, antes do fechamento, foi o dr. José Gonçalves de Sousa Rolim. Na década de 20 a 30.

O Cine Moderno foi inaugurado em 31 de agosto de 1935 e funcionou até 1982. Adquirido o seu velho prédio, pela Prefeitura, Governo Walter Peixoto, hoje, na administração Raimundo Bezerra, está sendo reconstruída, para nele funcionar o Cine Teatro Municipal.

O Cine Rádio funcionou na Nelson Alencar, onde foi a Rádio Araripe, na sua primeira fase. O Cine Educadora funcionou mais de 10 anos no auditório daquela emissora, 1º andar.

O Cine Cassino foi inaugurado em 30 de dezembro de 1919 e fechou a 07 de fevereiro de 92.

## ESCRITOR F. S. NASCIMENTO COM 2 NOVOS LIVROS

O consagrado escritor, crítico literário e figura de proa na literatura cearense, nosso conterrâneo F. S. Nascimento, que é da Academia Cearense de Letras, está com dois novos livros de sua autoria.

O primeiro é PRAIBAS DO CAUIPE - praiba é nome regional que equivale ao "coronel" matuto, chefe sertanejo. Ele analisa no livro os velhos chefes da região do Cauipe e S. Gonçato do Amarante, ascendentes dos drs. Waldemar Alcântara e Lúcio Alcântara. Uma grande e volumosa obra, cheia de história.

O segundo é CLÁ BEZERRA DE MENEZES, me que F. S. Nascimento se revela um genealogista de primeira e estuda uma das principais famílias do sul cearense, em que figuram o ex-Governador Adauto Bezerra, o cel. Humberto Bezerra e outras lideranças dessa importante organização familiar.

Os dois livros são sucesso absoluto de crítica.

## ADENDA

**A** título de documentário, publicamos os capítulos 75, 76, 81 e 82, do livro MEMÓRIAS – MATURIDADE, do Prof. Antônio Martins Filho, registrando as origens, criação, instalação e implantação da Universidade Regional do Cariri-URCA.





## FUNDAÇÃO "MARTINS FILHO" & SIMPÓSIO REGIONAL

A Faculdade de Ciências Econômicas do Crato foi criada no dia 19 de janeiro de 1960, sob os auspícios do Senador Wilson Gonçalves, com a cooperação da Universidade Federal do Ceará.

O Senador Wilson Gonçalves desenvolveu grande atividade em Brasília, no sentido de agilizar a tramitação do pedido de autorização para o funcionamento da Faculdade. Saneadas as falhas e supridas as omissões, o processo obteve parecer favorável do Conselho Federal de Educação, o que ocorreu um ano depois, isto é, a 11 de janeiro de 1961.

A entidade mantenedora da Faculdade era a Associação dos Empregados no Comércio do Crato, já responsável pela manutenção da Escola de Comércio, na qual estudei.

Pedro Felício Cavalcante, Presidente da Associação, convidou-me para, na qualidade de Reitor da Universidade Federal, proferir o discurso de patrono da Primeira Turma de economistas, solenidade realizada em 19 de dezembro de 1964. Foi um acontecimento altamente significativo, não somente para o Crato, mas para toda a região do Cariri e para as localidades vizinhas dos Estados do Piauí, Pernambuco e Paraíba, onde a nova Faculdade de Ciências Econômicas iria influir consideravelmente.

Procurei produzir um discurso à altura do auspicioso evento, por várias circunstâncias que me ligavam àquela Instituição. Naquele meu discurso, conforme pude averiguar, foi a primeira vez que surgiu a idéia da criação de uma Universidade para o Cariri.

Daí em diante, o tema – *Universidade* – esteve sempre na ordem do dia, até a data em que o sonho se transformou em realidade. O excepcional acontecimento ocorreu a 7 de março de 1987, quando o Governador do Estado, Luís

de Gonzaga Fonseca Mota, no Auditório Waldemar Garcia, cidade do Crato, declarou que estava oficialmente instalada a UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI-URCA.

Durante os vinte e três anos de gestação da Universidade Regional do Cariri – URCA, os fatos então ocorridos são tamanhos, que seria impossível a sua narração nas minhas Menórias. É que o material a ser trabalhado daria elementos suficientes para uma verdadeira monografia.

Mas, de qualquer forma, terei de mencionar algumas situações e ocorrências absolutamente necessárias a que se tenha uma idéia de como agi, durante todo aquele intervalo de tempo, em prol da concretização dos nossos objetivos.

Quero também focalizar, para fazer justiça, o trabalho e a dedicação dos meus companheiros do Crato, que sintonizaram com as minhas idéias e deram inestimável apoio ao movimento pró-fundação de uma Universidade para o Cariri. Mencionarei, primeiramente, três amigos, com os quais estive em constante contato: Professor José Newton Alves de Souza; Padre Francisco de Holanda Montenegro, e a Professora Maria Sarah Esmeraldo Cabral. Foram verdadeiros heróis das batalhas contínuas que tivemos, durante os momentos de baixo astral, que eram muitos e todos motivados pelas reiteradas dificuldades ou obstáculos que se nos deparavam.

Registro, ainda, como foram valiosos o entusiasmo e a fidelidade de muitos outros amigos, prestados à campanha da Universidade, podendo ser mencionados o ex-Cura da Catedral do Crato, o brilhante Mestre Rubens Gondim Lóssio, o sociólogo Plácido Cidade Nuvens e os professores Raimundo de Oliveira Borges, Pedro Felício Cavalcante, Francisco Salatiel Barbosa e Luís de Borba Maranhão. Outros integrantes do movimento serão sucessivamente mencionados, ao longo deste meu depoimento.

Quando estive no Rio de Janeiro (anos de 1967 e 1968), na condição de Assessor Especial do Ministro Tarso Dutra,

tomei a iniciativa de elaborar um Projeto de estruturação de cinco universidades regionais. Estes novos institutos iriam funcionar a título experimental, nas cidades do Crato (Universidade Regional do Cariri-URCA) – zona sul do Estado do Ceará; uma segunda em Campina Grande, Estado da Paraíba; a terceira em Feira de Santana, Estado da Bahia; a quarta em São José dos Campos, Estado de São Paulo; e a quinta e última no Rio Grande do Sul, em cidade que seria escolhida pelo titular da Pasta da Educação, Tarso Dutra.

O projeto era engenhoso e trazia uma inovação quanto aos recursos que seriam necessários para o normal funcionamento de cada universidade.

Esses recursos seriam oriundos do Poder Público – Município, Estado e União – e também das rendas próprias, compreendendo taxas e anuidades dos discentes e rendimentos de cursos especiais para a formação de recursos humanos solicitados pelo mercado de trabalho local e regional.

O Ministro Tarso Dutra discutiu pormenorizadamente o meu projeto e se inclinou a aprová-lo, para uma experiência de pelo menos 10 anos.

Remetido o referido projeto à apreciação do Ministério do Planejamento, o titular da Pasta, Ministro Hélio Beltrão, com quem discuti o assunto como representante do MEC, achou tudo muito bom, desde que fosse retirado do texto qualquer menção ao Governo Federal. Aventurei-me a oferecer ao Ministro vários motivos em defesa da nossa pretensão, porém o titular do Planejamento permaneceu irreductível, concluindo assim:

— “Reitor, o Senhor bem sabe que, se houver qualquer responsabilidade do Governo Federal em relação a esse assunto, ninguém mais contribuirá para a manutenção da Universidade.”

Com esse pronunciamento, o projeto foi arquivado.

O resultado desta minha iniciativa não chegou ao conhecimento dos meus amigos do Crato, que continuaram

sempre otimistas, na convicção de que “aquilo que tem de acontecer traz muita força.”

Durante a minha permanência no Crato (agosto de 1974), fui informado pelo Ernani Silva, de que havia sido organizado um GRUPO DE TRABALHO – GRUPO DE AÇÃO COMUNITÁRIA DO CRATO, de aproximadamente vinte pessoas, com a finalidade de estudar e de definir quais as providências que deveriam ser adotadas com o objetivo de solucionar os problemas por que passava o ensino superior, tão auspiciosamente iniciado naquela Cidade.

Com efeito, havia carência de professores qualificados; a capacidade física das Escolas e Faculdades, com o aumento da população acadêmica, estava manifestamente reduzida; os cursos, em parte, não estavam funcionando normalmente, pela falta do necessário reconhecimento, por parte do Governo Federal.

Tendo em vista essas evidências, concluiu o GRUPO DE TRABALHO que havia necessidade de uma ação coletiva, no sentido de consolidar o ensino superior no Crato, por meio de uma instituição, que deveria em breve ser criada.

O ponto de partida, para ser atingido aquele objetivo, seria a instituição de uma Fundação, para servir de entidade mantenedora da projetada Universidade. As três Faculdades existentes no Crato estavam sendo mantidas por três entidades particulares, cada uma com problemas de ordem financeira e sem possibilidade de solucioná-los a curto prazo.

Assim, a idéia da FUNDAÇÃO foi o resultado final do GRUPO DE TRABALHO, que passou a agir, sem perda de tempo. Essa idéia foi propalada, para sensibilizar também as populações das localidades vizinhas, com a demonstração de que a futura Universidade iria exercer uma influência decisiva, na formação de recursos humanos que iriam atuar num pólo geo-educacional formado por mais de setenta localidades situadas na zona sul do Ceará e adjacências, isto é, cidades dos Estados do Piauí, Pernambuco e Paraíba.

Partindo do princípio de que era indispensável a criação de uma única entidade mantenedora, no caso, a referida Fundação Educacional, providências foram adotadas objetivando transformar a idéia em realidade.

Por dever de justiça, quero realçar os participantes do Grupo de Ação Comunitária do Crato: Aide Luna Parente, Ana Esmeraldo Callou, Ana Tereza Esmeraldo Cabral, Antônio Correia Coêlho, Catarina Tavares Borges, Clemilda Ancillon Pereira Monteiro, Edith Oliveira de Menezes, Francisca Nailée Monteiro de Macêdo, Franciso Eli Menezes, Francisco de Assis Brito, Francisco Humberto Esmeraldo Cabral, Isabel Marlene Moura Pierre, José Gilson Alencar Parente Filho, José Hermínio Rebouças, José Nilton de Figueirêdo, José Ricardo Batista Pinto, José Sarto Maria Cabral, Maria Divani Esmeraldo Cabral, Maria Isa Barreto de Moraes, Maria Lireda de Alencar Noronha, Maria Nancy Pinheiro de Castro, Maria Neyde Barreto Esmeraldo, Maria Sarah Esmeraldo Cabral, Maria Selma Feitosa de Oliveira, Maria do Socorro Norões Rebouças, Maria Zélia Neves Feitosa, Marília Feitosa Ferro Cavalcante, Maurilo de Oliveira Peixoto, Paulo Jairo Peixoto Pereira, Paulo Nertand Cartaxo Esmeraldo, Raimundo Luiz do Nascimento, Rogério Wayne Noronha Brasil, Vicente Jurandy Temóteo de Sousa e Zenira Cardoso de Oliveira.

Que nome deveria servir de bandeira a essa cogitada Fundação?

Ainda do meu amigo Ernani Brígido e Silva recebi a informação de que o GRUPO DE TRABALHO, a que anteriormente me referi, já havia escolhido o nome da nova mantenedora das três Faculdades em funcionamento no Crato. Seria Fundação Educacional "MARTINS FILHO".

Fiquei lisonjeado, mas de logo compreendi que a projetada Fundação não seria o caminho certo para resolver, do ponto de vista financeiro, a situação das Faculdades sediadas no Crato.

Primeiramente, questioneei a escolha do meu nome, quando existiam muitos outros, de preferência cratenses ilustres já falecidos, que poderiam ser adotados. Acrescentei, ainda, que só seria cabível escolher o meu nome, se eu possuísse vultoso patrimônio, de modo a poder auxiliar, permanentemente, quanto aos elevados gastos da Fundação.

Todos os meus argumentos foram desprezados, pois prevalecia a suposição de que, sob os meus auspícios, tudo em breve estaria resolvido.

Fiquei intranquilo e passei a assumir uma postura dubitativa, ouvindo muito e falando pouco, bastante cauteloso para não atenuar o entusiasmo de uns tantos integrantes do movimento, que depositavam uma confiança imensa na minha ação e decisão.

Foram traçados pelo Grupo de Trabalho vários planos, dos quais os mais importantes estavam assim alinhados:

- angariar recursos para a formação inicial do patrimônio da Fundação;

- gestões junto às entidades mantenedoras das três Faculdades em funcionamento no Crato, sobre se concordariam com a existência de uma única mantenedora, no caso, a Fundação Educacional "MARTINS FILHO".

Outras providências seriam sucessivamente adotadas.

A esta altura dos acontecimentos, passei a notar que o meu trabalho, em favor do ensino em nível universitário, no Ceará, no Brasil e junto às várias Instituições Universitárias e Culturais, com que mantínhamos relações no Exterior, notadamente Estados Unidos da América do Norte e Alemanha Ocidental, passou a ser muito focalizado para uma geral divulgação entre as populações interessadas na criação da Universidade. No Crato, por exemplo, foi um verdadeiro exagero, certamente para demonstrar que o Grupo de Trabalho estava com a razão, quando decidira conservar o meu nome como uma bandeira para o êxito do movimento.

O Bispo Diocesano e o Prefeito Municipal – as duas principais personalidades do Município, no assunto, dirigiram-me uma mensagem no teor seguinte:

*"Excelentíssimo Senhor Professor Doutor Antônio Martins Filho,*

*O Amigo,*

*O Filho do Crato,*

*ontem,,*

*hoje,*

*sempre.*

*Num momento em que a cidade do Crato se sente pequena para chamá-lo de seu filho, a comunidade cratense encontra uma oportunidade de homenageá-lo, pondo-lhe nas mãos honradas, a sua jóia mais preciosa: a esperança de uma Universidade, na Fundação Educacional "MARTINS FILHO".*

*Vendo o HOMEM e vendo o AMIGO e, neste homem e neste amigo, um IRMÃO, queremos fazer justiça e cumprir um dever sagrado, perpetuando-lhe o nome na sua terra e entre sua gente.*

*Nossa admiração se reporta ao Homem que não nega o seu passado humilde, mas honrado, um lugar de destaque no seu presente de sucesso, mas humilde. É humilde, sim, quando, da sua mais legítima grandeza, se volta para o seu povo e, voltando, não vem "para ser servido, mas, para servir". E com que amor o tem feito! E com que dedicação vai retirando as "pedras do nosso caminho" e realizando as tarefas que removem as dificuldades que nos assoberbam.*

*É o Amigo que faz seus, os nossos problemas, que, conosco, sente, vibra, sofre, assume e reflete como só um Irmão o faz.*

*Prezado Dr. Martins Filho:*

*Foram estes os sentimentos que nos impulsionaram a caminhar para a Universidade, empunhando a bandeira do seu nome, através da Fundação Educacional MARTINS FILHO.*

*Pedimos que aceite a nossa homenagem e que, mais uma vez, forme conosco nesta caminhada que, sabemos, vai ser muito penosa.*

*As dificuldades não nos amedrontam. Porém, precisamos do orientador experiente, do conhecedor profundo e, principalmente, daquele que põe amor na sua palavra de comando e que pisa com o coração nas sendas que levarão o Crato a um futuro glorioso.*

*Dom Vicente de Paulo Araújo - Bispo Diocesano*

*Pedro Felício Cavalcante - Prefeito Municipal*

*Crato, 12 de novembro de 1974.*

## FAC-SIMILE

EXCELENTÍSSIMO SENHOR PROFESSOR DOUTOR ANTÔNIO MARTINS FILHO,

O AMIGO,  
O FILHO DO CRATO,  
certos,  
hoje,  
sempre.

Em momento em que a cidade do Crato se sente pequena para abrigá-lo de seu filho, a comunidade cratense encontra uma oportunidade de homenageá-lo, dando-lhe nas mãos honradas, a sua jóia mais preciosa: a certeza de uma UNIVERSIDADE, na FUNDAÇÃO EDUCACIONAL MARTINS FILHO.

Vendo o HOMEM e vendo o AMIGO e, neste homem e neste amigo, um IRMÃO, queremos fazer justiça e cumprir um dever sagrado, perpetuando-lhe o nome na sua terra e entre sua gente.

Essa adoração se reporta ao Homem que não nega ao seu pagão humilde, mas honrado, um lugar de destaque no seu presente de amasso, mas humilde, é humilde, sim, quando, da sua mais legítima grandeza, se volta para o seu povo e, voltando, não vem "para ser servido, mas, para servir". É com que amor o faz feito! É com que dedicação vai retirando as "pedras do nosso caminho" e realizando as tarefas que remove as dificuldades que nos assoberbam.

É o Amigo que faz seus, os nossos problemas, que, conosco, sente, vibra, sofre, como e reflete como só um Irmão o faz.

Pregado Dr. Martins Filho:

Poros estes os sentimentos que nos impulsionaram a candidatar para a Universidade, empunhando a bandeira do seu nome, através da FUNDAÇÃO EDUCACIONAL MARTINS FILHO.

Pedimos que aceite a nossa homenagem e que, mais uma vez, forme conosco nesta caminhada que, sabemos, vai ser muito penosa.

As dificuldades não nos assedrontam. Formos, precisamos do orientador experiente, do conhecedor profundo e, principalmente, daquele que põe amor na sua palavra de comando e que pisca com o coração nas sendas que levam o Crato a um futuro glorioso.

Crato, 12 de novembro de 1974.

*Depoimento assinado, leitura do discurso  
Pedro Pinheiro de Azevedo*



Iniciado o ano de 1975, os trabalhos inerentes à institucionalização da Fundação Educacional MARTINS FILHO continuaram em ritmo bastante acelerado. É que o Grupo de Trabalho já havia escolhido a data ideal para declarar oficialmente instalada a Fundação.

Foi assim acolhida a idéia, também discutida pelo GRUPO DE TRABALHO, da convocação de um Simpósio Regional de Educação, como ponto alto das comemorações do I Centenário de instalação do Seminário São José.

O programa apresentado para o Simpósio, que seria convocado pelo Bispo Diocesano, foi muito ambicioso e pode mesmo ser considerado um dos maiores eventos de natureza educacional e social, no interior do Nordeste.

O Simpósio Regional de Educação foi realizado nos dias 8 a 11 de junho de 1975, sob o patrocínio da Diocese do Crato, Faculdade de Filosofia do Crato, Faculdade de Ciências Econômicas do Crato e Faculdade de Direito do Crato.

A Comissão Central, tendo como Presidente o Senhor Bispo Diocesano, Dom Vicente de Araújo Matos, e como Coordenador Geral do Simpósio o Professor Doutor Plácido Cidade Nuvens, reuniu nomes os mais expressivos para compor as diversas comissões, inclusive o Monsenhor Francisco Holanda Montenegro, então na condição de Presidente da Diretoria Provisória da Fundação Educacional MARTINS FILHO, já oficiosamente instalada.

Não me será possível aludir a todos os atos importantes do Simpósio, mas terei de referir-me a alguns em que, direta ou indiretamente, estive envolvido.

Sob a presidência do Senhor Bispo Diocesano, Dom Vicente de Araújo Matos, e secretariado pelo Dr. Plácido Cidade Nuvens, foi aberto o Simpósio Regional de Educação, na manhã de 8 de junho de 1975.

A saudação protocolar aos simposistas foi feita pelo Dr. José Erlândio de Alencar, membro destacado da Comissão Central.

O brilhante orador produziu uma saudação empolgante que, sobre ser os votos de boas vindas às personalidades que compaceram ao evento, foi também, e principalmente, uma verdadeira louvação ao Crato, como se deduz de suas palavras finais, assim redigidas:

*Meus amigos, em nome da minha terra e da minha gente, eu lhes digo boas vindas ao Simpósio Regional de Educação: Eu lhes digo boas vindas ao Crato.*

*O Crato que eu gostaria tanto de descrever, mas que não encontro as palavras adequadas para vocês sentirem, porque o Crato não se descreve. A gente vive, a gente sente, a gente gosta e eu encontro na palavra do Professor Martins d'Alvarez a definição mais lógica, mas sentida, mais íntima, mais do coração, para traduzir para vocês o que é a realidade do Crato.*

O Crato é – Flor da terra ao Sol.  
Ó berço esplêndido  
Dos guerreiros da tribo cariri,  
Sou teu filho e ao teu calor,  
Cresci, amei, sonhei, vivi.  
Ao sopé da serra, entre os canaviais,  
Quem já te viu, ó, não te esquece mais.  
Para te exaltar, ó flor do Brasil,  
Hei de te cantar, meu Crato gentil!  
Ó Coração do Ceará,  
Comigo, a Nação te cantará!

No teu céu inda brilha a estrela fúlgida,  
Que há cem anos, norteia o teu porvir!  
Crato amado, idolatrado,  
Teu destino há de seguir,  
Grande e forte como o nosso verde mar.  
Bendita sejas, ó terra de Alencar!

No decorrer dos três primeiros dias do Simpósio, foram lidas e amplamente discutidas, 5 importantes conferências, a saber:

1) O PAPEL DO SEMINÁRIO SÃO JOSÉ NO DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL DA REGIÃO, tema relatado pelo Magnífico Reitor da UNICAPE, Professor Rubens Gondim, Lóssio; 2) O PRIMEIRO E O SEGUNDO GRAUS COMO APOIO LOGÍSTICO À UNIVERSIDADE, tema amplamente desenvolvido pelo Professor José Newton Alves de Souza; 3) POLÍTICA EDUCACIONAL DO PRIMEIRO PLANDECE, tema explanado pelo Professor Raimundo Hélio Leite, da Universidade Federal do Ceará; 4) CONSOLIDAÇÃO E EXPANSÃO DO ENSINO SUPERIOR DO CEARÁ, conferência proferida pelo Professor Antero Coelho Neto, Magnífico Reitor da Universidade de Fortaleza (UNIFOR); 5) EXPERIÊNCIAS DO ENSINO SUPERIOR NO CEARÁ, tema explanado pelo Monsenhor Francisco Sadoc de Araújo, Reitor da Universidade Vale do Acaraú (UVA). Todos os temas provocaram prolongados debates, que muito enriqueceram as conclusões finais do Simpósio.

Por ocasião do encerramento do Simpósio, a 11 de junho do ano já referido, seria oficialmente instalada a Fundação Educacional "MARTINS FILHO".

Na manhã daquele dia, aconteceu o plantio simbólico do novo pau d'arco no pátio, ao lado direito do Seminário São José. O orador oficial da solenidade foi o Professor José do Vale Arraes Feitosa, membro da Comissão Central. O discurso do ilustre professor naquele ato, prestigiado pelo Cel. Adauto Bezerra, Governador do Estado, Autoridades Eclesiásticas, Civis e Militares e avultado número de professores, merece ser reproduzido *ipsis literis*:

*"Há um século, neste patamar, fincaram-se estacas na taipa modesta de um gigante que se projetava. A fertilidade do solo e o calor do sol, absorção e fotossíntese, fizeram o milagre de uma nova vitalização. Revitalização de uma estaca, galho destacado, insistente, teimoso, enraizou-se, clorofilou-se, ramificou-se e hoje frondoso e centenário como o Seminário São José, torna-se, de certa maneira,*

*símbolo de tenacidade, de audácia, de confiança e de operosidade.*

Ipê secular que assistiu através do tempo ao desenvolvimento intelectual, religioso e sócio-cultural da zona caririense e adjacências, pela formação de homens que às gerações subseqüentes transmitiram, numa como que sucessiva corrida da pira olímpica, na condução da luz da verdade e da ciência.

Ipê secular, estaca teimosa e vivificada, espia por sobre o telhado deste casarão centenário a circulação de mais de 36 mil alunos, das 6 às 22 horas, nesta cidade, em todas as direções para suas unidades escolares, em busca do saber.

Ipê secular, teimosa do passado, embasamento da realidade, presente. Ipê simbólico que, posto para sustentar a taipa, em alvenaria viva se transformou. Ipê respeitável, venerável mesmo, presente às transformações estruturais, econômicas, sociais e religiosas.

Hoje plantamos, no mesmo patamar, quase do lado do mesmo ipê, um novo pau d'arco. Pau d'arco menino, os sacerdotes da educação e os universitários de nossa comunidade, com suas mãos calosas, batizam-no com a água, elemento vitalizante e indispensável. Pau d'arco-jovem, os simposistas vieram deixá-lo aqui, ao lado do Seminário Centenário, bem perto do ipê secular, nas comemorações presentes, como um símbolo novo, nome de seu batismo – fé. Como um símbolo novo, não estaca, mas planta verdinha – esperança. Como um símbolo novo, árvore que sabe o que quer – instrução. Você não vai voltar à condição de semente, mas vai ser a semente cheia de esperança, carregada de instrução da futura Universidade Regional do Cariri, através da Fundação Educacional MARTINS FILHO.

Pau d'arco (a árvore tomba por sobre você – palmas).

Pau d'arco-jovem, fincado ao solo, neste momento decisivo há de enraizar-se, ramificar-se, florir e passar às gerações futuras o exemplo do presente que é um fruto do passado.

*Pau d'arco menino, jovem como você foram todos os educadores, no decorrer desta centúria. Você é Martins Filho, menino vadio e brincalhão, de baladeira à mão. Martins Filho, educador, reitor, conselheiro e escritor. Você é a Fundação Educacional MARTINS FILHO. Você é a futura UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI.*

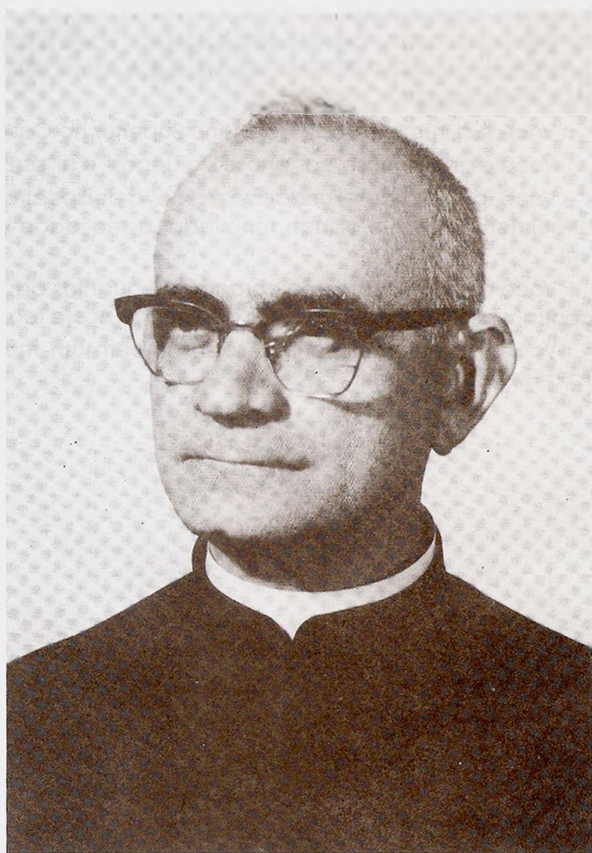
Você é a interiorização do Ensino Superior no Cariri.

Você é a "diagnose", a "gnose", o "logos" e a "práxis".

Você, pau d'arco – Fundação é a nova perspectiva, o conhecimento novo, o estudo renovado, a realidade palpável.

Você ficará plantado no coração de quantos aqui se encontram nesta encruzilhada dos destinos de nossa região.

Você, pau-d'arco menino, será também um marco para a História do Cariri."



Mons. Francisco de Holanda Montenegro, meu eminente colega,  
meu principal assessor na execução do projeto de criação e  
instalação da URCA.

## DE NOVO O SIMPÓSIO & FUNDAÇÃO "MARTINS FILHO"

Às vinte horas do dia 11 de junho de 1975, no Auditório Waldemar Garcia, no Crato, Estado do Ceará, realizou-se a Solenidade de Encerramento do Simpósio Regional de Educação, convocado pelo Senhor Bispo Diocesano, Dom Vicente de Paulo Araújo Matos.

A Sessão Solene foi presidida por Dom Vicente, com a presença do Senhor Governador do Estado, Coronel Aduino Bezerra, e altas autoridades civis, eclesiásticas e militares, professores, estudantes e pessoas de destaque nas sociedades do Crato, Juazeiro e Barbalha.

Não obstante tratar-se do encerramento do Simpósio, o objetivo especial foi precipuamente o de declarar, numa solenidade de grande pompa, oficialmente instalada a Fundação Educacional "Martins Filho."

Quatro oradores iriam fazer uso da palavra: Dom Vicente de Paulo Araújo Matos, Presidente do Conclave; Monsenhor Francisco de Holanda Montenegro, Presidente da Diretoria Provisória da Fundação; Professor Antônio Martins Filho, apontado como sendo a pessoa capaz de dirigir com êxito a Fundação; e, por último, o Coronel Aduino Bezerra, Chefe do Poder Executivo do Estado.

Naquele ensejo eu havia regressado, cerca de dez dias antes, de uma excursão pela Europa. Por isso, não pude articular-me com os meus amigos do Crato. Se houvesse tempo, eu, sinceramente, teria reafirmado que continuava com o mesmo ponto de vista, isto é, não aceitar dirigir a nova entidade, permanecendo na convicção de que a Fundação Educacional "Martins Filho" seria uma entidade natimorta, no sentido de solucionar, a curto prazo, os complexos problemas das Faculdades em precário funcionamento no Crato, nem tampouco conseguiria, a longo prazo, promover a criação da sonhada Universidade Regional do Cariri.

Assim, enquanto os componentes do GRUPO DE TRABALHO continuavam acreditando que eu realizaria aquela tarefa, permaneci no firme propósito de não aceitar o desafio, que estava além das minhas possibilidades. Senti-me muito perturbado, mas reagi, lamentando decepcionar tantas pessoas amigas, que sempre me apoiaram.

Após a apresentação das conclusões do Simpósio, a palavra foi oferecida ao Monsenhor Francisco Holanda Montenegro, que falou na qualidade de Presidente da Diretoria Provisória da aludida Fundação Educacional "Martins Filho".

O discurso de Monsenhor Montenegro foi uma peça oratória do melhor teor, pela coordenação lógica de vários temas que analisou, de maneira clara e precisa, numa linguagem erudita, estilo elegante e embasamento histórico irretorquível.

Depois de pormenorizar a finalidade social e a excepcional influência que o Centenário Seminário São José exerceu não somente no Crato, mas em toda a região do Cariri, aludiu o Monsenhor Montenegro ao aniversário natalício do preclaro Bispo Diocesano do Crato, Dom Vicente de Paulo Araújo Matos, esclarecendo, ainda, que a data de 11 de junho representava a passagem do aniversário de Sagração de Sua Excelência Reverendíssima, ao ser escolhido para assumir a titularidade da Diocese. Fez o ilustre orador o elogio dos três primeiros Bispos da Diocese – Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, Dom Francisco de Assis Pires e Dom Vicente de Araújo Matos, mencionando e analisando as virtudes de cada um desses eminentes Pastores.

Dando prosseguimento à sua magnífica oração, Monsenhor Montenegro fez ver que a Comissão Central do Simpósio deliberou que, como ponto alto do importante conclave, seria proclamada a instalação oficial da Fundação Educacional "Martins Filho".



A partir desse momento, o orador passou a reportar-se à minha pessoa, indicada para Patrono da Fundação, fazendo as seguintes transcrições a meu respeito:

*" — Martins Filho é um exemplo da fibra que enrijece os filhos do Cariri, daqueles que verdadeiramente herdaram o que há de melhor no sangue e na terra do nosso vale, pairando à sombra benfazeja da Chapada do Araripe. Como Alencar, o excepcional e grande estadista que o Cariri deu ao Ceará de presente, Antônio Martins Filho foi bem a dádiva generosa e rica que nossa terra trouxe como dom para a grande instituição universitária cearense. Foi bem e muito um Reitor do Cariri fecundamente ofertado à terra alencarina."*

(Professor José Denizard Macedo)

"Em Martins Filho, lutar é o mesmo que realizar, e realizar é o mesmo que dar forma aos ideais.

A Faculdade de Filosofia do Crato deve-lhe o que ela de si e por si não pode pagar.

Deve-lhe a existência, a orientação, a vitória".

(Professor José Newton Alves de Souza)

"Ao ouvir o Reitor Antônio Martins Filho expor seus planos de ação e realidade, fica-se entusiasmado por esse homem simples, modesto, mas um verdadeiro dinamismo em constante movimento a que acrescentou a atividade de uma gráfica universitária, que vem reeditando as melhores obras da rica literatura cearense. É o melhor benfeitor da cultura brasileira!"

(Ministro Maurício de Almeida)

*"A Universidade do Ceará atesta o dinamismo de um professor, que alia as qualidades intelectuais do mestre a altas aptidões de administrar: o Professor Antônio Martins Filho. É, atualmente, a força que está acionando a inteligência cearense em torno de problemas culturais."*

(Professor Djacir Menezes – da Universidade do Brasil).

"A Universidade Federal do Ceará, que Antônio Martins Filho criou, consolidou, expandiu e dá renome, ficará como o seu monumento imperecedouro, para ser contemplado pelas gerações universitárias do porvir".

(Professor Newton Gonçalves).

"Reitor, na acepção mais legítima do termo; gerente também ele o foi, no sentido da concepção administrativa moderna. Ubíquo, presente, pluralizado, andejo (homem de muitas horas de vôo), conciliador convincente, mas sem concessões fáceis, prático nas decisões, autêntico, honesto, corajoso. Todas essas virtudes tanto mais avultavam quanto Martins Filho o inspirador de uma Universidade, o que já bastaria para lhe dizer dos méritos, se considerarmos o que a missão trazia em si de novo e complexo. Criou-a, projetou-a, fê-la. Numa expressão muito cearense, a Universidade Federal do Ceará é cria dele, que apascentou com aquele amor que o sertanejo tem pelas suas coisas e pelo seu chão, não fosse o homem caririense, que é gente, já na origem, de muita fibra...

*Diríamos que o pronunciamento acima não será apenas nosso. Está no consenso comum, no julgamento geral. É assim que Antônio Martins Filho é visto, é apontado, respeitado e preservado. Um patrimônio."*

(Pronunciamento de Moreira Campos)

Depois dessas citações, Monsenhor Montenegro passou a emitir o seu próprio pensamento, dirigindo-se diretamente a mim, nos termos a seguir:

*Professor Martins Filho – O Cariri foi a primeira região do interior cearense a inserir-se no esquema universitário, graças ao dinamismo e à coragem do Primeiro Reitor da Universidade Federal do Ceará. Filho do Crato, não esquecendo a sua terra e a sua gente, quis fazer a primeira experiência da interiorização do ensino superior, escolhen-*

do a sua terra natal, fundando, nesta Cidade, a Faculdade de Filosofia do Crato e logo depois a Faculdade de Ciências Econômicas.

A criação de uma Fundação Educacional, em terras do Cariri, que tem por objetivo promover a educação em nível superior, em toda a região Centro Sul do Estado do Ceará, incorporando e mantendo cursos de nível superior, dedicando-se a atividades culturais e técnicas de nível superior, propondo-se a fundar e manter cursos de pós-graduação e aperfeiçoamento profissional diretamente ou em colaboração com outros órgãos, preparar uma infra-estrutura que possa garantir a implantação da Universidade Regional do Cariri, uma Fundação Educacional com tamanha amplitude não podia deixar de trazer o nome daquele que é considerado por todos nós o maior benfeitor do Ensino Superior na região do Cariri.

É uma homenagem merecida ao Mestre, um crédito de confiança ao Benfeitor, um gesto de reconhecimento e gratidão para com o amigo de todas as horas, que nunca esqueceu o seu Cariri e sua terra natal. Já Camões dizia: "A verdadeira afeição na longa ausência se prova". "A amizade é como os títulos honoríficos, dizia , quanto mais velha, mais preciosa".

A nossa intenção, Professor Martins Filho, foi a melhor possível, quando escolhemos o nome de Vossa Magnificência para a nossa FUNDAÇÃO EDUCACIONAL.

Muita razão tinha Exupéry, quando afirmava: "Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas." Professor Martins Filho - "A profundidade de uma afeição mede-se pelo termômetro da lealdade".

À medida que a Sessão de Encerramento do Simpósio ia chegando ao seu término, a minha posição tornava-se cada vez mais difícil. É que eu deveria expressar a minha opinião sobre se permanecia fiel ao meu ponto de vista, várias vezes reiterado, de não concordar com a idéia de

criação de uma Fundação como maneira eficiente para solucionar o problema do ensino superior no Cariri. A expectativa de um modo geral era bem visível por parte de todos aqueles que se colocavam em sentido contrário ao meu pensamento. Este quadro estaria naturalmente definido, se todos que porfiavam pela Fundação compreendessem que o substrato de sua personalidade jurídica era a existência de um capital de tal modo volumoso, que as suas rendas pudessem suprir todos os encargos referentes à criação de uma Universidade.

Depois de um esforço muito grande, a instituenda Fundação Educacional "Martins Filho" conseguira recrutar recursos correspondentes a cinquenta mil cruzeiros, que apenas dariam para os gastos da instalação da entidade.

Quem poderia assegurar a captação de vultosas somas para a instalação, implantação e funcionamento de um organismo complexo como uma instituição universitária?

O crédito de confiança depositado em minha pessoa era efetivamente muito superior ao que eu poderia realizar. Fazer postulações no Brasil e no exterior de verbas para a manutenção de uma Fundação com o meu nome era uma situação que me causaria constrangimento, mesmo tendo em vista as finalidades altruísticas da Instituição.

Monsenhor Montenegro na peroração do seu brilhante discurso, ao se dirigir ao Senhor Governador do Estado, Coronel Aduato Bezerra, após encarecer o apoio do Poder Público Estadual em favor do Cariri, anunciou: *"Estamos instalando hoje a Fundação Educacional "MARTINS FILHO". Ela estudará, através de seus recursos humanos, todo um Planejamento necessário para a criação da Universidade Regional do Cariri. O aspecto econômico, o aspecto social, o aspecto cultural e o aspecto político. É uma instituição de direito privado, que se propõe a criar, incorporar e manter cursos de nível superior, dedicar-se a atividades culturais e técnicas de nível superior, dedicar-se ao ensino, em todos os ramos do saber, promover pesquisas e formar assessori-*

*as, fundar e manter cursos de pós-graduação e de aperfeiçoamento profissional, diretamente ou em colaboração com outros órgãos, preparando uma infra-estrutura, com bases sólidas, para a implantação da Universidade Regional do Cariri. É ela que mostrará o caminho por onde devemos andar. Não pensamos em Universidade a curto prazo, mas queremos deixar a esta juventude que acorda para a vida um patrimônio cultural que responda pelo desenvolvimento sócio-econômico de toda a região do Cariri.”*

Quando o Presidente da solenidade, Dom Vicente de Araújo Matos, anunciou que eu iria ocupar a tribuna, observei em toda a assistência, notadamente naqueles que estavam envolvidos na solução do problema das Faculdades existentes em Crato, um verdadeiro *suspense*. Nunca em minha existência de intelectual passei por uma situação tão vexatória, em virtude da possível surpresa que iriam experimentar os meus colegas de campanha pró-Universidade para o Cariri. Comecei de maneira inexpressiva por agradecer a honra das referências feitas ao meu trabalho como educador. Foi um discurso proferido sem entusiasmo, com as palavras concatenadas de modo a não haver compromisso formal de minha parte, quanto a assumir a presidência da Fundação, nem me manifestar calorosamente pró-fundação da pleiteada Universidade. Apelei para o depoimento histórico e manifestei a minha descrença no êxito dos objetivos da Fundação. Em suma, não manifestei aquele entusiasmo nem sintonizei com aquela euforia, até então manifestados pelos oradores que me precederam.

Rendi-me à evidência dos fatos, isto é, a existência da Fundação Educacional “MARTINS FILHO”, já criada e oficialmente instalada. No entanto, não assumi nenhum compromisso em dirigi-la, conforme era esperado.

Ao terminar, fui aplaudido sem muito entusiasmo.

A minha firmeza de atitude parece ter resultado, para meus amigos, em verdadeira decepção.

Encerrando a solenidade, falou o Coronel Adauto Bezerra, Governador do Estado. Supus que encontraria nele um associado às minhas idéias, dada a sua visão esclarecida sobre os meios e modos de ser administrada a coisa pública. Mas, equivoquei-me completamente: o Governador tomou parte contrária à minha posição, como se vê do inteiro teor do seu discurso, a seguir reproduzido *ipsis literis*:

*"Instala-se nesta hora, sob os melhores auspícios, a Fundação Martins Filho, à qual está reservado um papel da maior significação na vida cultural do Cariri.*

*A ela competirá assessorar as atuais Escolas Superiores existentes na região e orientar a instalação de outras Faculdades que virão enriquecer o cenário educacional da zona Sul – (a de Ciências Sociais, em Barbalha, a de Administração, em Juazeiro, e a de Enfermagem, no Crato).*

*Será, assim, a Fundação Martins Filho o embrião da futura Universidade do Cariri, que englobará todas as Escolas instaladas ou a instalarem-se nesta área e constituirá a vitória de um sonho alimentado por todos os caririenses.*

*A marcha na direção da Universidade iniciou-se há quinze anos, quando surgiu a Faculdade de Filosofia do Crato.*

*Proseguiu, um ano mais tarde, com a implantação da Faculdade de Economia, e um novo passo foi dado em 1974, com a criação da Faculdade de Direito.*

*É certo que, além das outras Escolas, anteriormente mencionadas, devemos ter ainda a Faculdade de Operações, a funcionar em Juazeiro do Norte.*

*Todas essas unidades constituirão um belíssimo edifício universitário transformando as cidades da zona Sul em um dos mais importantes complexos educacionais do País.*

*O nome dado à Fundação reflete o apreço que todos alimentamos – administradores e educadores – pela figura do Prof. Antônio Martins Filho. A ele deve o Ceará talvez muito mais do que supõe, isto porque de sua ação conhecemos apenas resultados presentes e devemos pensar nos benefí-*

*cios que se irradiarão pelo futuro, visto que sua obra tem produzido reações em cadeia que se estenderão através dos anos sem apagar a marca original.*

*Foram o seu idealismo e sua larga visão que transformaram em realidade a Universidade Federal do Ceará, aglutinando as antigas escolas isoladas que lutavam com tantas dificuldades e que necessitavam de um centro de gravidade para cumprir integralmente sua missão.*

*A Martins Filho devem-se também as primeiras tentativas de reforma do ensino universitário no Ceará, com o objetivo de adequá-lo, sempre mais, às exigências do desenvolvimento regional.*

*Na realidade, desde os primeiros tempos, uma das preocupações dominantes de Martins Filho foi, exatamente, impregnar a UFC de fatores culturais que lhe conferissem fisionomia própria, dentro da moldura regional do Nordeste. E isto ele o conseguiu, pois, desde o princípio, a Universidade engajou-se na luta contra o atraso econômico e empreendeu a capitalização de toda uma experiência intelectual calcada no conhecimento de nossa realidade.*

*Ninguém melhor, portanto, para simbolizar e presidir com seu pensamento o esforço que aqui se realizará em favor de um ensino universitário dinâmico e voltado para o contexto regional.*

*Sob tal inspiração, não temos dúvida de que a Fundação haverá de cumprir fielmente seus desígnios, que são os do próprio Cariri em sua tenaz luta pelo progresso em todos os setores.*

*Não ficará o Governo do Estado ausente desta luta. A ela nos sentimos atraídos tanto pelos laços sentimentais, que são inquebráveis, quanto pelas imposições irrecusáveis do programa que adotamos.*

*No que concerne ao programa, um dos nossos mais acalentados objetivos é promover a interiorização do ensino superior porque somos decididamente também pela interiorização do desenvolvimento.*

*Uma coisa reclama a outra, pois entedemos que a expansão educacional nos grandes pólos interioranos deve ser ao mesmo tempo requisito e efeito do desenvolvimento econômico.*

*Cada escola superior que surge, desde que os estudos e o planejamento indiquem sua viabilidade, é um instrumento de mobilização de recursos humanos indispensáveis ao crescimento econômico. E cada uma delas gerará a perspectiva de um desenvolvimento acompanhado de uma oferta de cultura de que o homem não pode prescindir em sua marcha ascendente.*

*Dentro deste espírito, estaremos solidários com os empenhos dos setores culturais, comunitários e empresariais do Cariri para que sua Universidade seja inquestionável realidade dentro do mais curto prazo. E não temos dúvida de que as escolas atuais e futuras, cada uma no seu ramo, serão sensíveis pontos de ressonâncias da atividade governamental em favor do desenvolvimento educacional, científico e tecnológico.*

*Todos juntos, somando forças para a instalação da Universidade, que será a grande vitória da juventude do Cariri."*

Encerrado o Simpósio Regional e oficialmente instalada a Fundação Educacional, resolvi permanecer mais um dia no Crato, para dialogar com os companheiros e traçar planos a serem executados em curto, médio e longo prazo, para a implantação da FEMARF.

Nesse ensejo fui surpreendido com a notícia de uma deliberação do GRUPO DE TRABALHO que, em reunião ordinária realizada a 26 de maio de 1975, havia procedido à eleição do primeiro Conselho Diretor da Fundação Educacional "MARTINS FILHO", na forma estabelecida pelo Estatuto. Mais ainda: os nomes escolhidos para compor o Colegiado seriam considerados empossados.



Fui eleito por unanimidade, à minha revelia, não obstante haver reiteradamente manifestado o meu pensamento contrário à idéia da Fundação, como o meio adequado para resolver os problemas do ensino superior no Crato.

Conforme já registrei anteriormente, passei o mês de maio de 1975 na Europa, retornando ao Brasil no dia 1º de junho. Em Fortaleza demorei-me uma semana, mas esse espaço de tempo foi curtíssimo para pôr em ordem os meus negócios, ordenar a pasta dos vários processos do CFE que eu deveria relatar em Brasília, nas sessões plenárias daquele mês.

Quando, na manhã de 7 de junho, cheguei ao Crato, dirigi-me sem perda de tempo ao Alto do Seminário, a fim de assistir à solenidade do Plantio do Novo Ipê.

À noite daquele dia, compareci ao salão nobre do Sesi, "Auditório Waldemar Garcia," para participar da solenidade de encerramento do Simpósio, sem tomar conhecimento do que anteriormente ocorrera.

Regressei para Fortaleza no dia 14 de junho, considerando-me devidamente investido no cargo de Presidente do Conselho Diretor da FEMARF.

Não me foi possível comparecer às três primeiras reuniões do Conselho Superior, as quais foram presididas pelo Conselheiro Dom Vicente de Araújo Matos.

Enviei para ser lida, pelo Presidente do Órgão Executivo da Fundação, Professor Doutor Plácido Cidade Nuvens, na terceira reunião, como matéria prioritária, uma proposta, por mim formulada, que iria implicar alterações no Estatuto e, conseqüentemente, na estrutura da FEMARF.

A minha proposta importava em modificação de vários artigos e parágrafos do Estatuto da Entidade, de modo que a direção superior da Entidade tivesse nova definição.

O assunto foi amplamente discutido e resultou na modificação do Art. 8º, passando o Conselho Diretor a ser assim constituído:

Um Presidente Honorário Vitalício; um Presidente Nato; quatro Membros Efetivos e dois Suplentes.

Em parágrafos do mesmo artigo se explicitou que o Presidente Honorário Vitalício será o Professor Antônio Martins Filho e o Presidente Nato será sempre o Bispo da Diocese do Crato.

Na reunião do Conselho Diretor da FEMARF, realizada a 2 de janeiro de 1976, sob a minha presidência, o assunto referente à minha proposta de modificação do Estatuto da Entidade já estava solucionado.

Em vista disso, apresentei oficialmente a minha renúncia e pusei a ocupar o cargo de Presidente Honorário Vitalício.

A Fundação, presidida pelo Bispo Diocesano, desenvolveu muitas atividades, chegando a promover gestões junto ao Conselho Federal de Educação, no sentido de ser criada uma Escola de Enfermagem, a funcionar no Crato.

A partir do fim do ano de 1976, foi-se concretizando a minha previsão: a Fundação Padre Ibiapina, pertencente à Diocese, passou a observar, de maneira mais acelerada, as funções que deveriam ser exercidas pela Fundação Educacional "MARTINS FILHO", cuja falta de recursos era evidente.

Por fim, a FEMARF ficou completamente desativada, sendo então o acervo do antigo INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR DO CARIRI (Faculdade de Filosofia do Crato e cursos já reconhecidos, etc), transferido para a Fundação Padre Ibiapina, que assumiu também todos os gastos para o funcionamento do ensino superior privado, no Crato.

Anos depois, o problema da criação da Universidade Regional do Cariri foi solucionado pelo Governo do Estado, assunto, aliás, que constitui outra história, a ser por mim devidamente registrada, no momento oportuno.

A Diocese do Crato, através da Fundação Padre Ibiapina, transferiu para a URCA, mediante avultada indenização por parte do Estado, os cursos e os móveis e imóveis

da antiga Faculdade de Filosofia do Crato. Mas, nada foi mencionado em relação à Fundação Educacional "MARTINS FILHO". Em verdade, ela foi desativada, porém não foi extinta.

Na condição de Presidente Honorário Vitalício, com direito a voz, irei oportunamente averiguar a situação atual da Fundação Educacional "MARTINS FILHO". É que tenho novos planos para ela, inclusive na cidade de Fortaleza, mas sempre respeitando os seus objetivos estatutários.



Professor José Newton Alves de Sousa, pioneiro na campanha de criação da URCA, da qual foi Vice-Reitor.

## CRIAÇÃO DA URCA PELO GOVERNO ESTADUAL

O Padre Francisco Sadoc de Araújo tornou-se credor de minha admiração pelo trabalho eficiente que executou no Conselho de Educação do Estado do Ceará, em favor do ensino de 1º e 2º graus.

Mas o Padre Sadoc também porfiava pela implantação de uma universidade com sede na Cidade de Sobral, tendo em vista a necessidade de preparar recursos humanos capazes de acelerar o desenvolvimento da zona Norte do Estado.

Naquele ensejo, seria difícil atingir este objetivo, pelas circunstâncias seguintes:

1. O governo da União tomara por norma a não duplicação de meios para o mesmo fim. Assim, existindo no Ceará uma Universidade Federal, a ela competia equacionar os problemas de natureza universitária.

2. O Governo do Estado, que fora compelido a aglutinar, em forma de Universidade, as antigas autarquias educacionais, entendia que não estava em condições de manter, por enquanto, outras instituições de igual porte.

Porém, o Padre Sadoc não se deu por vencido: apelou para o Município e, por fim, conseguiu a Universidade Vale do Acaraú-UVA, criada pela Câmara Municipal de Sobral, através da Lei nº 214, de 23 de outubro de 1968, em forma de Fundação de Direito Público.

Instalada a UVA, gradativamente foram criados novos cursos, de modo a compor o mosaico universitário.

Em palestra informal, disse ao amigo que o Conselho Federal de Educação, onde eu exercia as funções de Conselheiro, não admitia a existência de Universidade Municipal, em virtude de Lei baixada ao tempo do Ministro Gustavo Capanema (1934). Porém, Sadoc, sempre otimista, respondia:

— “Não há de ser nada. No fim, tudo dará certo”.

Na realidade assim aconteceu.

O trabalho executado pela Universidade Vale do Acaraú-UVA, em benefício da área geo-educacional em que passou a influir, foi tão importante, que, em 1º de outubro de 1984, conseguiu a sua encampação, pelo Estado, na condição de Autarquia Estadual, através da Lei nº 10.933. O importante Ato foi assinado pelo Governador Gonzaga Mota, verdadeiro benemérito da implantação do ensino em nível universitário, no interior do Estado do Ceará.

Segundo pronunciamento do Conselho Federal de Educação-CFE, só a partir de então a Universidade passou a existir de direito, daí resultando a convalidação de todos os atos acadêmicos praticados, na condição de Autarquia Municipal.

Essa vitória tão expressiva na Zona Norte do Ceará, notadamente a Cidade de Sobral, resultou do idealismo e, principalmente, da operosidade do Monsenhor Francisco Sadoc de Araújo, que dirigiu a UVA, até o início de 1990. A partir de então, com o afastamento do Padre Sadoc da Reitoria, foi ela ocupada pelo segundo Reitor, Professor Teodoro Soares, ao qual me reportarei, em vários tópicos de outros capítulos desta minha narração.

Nunca me esqueci da Faculdade de Filosofia do Crato, a pioneira, atendendo, na medida do possível, às suas reiteradas solicitações. A idéia da criação da Universidade Regional do Cariri jamais saiu das minhas cogitações. Pratiquei, aliás, alguns atos que me desagradaram, como, por exemplo, quando, no Conselho Federal de Educação, resolvi emitir parecer favorável à transformação dos objetivos do Instituto de Ensino Superior do Cariri, que ficaria praticando as atividades-fim da Faculdade, sendo transferidas as atividades-meio para a Fundação Padre Ibiapina, instituída pela Diocese do Crato. Aquilo me parecia uma medida que fora sugerida pelo então Diretor da Faculdade de Filosofia, Padre Gonçalo Farias Filho – pessoa muito atilada, que conseguiu, supervisionado pelo Bispo Dom Vicente de Araújo Matos, o domínio completo da mencionada Faculdade de Filosofia, com os vários cursos por ela criados, e legalmente reconhecidos, sob os auspícios da UFC.



Governador Luiz Gonzaga da Fonseca Mota, criador e grande benemérito da Universidade Regional do Cariri-URCA

Com a encampação da Universidade Vale do Acaraú, de Sobral, compreendi que havia chegado o momento de obtermos a Universidade Regional do Cariri-URCA, tendo como entidade mantenedora o Estado do Ceará.

Assim, pedi ao Governador Gonzaga Mota uma audiência, a fim de discutir o importante assunto.

Gonzaga Mota foi sensível às minhas ponderações e de logo manifestou o seu apoio às minhas idéias.

Indagou se eu poderia assumir a presidência de uma comissão de alto nível, que gostaria de designar imediatamente para tratar das medidas preliminares a serem adotadas, para criação e instalação da URCA, com o máximo de brevidade.

Com a minha resposta afirmativa, saí de Palácio já autorizado a entrar em contato com as pessoas por mim sugeridas, que poderiam compor a comissão.

O primeiro nome indicado foi o do Monsenhor Francisco de Holanda Montenegro, membro do Conselho de Educação do Estado, Manuel Gonçalves Silva, meu eficiente Consultor Jurídico ao tempo da FUNEDUCE, e Sílvio Brás Peixoto da Silva, professor da UECE e presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, seção do Ceará.

Composta a Comissão, de logo fora publicada a Portaria de nomeação dos nomes citados que, sob minha liderança, iriam desempenhar a incumbência que lhes outorgara o Chefe do Poder Executivo Estadual.

Em tempo recorde, eu já estava com o Diário Oficial nas mãos e já havia recebido o Ato de minha designação pelo Governador. No momento em que eu estava recebendo a Portaria das mãos do Governador, eis que aparece, em Palácio, o Deputado Estadual Raimundo Bezerra, que também viajaria ao Crato, no dia seguinte, isto é, aquele em que eu deveria ali anunciar a futura instalação da Universidade Regional do Cariri-URCA.

Surpreendeu-me o Governador, quando disse para o Deputado:

“— Ótimo, Raimundo, porque você também me representará, no Ato de divulgação da notícia da instalação da URCA, juntamente com o Reitor Martins Filho”.

No Crato, a situação da Faculdade de Filosofia estava completamente modificada. O Instituto de Ensino Superior do Cariri já não era mais a entidade mantenedora da Faculdade que, gradativamente, foi sendo incorporada à Fundação Padre Ibiapina, instituída pela Diocese do Crato.

Com o afastamento do Professor José Newton Alves de Sousa, e do Doutor Raimundo de Oliveira Borges, da Direção da Faculdade de Filosofia, esta passou a ser dirigida pelo Padre Gonçalo Farias Filho, o qual sintonizava com Dom Vicente e executava suas idéias, sem tergiversar, naquilo que pudesse parecer *capitis diminutio* para a Fundação Padre Ibiapina.

Os meus companheiros da velha guarda, aqueles que ao meu lado trabalharam pela instalação e manutenção da Faculdade de Filosofia, e também a população geral da minha cidade adotiva, acolheram o meu convite, lotando literalmente o Salão da Rádio Educadora, para tomar conhecimento oficial da mensagem dirigida ao povo do Crato, da próxima instalação da Universidade Regional do Cariri-URCA, a ser criada pelo Governo do Estado, através de Projeto de Lei que, em breve, seria encaminhado ao Poder Legislativo.

A noite se tornou empolgante, com representantes das cidades de quase toda a Região do Vale do Cariri e de cidades vizinhas dos Estados do Piauí, Pernambuco e Paraíba.

Composta a Mesa, assumi a Presidência da Solenidade, fazendo uso da palavra em primeiro lugar.

Reportei-me inicialmente à minha posição adotada em 1975, ao ser instituída a Fundação Educacional “MARTINS FILHO”, que eu acreditava não chegaria nem mesmo a ser criada ou, se o fosse, teria uma existência efêmera, por falta de recursos, como efetivamente aconteceu.



Agora não. O poder Público Estadual iria assegurar o funcionamento com relativa facilidade, pois que, depois de criada e instalada, não lhe faltariam dotações permanentes, para custear a nova Universidade.

Manifestei, até mesmo de maneira exagerada, o meu entusiasmo, externando a certeza de que o grande sonho da elite intelectual da região estaria esplendidamente concretizado, em breve espaço de tempo.

A seguir falaram o Deputado Raimundo Bezerra e, ainda, Dom Vicente de Araújo Matos. O primeiro analisou o evento sob o seu aspecto político, para enaltecer o acerto da deliberação assumida pelo Governador Gonzaga Mota. O Deputado Raimundo Bezerra, aliás, foi muito elegante, informando à assistência que tudo que dissesse respeito à instalação da Universidade seria da responsabilidade da Comissão de alto nível por mim dirigida. O outro orador, Dom Vicente, Bispo Diocesano, teceu louvores à iniciativa do Chefe do Poder Executivo Estadual e conclamou a todos os caririenses que ocupavam posição de destaque na Região, para que dessem o seu indispensável apoio à Universidade a ser criada.

Notei que o Bispo, em sua bela oração, foi bem comedido, sem manifestar aquele entusiasmo exagerado, ao ser criada a Fundação "MARTINS FILHO", da qual ele ainda era Presidente, já então em caráter vitalício.

Naquela minha curta estada no Cariri, visitei as Prefeituras de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, ajustando planos para a instalação de novas Escolas ou Faculdades, no Anteprojeto que a Comissão, sob a minha presidência, iria em breve apresentar ao Governador Gonzaga Mota.

Retornando a Fortaleza, procurei, sem perda de tempo, entrevistar-me com o Governador, para lhe dar ciência de como fora recebida, no Crato e nas cidades vizinhas, a notícia da próxima criação da Universidade Regional do Cariri-URCA.

Manifestei o meu desejo de instalar a Comissão de alto nível imediatamente, pelo que encarecia que ficasse de logo definido o local onde deveríamos funcionar. No dia imediato, passamos a ocupar uma sala no primeiro andar, da ala onde funcionava o Salão de Despachos do Palácio da Abolição, bem próximo ao Gabinete do Governador.

Convocados os Membros da Comissão, estabelecemos inicialmente a pauta de trabalho a ser cumprida a curto e médio prazo, a começar por uma visita ao Governador, na qual foram explicitadas as tarefas iniciais que iríamos executar.

Já devidamente instalado, tomei a iniciativa de visitar a Assembléia Legislativa do Estado, sendo ali recebido pelo Presidente Castelo de Castro e pelos Deputados que representavam a Região do Cariri.

Depois de expor, de maneira sucinta, o motivo de minha visita, disse que gostaria de ouvir o pronunciamento de nossos parlamentares sobre o assunto.

O primeiro a fazer uso da palavra foi o deputado Raimundo Bezerra, líder do Governo na Assembléia Legislativa. Falaram em seguida os Deputados Carlos Cruz, em nome da população de Juazeiro do Norte e, ainda, o Deputado José Kleber Callou. Todos, bastante eufóricos, aplaudiram a iniciativa do Governador, quanto à criação da URCA e foram pródigos em elogios à minha pessoa, em virtude de minha persistência em favor do advento de uma Universidade para o Cariri.

Alguns dias depois compareci ao Conselho de Educação do Estado do Ceará, onde eu gozava do privilégio de ter sido eleito Conselheiro Honorário, havendo ainda a circunstância de, naquele ensejo, encontrar-se na Presidência do Colegiado o meu irmão Cláudio Martins.

A minha visita tomou quase todo o expediente do horário matutino e o assunto Universidade Regional do Cariri-URCA foi amplamente analisado.

A montagem do processo de criação da URCA passou a ser prioridade, de acordo, aliás, com o que a Comissão havia planejado.

Contei com a ajuda muito eficiente do meu colega de Comissão, Prof. Manuel Gonçalves Silva. Este meu prezado amigo havia anteriormente exercido as funções de Consultor Jurídico da Fundação Educacional do Ceará-FUNEDUCE -, ao tempo em que liderei o movimento de criação e de implantação da Universidade Estadual do Ceará - UECE -. A sua eficiência, aliada ao meu conhecimento das normas baixadas pelo Conselho Federal de Educação, em matéria de Universidade, permitiram que executássemos, minuciosamente, a montagem do processo da URCA, em tempo recorde.

Poderíamos ainda ter um resultado mais positivo, porém nos surgiram dúvidas quanto à possível e esperada encampação, pela URCA, dos cursos ministrados pela Faculdade de Filosofia, já àquela época incorporados à Fundação Pe. Ibiapina, pertencente à Diocese do Crato.

Eu esperava que este assunto não iria constituir problema, pois que, Dom Vicente de Paulo Araújo Matos, Bispo Titular da Diocese, parecia-me ainda muito interessado na criação da Universidade e, portanto, não lhe opondo qualquer obstáculo.

Porém eu estava completamente equivocado, como será demonstrado nas páginas que se seguem.

Tenho a impressão de que Dom Vicente de Araújo Matos, possivelmente advertido pelo seu fiel assessor Padre Gonçalo Farias Filho, ficou convencido de que a melhor política a seguir seria a de tratar do assunto encampação da Faculdade de Filosofia à URCA, diretamente com o Governador.

Daí a explicação daquela resistência em discutir comigo o montante que desejava receber para efetuar a transferência dos cursos e dos móveis e imóveis da Faculdade de Filosofia à URCA.

Como todos os assuntos inerentes à criação da URCA deveriam por mim ser tratados, insisti na transferência da Faculdade e dos cursos por ela ministrados, já então por escrito.

Nada consegui de positivo nos meus sucessivos encontros com Dom Vicente, mesmo quando recorri ao Reitor Magnífico da Universidade Federal do Ceará, José Anchieta Esmeraldo Barreto, que concordou em visitar, em minha companhia, a cidade do Crato, como mediador, diante dos meus argumentos e da posição verdadeiramente radical em que se encontrava o Bispo, na defesa dos interesses da Fundação Padre Ibiapina.

Por outro lado, muito me magoaram os comentários, repetidamente divulgados pelo porta-voz da Fundação Padre Ibiapina, através dos microfones da Rádio Educadora do Cariri.

Dizia o repórter que eu estava de tal modo ambicioso em relação ao assunto, que só faltava exigir, para que a operação de transferência se realizasse, o anel do Bispo Diocesano.

De conformidade com o modelo de Universidade que, necessariamente, teríamos de adotar, a nova Instituição prescindia da Faculdade de Filosofia do Crato; mas eu desejava tratar do assunto no corpo do anteprojeto de lei que estávamos elaborando. Se depois que instalássemos a Universidade não houvesse nenhum dispositivo prevendo a possibilidade da incorporação por mim desejada, poderia ocorrer a hipótese de os cursos de que precisávamos serem por nós mesmos criados e isso importaria a desativação daquilo que, com recursos da UFC, eu havia instalado, com tanto entusiasmo.

Em vista disso, e absolutamente convencido de que com Dom Vicente de Araújo Matos não encontraríamos uma fórmula de definir no corpo do nosso anteprojeto de lei a encampação da Faculdade de Filosofia, deliberamos fazer

constar no mesmo documento um dispositivo autorizando ao chefe do Poder Executivo incorporar à URCA a Faculdade de Filosofia do Crato, mediante indenização justa, a ser avaliada por Comissão para tal fim designada pelo Governador do Estado.

Apresentei esta fórmula à Comissão encarregada de estudar as medidas preliminares para a criação e instalação da Universidade. Sendo a nossa sugestão aprovada por unanimidade, passou ela a fazer parte do projeto de lei a ser remetido pelo Governador do Estado à Assembléia Legislativa.

Concluída a redação do anteprojeto de lei, e já aprovado por toda a Comissão, dirigi-me ao Gabinete do Governador para submeter à apreciação do Chefe do Poder Executivo o trabalho por nós elaborado.

O modelo inicial seria a instituição de uma Fundação de direito privado mantida através de dotações do Governo e também com rendas próprias e doações de instituições nacionais e internacionais.

Antes de chegar ao Salão de Despachos, encontrei-me com o líder do governo na Assembléia Legislativa, Deputado Raimundo Bezerra, e uma comissão de alunos e professores do Cariri, que desejavam discutir com os membros da Comissão importantes reivindicações.

Das conversações mantidas com esses alunos e professores, resultou a mudança da natureza jurídica da entidade mantenedora, de Fundação de direito privado para uma autarquia educacional de regime especial, ficando, conseqüentemente, a instituição transformada em uma pessoa jurídica de direito público.

Especificamente quanto aos professores, as reivindicações por eles apresentadas deveriam ser previstas na Lei e disciplinadas no Estatuto, como realmente aconteceu.

Com a aprovação plena de todos os membros da Comissão, a matéria foi levada ao conhecimento do Go-

vernador Luiz de Gonzaga Fonseca Mota, que, sem comentários, aprovou o anteprojeto de lei, bem como a minuta da mensagem a ser encaminhada ao Poder Legislativo.

Na Assembléia, a matéria foi distribuída às Comissões Técnicas, onde passou a ser exaustivamente analisada e debatida, notadamente pelos parlamentares da região do Cariri. Daí resultaram muitas modificações no projeto elaborado pelo Poder Executivo, algumas, aliás, desnecessárias, como, por exemplo, o dispositivo que explicita serem os cursos da Universidade, "de caráter público e gratuitos", o que é óbvio, quanto se trata de uma autarquia educacional criada e mantida pelo Poder Público.

Na qualidade de Presidente da Comissão designada pelo Senhor Governador, para tratar da criação da URCA, a minha posição na Assembléia tornou-se bastante delicada, porque eu não gostaria de que fosse alterada a estrutura da Instituição, mas tive de fazer muitas concessões, pois que o meu objetivo essencial era o da criação da Universidade Regional do Cariri.

Este fato auspicioso efetivamente ocorreu, sendo esta grande conquista consumada no dia 9 de junho de 1986, através da Lei Estadual nº 11.191, da mesma data.

Convidei os membros da comissão, para que, reunidos, comparecêsemos ao Gabinete do Governador do Estado, a fim de informarmos a Sua Excelência que a nossa missão estava terminada e também congratular-nos com o Poder Público Estadual, pela grande iniciativa então executada, em favor de toda a região do Cariri e das cidades adjacentes dos Estados do Piauí, Pernambuco e Paraíba.

Tivemos o ensejo de ouvir agradecimentos calorosos de Sua Excelência aos membros da Comissão que efetivamente executou, sem ônus para o Poder Público, tarefa altamente meritória, em favor do ensino de nível universitário, que irá promover o desenvolvimento econômico, científico, social e cultural da Zona Sul do Estado do Ceará.

## IMPLANTAÇÃO E INSTALAÇÃO DA URCA

Em consonância com o que havia sido anteriormente acertado, houve por bem o Senhor Governador Gonzaga Mota baixar o ato de minha designação para exercer as funções de Reitor pro tempore da Universidade Regional do Cariri - URCA.

Após minha posse, passei a agir, sem perda de tempo, primeiramente elaborando um Quadro de Pessoal Provisório, prevendo as funções que se tornavam necessárias para o funcionamento da URCA.

Atendida esta necessidade essencial, foram por mim designados os meus auxiliares de confiança.

Recorri a velhos companheiros de lides universitárias, entre os quais, o professor Manuel Gonçalves Silva, a quem confiei a minha Assessoria Especial para Assuntos de Legislação e Normas.

A seguir, foram feitas todas as designações para as diversas Assessorias que, naquela fase inicial, tinham atividades idênticas às de Pró-Reitorias, sendo escolhidas para exercê-las as seguintes pessoas:

— Clodomir Santa Cruz de Carvalho, Assessor Especial para Assuntos de Administração - João Téofilo Pierre, Assessor Especial para Assuntos de Planejamento, - José Benevides Medeiros - Assessor Especial para Assuntos de Ensino, Pesquisa e Extensão (substituído posteriormente por José Gomes de Magalhães) - e, finalmente, Maria Sarah Esmeraldo Cabral, Chefe de Gabinete do Reitor.

Detive-me quanto ao preenchimento do cargo de Vice-Reitor, porque a minha preferência seria a de que meu substituto na Reitoria da URCA fosse o velho companheiro Newton Alves de Sousa, como reconhecimento do seu manifesto e constante interesse na criação de uma Universidade para o Cariri, desde o momento em que a idéia foi ventilada.

Por outro lado, eu achava imprescindível que ele continuasse vinculado às instituições em que trabalhava, na Bahia, notadamente a Universidade Católica.

Mesmo que a sua cooperação à URCA fosse prestada parcialmente, sem prejuízo das atividades que vinha exercendo em Salvador, tínhamos de encontrar, como realmente encontramos, uma maneira que tornasse possível conciliar as duas situações.

Assim, no dia 28 de julho de 1986, foi assinado pelo Governador Gonzaga Mota o ato de nomeação do Professor José Newton Alves de Sousa para Vice-Reitor pro tempore da URCA.

Empossada a totalidade da minha equipe de primeiro escalão, sugeri e consegui a criação de um Escritório de Representação da URCA, em Fortaleza, na sede de uma das Universidades existentes, recaindo a escolha na Universidade Federal do Ceará.

Esse escritório, integrante da estrutura da Universidade, funcionava à guisa de Reitoria, porquanto nem todos os meus auxiliares poderiam imediatamente exercer as suas funções no Crato.

Transportei-me, sem perda de tempo, para o Cariri, a fim de, no Crato, iniciar o nosso programa de trabalho. Para que isso se realizasse, tivemos de alugar um prédio residencial, a fim de que nele funcionasse aquilo que chamávamos de Reitoria da URCA.

Mas um problema sério que tive de enfrentar foi exatamente o de conseguir a liberação do crédito especial previsto na lei institucional da URCA. Com exceção do Governador, que nos atendia com a máximo de solicitude, deparei uma má vontade generalizada, não só da Secretaria de Planejamento do Estado, mas, principalmente, da Secretaria da Fazenda.

O Governador expedia ordens expressas para que, na forma da lei, liberassem um terço do total dos seis milhões



de cruzeiros, correspondente ao crédito especial, mas as autoridades fazendárias adotavam a teoria fisiocrática de François Quesnay, do "laissez faire, laissez passer".

Foi assim uma verdadeira batalha para recebermos os dois milhões de cruzeiros, que nos possibilitariam iniciar o nosso Programa de Trabalho.

Reunido com os meus Assessores Especiais, passamos a definir a estrutura a ser adotada na URCA, em tudo observando as normas baixadas pelo Conselho Federal de Educação.

Estabelecemos os Centros Básicos e seus respectivos Cursos, de modo a cobrir todas as áreas, constantes das normas baixadas pelo CFE, a saber:

1. Centro de Estudos Sociais Aplicados, compreendendo:
  - Direito
  - Ciências Econômicas
  - Administração
  - Serviço Social
  - Pedagogia
  
2. Centro de Humanidades
  - Letras
  - História
  
3. Centro de Ciências da Saúde
  - Enfermagem e Obstetrícia
  - Educação Física
  
4. Centro de Ciências e Tecnologia
  - Matemática
  - Geografia

- Formação de Tecnólogo, em nível superior, com as seguintes modalidades:
  - a) Construção Civil e Edificações
  - b) Topografia e Estradas
  - c) Processamento de Dados
- Engenharia Florestal

Os pontos considerados de irradiação cultural e científico ficaram assim localizados:

Cursos no Crato:

- Direito
- Ciências Econômicas
- Enfermagem e Obstetrícia
- Letras
- Geografia
- História
- Pedagogia

Cursos em Juazeiro do Norte:

- Administração
- Educação Física
- Matemática
- Formação de Tecnólogo, em Nível Superior

Cursos em Barbalha:

- Serviço Social
- Engenharia Florestal

Desses cursos, vários já existiam pertencentes ao Poder Público Estadual: - Direito e Economia, no Crato; e Matemática e Formação de Tecnólogo, com as respectivas modalidades, em Juazeiro do Norte.

Baseados nesse esquema, passamos a elaborar o Estatuto da Universidade Regional do Cariri, a ser apresentado ao Chefe do Poder Executivo, dentro do prazo de 90 (noventa) dias, para atender ao disposto no artigo 19 da lei institucional da URCA. Esse prazo se tornou insuficiente, pelo que solicitamos ao Governador uma prorrogação, que nos foi concedida imediatamente.

Para mim constituiu uma preocupação muito séria o fato de haver ficado na competência do Senhor Governador do Estado o problema da encampação da Faculdade de Filosofia do Crato, assunto que se encontrava ainda na estaca zero.

É que a Comissão Especial designada pelo Governador para proceder às necessárias avaliações não obteve resultado satisfatório, de modo a tornar possível a solução do problema. Os dirigentes da Fundação Padre Ibiapina, mesmo dialogando diretamente com o Governador, persistiram em não aceitar a indenização nos quantitativos que o Chefe do Poder Executivo considerava justos, com base nos dados do Relatório da mencionada Comissão.

A despeito desta evidência que, cada vez mais me surpreendia, tive de agir com os meus auxiliares imediatos como se a Faculdade mencionada não existisse, porquanto a finalidade essencial era a de instalar, o mais breve possível, a Universidade.

Preparamos, assim, todas as peças que iriam compor o processo de autorização de funcionamento da URCA, a ser encaminhado à Presidência da República, por intermédio do Ministério da Educação.

Esse processo teria de passar imediatamente pelo crivo do Conselho de Educação do Estado, a quem competia a análise prévia de todos os requisitos estabelecidos na lei e nas normas do Conselho Federal de Educação, aplicáveis à matéria.

Felizmente, no Conselho de Educação do Estado do Ceará, então presidido pelo meu irmão, Professor Cláudio

Martins, e ao qual pertencia o nosso colega de Comissão, Monsenhor Francisco de Holanda Montenegro, contamos com o máximo de boa vontade, notadamente no que se referia ao cumprimento das várias diligências determinadas pelo mesmo órgão.

Tive a informação, através de uma fonte que merecia toda a credibilidade, de que o Presidente da Fundação Padre Ibiapina havia pleiteado o retardamento da tramitação do processo de autorização do funcionamento da URCA, sob a alegação de que não estava ainda resolvida a questão da encampação da Faculdade de Filosofia do Crato, aludida nos artigos 10 e 11 da lei de criação da Universidade. Esse argumento, aliás, no entender do relator do processo, tornara-se inteiramente irrelevante, porque, na literalidade dos dois artigos citados, estava prevista apenas a possibilidade de ocorrência da encampação. E, assim, antes mesmo de que esse resultado chegasse ao conhecimento do Presidente da Fundação Padre Ibiapina, o processo fora aprovado pelo Conselho de Educação do Estado e encaminhado ao Ministério da Educação, onde foi igualmente recebido com grande boa vontade dos técnicos e assessores do MEC.

De fato, encontrando-se na Chefia do Gabinete do Ministro, o Professor Paulo Elpídio de Menezes Neto, o nosso processo teve uma tramitação muito rápida, passando pelos diversos setores do Ministério, com prioridade e em prazo recorde.

Homologado pelo titular da Pasta, Ministro Jorge Konder Bornhausen, sua Excelência conduziu o processo em mão, no seu primeiro despacho subsequente com o Presidente da República, doutor José Sarney, sendo então baixado o Decreto nº 9.416, de 11/02/87, autorizando o funcionamento da Universidade Regional do Cariri - URCA.

Desse modo, quando o Presidente da Fundação Padre Ibiapina, Dom Vicente Matos, recorreu ao Chefe da Casa Civil da Presidência da República, deputado Marco Maciel, para interferir no assunto, já estávamos comemorando, no

Crato, a grande conquista realmente alcançada pelo Governo do Estado do Ceará e pelas autoridades da URCA.

Deus protege os homens de boa vontade!

Convém destacar a deliberação do Chefe do Poder Executivo, adotada em fins do ano de 1986, através da Lei nº 11.244, no sentido de dar nova dimensão à estrutura da Universidade Regional do Cariri, de modo que esta pudesse também servir outras localidades consideradas estratégicas para a irradiação cultural e científica da URCA.

Em conseqüência, para atender à necessidade de recursos humanos, na área específica de formação de profissionais do magistério, foi criada a Faculdade de Formação de Professores de Cedro, sediada na cidade de Cedro e que funcionaria como unidade integrante da URCA.

Durante a minha permanência como Reitor da Universidade Regional do Cariri, referida Faculdade não foi instalada, parecendo que, posteriormente, por iniciativa de ordem política, foi absorvida pela UECE.

Outro projeto que igualmente merece ser mencionado, consiste nas gestões que promovemos junto ao Ministério da Educação e Cultura, no sentido de ser instalada na cidade de Juazeiro do Norte uma Escola Técnica Modelo, que seria totalmente mantida com verba do Governo Federal, mas que deveria funcionar como Colégio de Aplicação da URCA.

O projeto, muito bem elaborado, não foi realizado, apesar da interferência do próprio Governador do Estado junto ao Gabinete do Titular da Pasta da Educação.

Quanto à instalação da URCA, tornou-se necessária a adoção de várias gestões para dirimir problemas de pouca monta e então ser fixada a data em que iria ocorrer a respectiva solenidade.

O ato oficial de instalação da Universidade Regional do Cariri aconteceu no dia 07 de março do ano de 1987,

na sede do SESI - Auditório Valdemar Garcia, na cidade do Crato.

Encontrei-me com o Governador do Estado e sua comitiva, no Triângulo, que dá acesso às cidades do Crato, Barbalha e Juazeiro do Norte, situado na periferia desta última cidade.

Todas as lideranças políticas da região do Cariri ali se reuniram para conduzirmos o Governador até o local da solenidade.

Ao chegarmos ao SESI, lá encontramos o que havia de mais representativo nas diversas classes sociais, para recepcionar estrepitosamente o homem público Luiz de Gonzaga Fonseca Mota, que se tornou sensível às nossas solicitações, no sentido de dar ao Cariri a sua primeira instituição universitária.

Começamos com o hasteamento das bandeiras do Brasil, do Ceará e do Crato, sendo que hasteadas já estavam as bandeiras das principais cidades da zona sul do Estado.

Ao som do hino nacional, os pavilhões foram alçados e freneticamente aplaudidos por uma verdadeira multidão ali concentrada.

Composta a mesa e iniciada a solenidade, ouviu-se a saudação de um aluno ao professor Antônio Martins Filho, enaltecendo o seu trabalho e aludindo aos grandes benefícios que a Universidade iria oferecer principalmente a todos os jovens que aspiravam a ingressar no curso superior.

Em seqüência, houve a apresentação do Pequeno Coral do Crato, mantido pela Sociedade de Cultura Artística do Crato e dirigido pela competente professora Divani Cabral.

Os números então oferecidos aos assistentes foram muito aplaudidos. É que aquele Pequeno Coral, composto de crianças de 4 a 12 anos, representava um motivo de orgulho para toda a comunidade cratense, pelo encantamen-

to que experimentavam as pessoas de sensibilidade que tiveram o ensejo de participar daqueles momentos de tanta euforia, naquela manhã histórica, que há de permanecer na lembrança de todos os caririenses que assistiram ao memorável evento.

Após a apresentação artística, falou o Senhor Governador do Estado, Professor Luiz de Gonzaga Fonseca Mota, externando a sua alegria, por ter o seu governo atendido à grande aspiração do povo do Vale do Cariri, notadamente as cidades do Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, e assegurando todo o seu apoio à Urca, para que ela pudesse desenvolver as suas atividades, do modo mais eficiente possível. Conclamou, ainda, as autoridades políticas e os homens de projeção da região a prestarem sua ajuda aos dirigentes da URCA, a fim de que esta viesse a atingir, no menor espaço de tempo, os seus elevados objetivos, nas áreas do ensino, da extensão, da pesquisa e da tecnologia.

Encerrando o governador a sua alocução, fez uso da palavra para, numa espécie de prestação de contas ao Governo e à sociedade, relatar as principais ocorrências dos dois anos dedicados à criação, implantação e instalação da URCA.

Por fim, solicitei ao Governador que nos concedesse a honra de declarar oficialmente instalada a Universidade Regional do Cariri.

O Professor Gonzaga Mota, visivelmente emocionado, teceu breves comentários e, como Chefe do Poder Executivo Estadual, proferiu estas palavras de importante significado histórico:

Declaro oficialmente instalada a Universidade Regional do Cariri - URCA, com sede nesta cidade do Crato.

De pé, toda a assistência aplaudiu, prolongadamente, o Chefe do Governo, representando aquela cena magnífica o mais importante evento, em todos os tempos, na área da educação e da cultura, na vasta e ubérrima região do Cariri.

Em prosseguimento, discursou o Deputado Humberto Macário de Brito, Superintendente da SUDEC, que, durante

a fase de criação e implantação da Universidade, prestou inestimável ajuda aos seus administradores, na execução das tarefas essenciais e que, naquele ensejo, expressou o pensamento político da Zona Sul do Estado, no que dizia respeito à colaboração que todos deveriam dar à URCA, acima das ambições partidárias.

Ao Vice-Reitor, Professor José Newton Alves de Sousa, coube a prerrogativa de apresentar o Brasão da Universidade, elaborado e concebido na Bahia, sob os seus auspícios. Teceu ainda várias considerações sobre a companhia de criação da URCA, da qual participou ativamente, em benefício de sua terra natal, como pioneiro das primeiras horas.

Falou, a seguir, o representante do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia do Crato, manifestando o regozijo da comunidade universitária, em decorrência do auspicioso acontecimento da instalação da URCA.

Por fim, Sua Excelência, o Senhor Governador do Estado, encerrou a solenidade, sendo vibrantemente aclamado por todos os presentes.

À noite daquele memorável sete de março de 1987, houve um lauto banquete nos salões do Crato Tennis Clube, que foi prestigiado com o que havia de mais seleta e de mais representativo no Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha e nas outras cidades da região sul do Estado, que recebem influência direta da Universidade Regional do Cariri.

Ultimadas as festas, compareci, em Fortaleza, ao Palácio do Governo, para devolver o cargo de Reitor *pro tempore* ao Governador Gonzaga Mota. Mas, sua Excelência recusou-se taxativamente a deferir a minha postulação, considerando dois motivos essenciais: primeiro, a minha dedicação no cumprimento da honrosa incumbência que houve por bem outorgar-me; segundo, o desempenho da competente equipe de professores e técnicos altamente credenciados, que tiveram a delicadeza de aceitar a mi-



nha liderança, naquela campanha de solução de um problema crucial para os intelectuais, professores, homens de projeção nas classes sociais, ou seja, o ensino de nível universitário, beneficiando um pólo geoeducacional de aproximadamente 80 municípios, os quais confinam o Ceará com os Estados do Piauí, Pernambuco e Paraíba.

Outro argumento do Governador Gonzaga Mota, do qual também não pude divergir, foi o advento de um novo Governo, que iria ocorrer 8 dias após o ato oficial da instalação da URCA.

Entendia o Professor Gonzaga Mota que o Governador eleito, Tasso Jereissati, talvez não pretendesse prescindir dos meus serviços, pelo menos enquanto não encontrasse um elemento devidamente credenciado a exercer, em sua plenitude, a titularidade do cargo.

Após a posse do Governador Tasso Jereissati, compareci ao Gabinete de Despachos do Palácio, para colocar o cargo à disposição do Chefe do Poder Executivo, que, aliás, encareceu a minha permanência nas funções, sob a alegativa de que não gostaria de assinar a minha exoneração.

Fiz ver a Sua Excelência que a minha missão estava terminada, razão pela qual já havia elaborado novos projetos de vida.

Acrescentei que, naquele ensejo, nós estávamos assistindo a uma cena inusitada: um servidor comissionado insistir na sua exoneração, e, ainda, em sua gestão, devolver saldo em dinheiro, no Banco.

O Governador riu e pediu-me para aguardar o meu substituto.

Com a minha missão totalmente cumprida, retornei à minha vida privada, e me senti feliz por ter conseguido mais essa vitória em benefício da minha terra.

Acrescento ainda que, ao lado do meu colega e amigo, Professor Manuel Gonçalves Silva, produzi o melhor que me foi possível, quanto ao sistema didático-pedagógico que

mais me pareceu adequado à região a que se destinava servir.

Chegamos até mesmo a elaborar uma projeção da Universidade Regional do Cariri, para 8 anos de existência harmônica e desenvolvimento crescente.

Se, porventura, mais esse esforço não deu o resultado que seria de esperar, a falha não foi de planejamento e sim de execução.

Em verdade, o monumento fora plasmado de forma grandiosa, capaz de resistir às intempéries da vida.

## ÍNDICE

EDITORIAL .....	3
EMPOSSADA NOVA DIRETORIA DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI .....	7
GRATIDÃO A MARTINS FILHO .....	8
O PROFESSOR ANTONIO MARTINS FILHO .....	9
CENTENÁRIO DO DR. ANTÔNIO DE ALENCAR ARARIPE .....	11
ANTÔNIO DE ALENCAR ARARIPE .....	14
CENTENÁRIO DO DR. LEÃO SAMPAIO .....	20
ADENDO GENEALÓGICO .....	36
PROF. JOSÉ HUBERTO TAVARES DE OLIVEIRA EMPOSSADO NA CADEIRA Nº 10 .....	45
APRESENTAÇÃO DE JOSÉ HUBERTO TAVARES DE OLIVEIRA EM SUA POSSE DE CADEIRA JUNTO AO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI .....	46
INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI EMPOSSA NOVO OCUPAN- TE DA CADEIRA Nº 19 .....	60
50 ANOS DA PARTIDA PARA A 2ª GUERRA MUNDIAL .....	78
ENCERRANDO A EXPOSIÇÃO DO CRATO 97 .....	80
EX-PRESIDENTE DO ICC .....	84
DOIS POEMAS DE EDÉSIO BATISTA .....	86
LEI Nº 1.697/97, DE 20 DE MAIO DE 1997 .....	89
LEI Nº 1.698/97, DE 20 DE MAIO DE 1997 .....	90
LEI Nº 1.692/97, DE 14 DE MAIO DE 1997 .....	91
LEI Nº 1.693/97, DE 14 DE MAIO DE 1997 .....	92
LEI Nº 1.694/97, DE 14 DE MAIO DE 1997 .....	92
LEI Nº 1.688/97, DE 15 DE ABRIL DE 1997 .....	93
LEI Nº 1.691/97, DE 20 DE MAIO DE 1997 .....	94
LEI Nº 1.695/97, DE 14 DE MAIO DE 1997 .....	95
SAUDANDO SIMEÃO LUNA MACHADO .....	96
EM CIRCULAÇÃO O LIVRO DE MONSENHOR MONTENEGRO	102

DR. GILBERTO COSTA .....	103
DR. FRANCISCO HERON DE ALENCAR .....	107
LOUVAÇÃO AO POETA NOVENTÃO! .....	112
FAMÍLIA CARTAXO .....	115
O COLÉGIO DIOCESANO DO CRATO GEO-DIOCESANO DO CRATO .....	125
PETRÓPOLIS, 3 DE SETEMBRO DE 1996 .....	139
MATEMÁTICA E POESIA .....	140
FALECEU D. LETÍCIA FIGUEIREDO ALBUQUERQUE .....	141
ANIMAL DE ESTIMAÇÃO .....	142
UMA UNIVERSIDADE PARA A TERCEIRA IDADE .....	144
DR. MOZART ALENCAR, MÉDICO E POETA! .....	146
DA CHAPADA DO ARARIPE AO "MINAS GERAIS" .....	148
DOCUMENTO HISTÓRICO .....	151
CARIRI .....	155
PERDA .....	157
TRÊS TROVAS PARA MEU PAI ANTERO MACEDO .....	159
MAGNANIMIDADE DO PE. ALENCAR .....	159
A PRISÃO DE DONA BÁRBARA .....	161
HOMENAGEM .....	162
ADENDA .....	163
FUNDAÇÃO "MARTINS FILHO" & SIMPÓSIO REGIONAL .....	167
DE NOVO O SIMPÓSIO & FUNDAÇÃO "MARTINS FILHO" .....	181
CRIAÇÃO DA URCA PELO GOVERNO ESTADUAL .....	194
IMPLANTAÇÃO E INSTALAÇÃO DA URCA .....	205



*A presente edição de ITAYTERA é uma  
cortesia da UFC, através do  
Programa Editorial  
da Casa de José de Alencar.*



Impresso na Imprensa Universitária  
da Universidade Federal do Ceará  
Av. da Universidade, 2932, Caixa Postal 2800  
Fortaleza - Ceará - Brasil